REVISTA

DA

Academia Mineira de Letras

VOLUME IX

BELO-HORIZONTE
IMPRENSA OFICIAL
1933

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

REVISTA

DA

Academia Mineira de Letras

VOLUME IX

BELO-HORIZONTE
IMPRENSA OFICIAL
1933

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

REVISTA

DA

Academia Mineira de Letras

VOLUME IX

BELO-HORIZONTE
IMPRENSA OFICIAL
1933

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA PÚBLICA
DE MINAS GERAIS
COLEÇÃO MINEIRIANA
Nº. 2.830
DATA 2-12-71

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

Academia Mineira de Letras

QUADRO SOCIAL

Diretoria

(Bienio 1933 — 1934)

Presidente — Prof. Anibal Mattos.
Secretário Geral — Dr. Arduino Bolivar.
1.º Secretário — Dr. Navantino Santos.
2.º Secretário — Dr. Alvaro da Silveira.
Tesoureiro — Avelino Foscolo.

Comissão de Contas

Drs. Arduino Bolivar, Mario de Lima e Navantino Santos.

Direção da Revista

Anibal Mattos, Arduino Bolivar e Mario de Lima.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

SOCIOS CORRESPONDENTES

—o—

Amazonas — Jonas da Silva.

Pará — Henrique Santa-Rosa.

Maranhão — Domingos Barbosa.

Ceará — Barão de Studart

Rio-Grande do Norte— Henrique Castriciano

Paraíba — Carlos D. Fernandes.

Pernambuco — Mario Sete.

Alagôas — Adalberto Marroquino.

Sergipe — Manoel dos Passos de Oliveira Teles.

Baía — Teodoro Sampaio.

Espirito-Santo — Elpidio Pimentel.

São-Paulo — Alfredo de Taunay.

Paraná — Dario Veloso.

Santa-Catarina — Dr. Carlos Corrêa.

Rio-Grande do Sul — Padre Carlos von Teschaeur.

Mato-Grosso — Desembargador José de Mesquita.

Goiaz — Sebastião Fleury Curado.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Relação das Cadeiras, seus atuais titulares e patronos

Num. 1—Albino Esteves. Cadeira "Visconde de Araxá".
" 2—Aldo Delfino. Cadeira "Arthur França"
" 3—Agripa de Vasconcellos, sucessor de Alphonsus de Guimarãens. Cadeira "Aureliano Lessa".
" 4—Alvaro da Silveira. Cadeira "Frei Conceição Veloso".
" 5—Amanajós de Araujo. Cadeira "Azevedo Junior".
" 6—Arduino Bolivar. Cadeira "Bernardo de Vasconcelos".
" 7—Avelino Foscolo. Cadeira "Luiz Cassiano.
" 8—Belmiro Braga. Cadeira "Batista Martins".
" 9—Bento Ernesto Junior. Cadeira "Josafá Belo".
" 10—Brant Horta. Cadeira "Claudio Manoel".
" 11—Carlos Góes. Cadeira "Frei Santa-Rita Durão".
12—Carlindo Lelis. Cadeira. "Alvarenga Peixoto".
" 13—Carmo Gama. Cadeira "Xavier da Veiga".

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

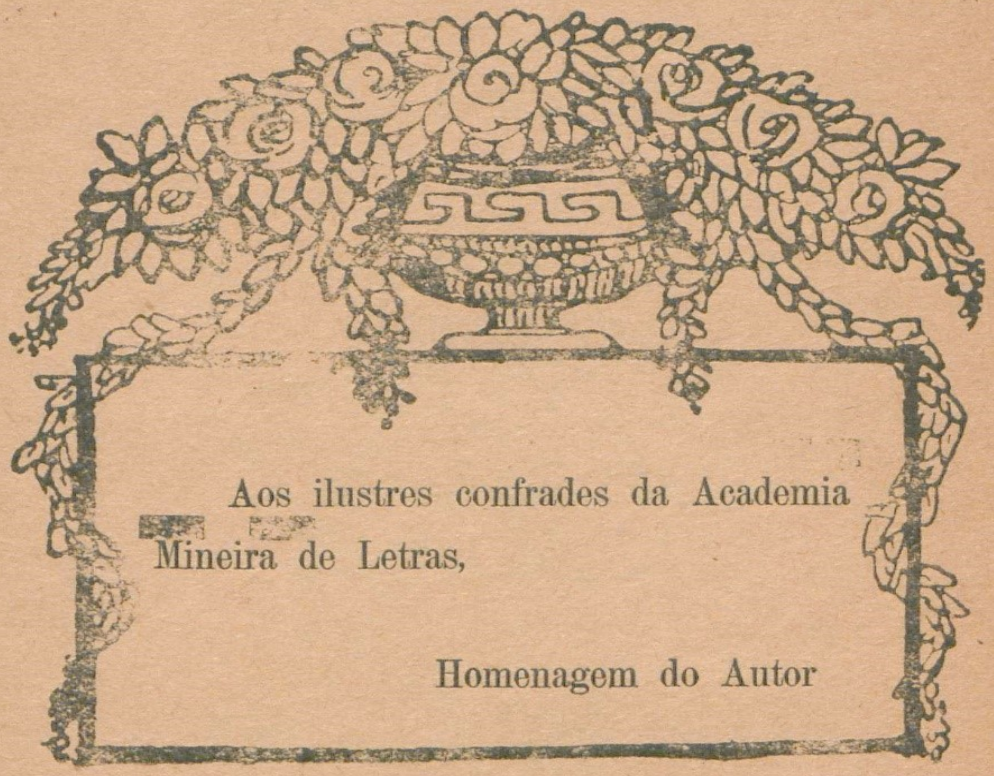
" 14—Almeida Magalhães, sucessor de Costa Sena. Cadeira "José Sena".
" 15—Dilermando Cruz. Cadeira "Bernardo Guimarães".
" 16—Mario Matos, sucessor de Diogo Vasconcelos. Cadeira "Francisco de Paula Candido".
" 17—J. A. Nogueira, sucessor de Eduardo de Menezes. Cadeira "Conde de Prados".
" 18—Abilio Barreto, sucessor de Estevam de Oliveira. Cadeira "Silva Alvarenga"
" 19—Cadeira "Padre Corrêa, de Almeida". (Com a morte de Francisco Lins, foi eleito o dr. Mario Mendes Campos, que ainda não tomou posse).
" 20—Franklin Maganhães. Cadeira "Arthur Lobo".
" 21—Gilberto de Alencar. Cadeira "Fernando de Alencar".
" 22—Heitor Guimarães. Cadeira "Julio Ribeiro".
" 23—Cadeira "Joaquim Felicio". Com a morte de d. Joaquim Silverio de Souza foi eleito o dr. Candido Martins de Oliveira, que ainda não tomou posse.
" 24—João Lucio Brandão. Cadeira "Barbara Heliodóra".
" 25—João Massena. Cadeira "Augusto Franco".

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

" 26—José Eduardo da Fonseca. Cadeira "Evaristo da Veiga".
" 27—José Paixão. Cadeira "Corrêa de Azevedo".
" 28—José Rangel. Cadeira "Americo Lobo".
" 29—Lindolfo Gomes. Cadeira "Aureliano Pimentel".
" 30—Luiz de Oliveira. Cadeira "Oscar da Gama".
" 31—Machado Sobrinho. Cadeira "Lucindo Filho".
" 32—Mario de Lima. Cadeira "Marquez de Sapucaí".
" 33—Mario Magalhães. Cadeira "Edgard da Mata".
" 34—Noraldino Lima, sucessor de Mendes de Oliveira. Cadeira "Tomaz Gonzaga"
" 35—Navantino Santos. Cadeira "João Pinheiro".
" 36—Nelson de Sena. Cadeira "José Eloi Otoni"".
" 37—Anibal Matos, sucessor de Olimpio de Araujo. Cadeira "Basilio Furtado".
" 38—Honorio Harmond, sucessor de Paulo Brandão. Cadeira "Beatriz Brandão"
" 39—Plinio Mota. Cadeira "Basilio da Ga-Gama".
" 40—Afonso Pena Junior, sucessor de Pinto de Moura. Cadeira "Visconde de Caeté".

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS



Aos ilustres confrades da Academia Mineira de Letras,

Homenagem do Autor

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

ANIBAL MATTOS

(Das Academias Mineira e Fluminense de Letras)

Almas Solitarias

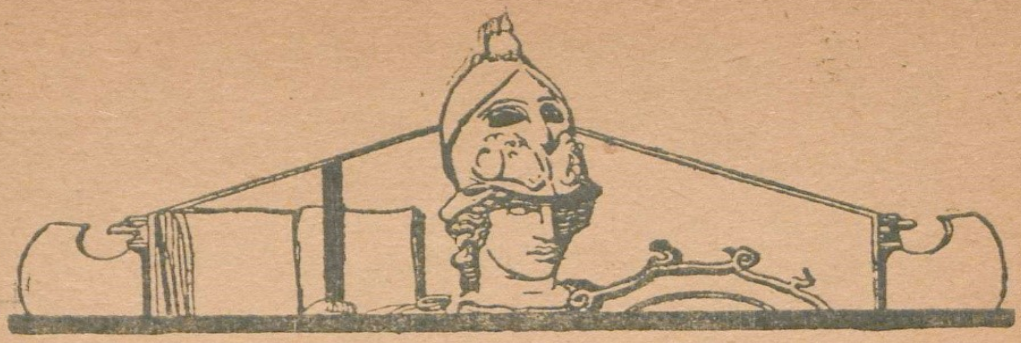
Peça Dramatica em V Episodios

BELO-HORIZONTE

MCMXXXIII

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS



FIGURAS DA PEÇA

Henrique

Padre José

Theodoro

Amancio

João

Julia

Clarinha

Adelia

Rosa

Ação em Minas-Gerais e Rio de Janeiro

Época Atual

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

I EPISODIO

C E N A R I O

Ao alto de uma montanha. Terreno de mineração de ferro. A' D. uma casa rústica, com varanda de páus roliços prêsos por cipós. Parasitas. Arvorêdo á E.. Ao F. panorama de montanhas, de côr violácea, de minerio de ferro.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

CENA I

JOÃO, PADRE JOSE' e depois HENRIQUE.

JOÃO, a PADRE JOSE',
que entra pela esquerda.

Por estas alturas, padre José ?

PADRE

E' verdade.

JOÃO

E o animal ?

PADRE

Está aí próximo. Tomou conta dêle um dos rapazes. (*Noutro tom*) Como vái o nosso Henrique ?

JOÃO

Bem. Trabalhando um horror ! Depois que começou a estudar os melhoramentos para o alto fôrno até nem come direito.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

PADRE

Está empolgado, pelos estudos e experiências. E' um moço como poucos, êsse !

JOÃO

Não me fale ! Serve de exêmplo ! Também é o chefe mais estimado que temos tido. Simples e bondoso.

PADRE

Tem lutado pela vida ! Merece um bom prêmio.

JOÃO

Ele vai viajar amanhã.

PADRE

Ao Rio, por certo.

JOÃO

Sim, visitar uma tia que lhe serviu de mãe de criação.

PADRE

Tem me falado nela. Foi quem o criou. Henrique perdeu os pais muito cêdo.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JOÃO

Êle tem o retrato dela no quarto. E um outro que, pelos modos, também o interessa.

PADRE

Malicioso !

JOÃO

Deve ser da noiva. Leva muito tempo a contemplá-lo.

PADRE

Acho que ainda não estão noivos. Êle faloume em pedí-la quando fosse ao Rio.

JOÃO

Então deve estar para breve. Mas o senhor acha que o dr. Henrique possa casar-se agora ? Os serviços da mina vão prendê-lo ainda por muito tempo nestas montanhas, longe das cidades. Para quem está habituado, esta solidão não impressiona mal. Mas...

PADRE

Não deixas de ter razão. E' um problema que precisa de esclarecimento. Eu falarei hoje ao Henrique a respeito. (*Depois de uma pausa*). Na verdade é preciso pensar neste caso. Isto

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

aqui é monótono. Não ha convivência. Nos primeiros tempos tudo iria bem. Seria uma novidade.

JOÃO

Mas... depois...

PADRE

Talvez chegasse o aborrecimento, o tédio... (*Noutro tom*). Afinal, estamos a fazer suposições. Que sabemos nós para nos adiantarmos nestes comentários talvez errados? Sim, estamos fantasiando. A moça poderá habituar-se e apreciar a vida do sertão...

JOÃO

Hum... Quem sabe?...

PADRE

Duvidas?

JOÃO

Acho que sim, senhor Padre.

PADRE

Julgas tão atraente a vida das grandes cidades?...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JOÃO

Conheço apenas a vida das pequenas cidades. Mas, pelos jornais e revistas, eu imagino a sedução do Rio !

PADRE

Disseste bem — a sedução... Na realidade o que ha é mesmo isso...

As metrópoles são como os polvos enormes, têm tentáculos possantes e irresistíveis...

CENA II

PADRE JOSE', JOÃO e HENRIQUE — *Henrique entra, com um costume de montaria. Grande chapéu, perneiras, ou botas de couro. Barba á nazarena. E' um tipo bonito e forte de hommem do campo, apesar de seus modos distintos, de sociedade.*

HENRIQUE, *reparando*

Padre José, por estas brenhas ?!

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

PADRE

Sim. Não tens descido. Fui, pois, obrigado a subir, para ver-te.

HENRIQUE

Muito obrigado! o trabalho tem aumentado. Estou num período de importantes experiências.

PADRE

Sim, o teu invento...

HENRIQUE

Exatamente. Estou muito esperançado. As novas modificações deram excelente resultado; estou quasi no têrmo das minhas lutas. (*Com alegria*). Ah! se vencer, ficarei em ótima situação perante os diretores da Companhia. Chegaram a prometer-me interêsse nos negócios.

PADRE

Has de vencer, meu amigo.

HENRIQUE

Queira Deus! Ha mais de cinco anos que estudo êste invento com uma rara persistência.

PADRE

Ficarás rico!

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

HENRIQUE

Talvez...

PADRE

Nada mais justo! (*Noutro tom*). Pretendes ir ao Rio ?

HENRIQUE

Sim, amanhã. Preciso de obter algumas peças importantes para as máquinas que estou estudando.

PADRE

Irás para a casa de tua tia, com certeza.

HENRIQUE

Ah ! sim.

PADRE, *rindo.*

Com que efusão confirmaste a minha suposição...

HENRIQUE

E' que...

PADRE

E 'que... além da tua tia ha uma prima...

HENRIQUE

Ora, padre José...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JOÃO, *maquinalmente.*

Pois é !

HENRIQUE

Hein ? !

JOÃO, *disfarçando*

Pois é... eu vou indo... (*Sái*).

HENRIQUE

Estavam conspirando, não ?

PADRE

Falamos a teu respeito... de tua futura noiva... (*Uma pausa*). Afinal, bem sabes, sou teu amigo e...

HENRIQUE

E confidente, além de confessor...

PADRE

Imaginamos que viesses um dia, casado, para estas montanhas...

HENRIQUE

Se me casar terei de vir mesmo para cá, com minha espôsa.

PADRE

Disso falavamos exatamente. E achas que a tua espôsa se daria bem aqui, nesta solidão ?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

HENRIQUE

Porque não? Desde que ela me tenha amor...

PADRE

E' que ás vezes... ás vezes...

HENRIQUE

Fale, padre...

PADRE

Meu amigo, a vida da sociedade tem encantos irresistíveis. Bem sabes que o Rio de Janeiro é uma cidade admirável. E' verdade que eu não conheço a tua futura noiva. Não sei como ajuizar neste caso. Receio contudo que...

HENRIQUE

Clarinha gosta muito de mim. Crescemos juntos... Ela virá para aqui com prazer, estou certo.

PADRE

Tanto melhor, ainda bem.

HENRIQUE

Não a vejo ha perto de dois anos. Não creio que ela tenha mudado. Minha tia não tem fortuna; vive modestamente e deu a Clarinha uma edu-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

cação de acôrdo com essa situação. Ela é simples de maneiras, sincera e ajuizada.

PADRE

Alegro-me com essa notícia.

Confesso que tinha ficado momentaneamente apreensivo, com receio de que tua futura mulher se não adaptasse a êste meio, um tanto rude e, principalmente, distituido de grande interêsse. Terás de ir para o teu trabalho. Ficarás absorvido horas inteiras com as máquinas, com os serviços, em suma. Este isolamento póde ser muito agradável para aqueles que se habituam ao silêncio, a essa vida interior, toda cheia de evocações ricas para o espírito. Eu imagino o desespêro de uma criatura de vida mundana e elegante, em meio destas matas e destas montanhas, sem ambiênte para as suas expansões, para os seus hábitos de sociedade... Devia ser horrível, decepcionante, a sua permanência aqui, apesar de todo o amor de um espôso dedicado.

HENRIQUE

Mas o meu caso...

PADRE

Sim, o teu caso é outro, bem sei.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

HENRIQUE

Partirei amanhã. Depois lhe direi o que houver. Pedirei a mão de Clarinha e espero vê-la aqui, satisfeita, compartilhando da minha vida, animando-me em meus trabalhos, enchendo, enfim, de alegria êste isolamento de fim do mundo...

PADRE

Que Deus te ouça e te proteja! (*Noutro tom*). Acho que terei de ficar contigo. A noite me apanharia na serra, e eu não estou mais na idade de afrontar êsses caminhos em plena treva.

HENRIQUE

Bem sabe que me dará prazer com isso.

PADRE

Sim, sim. Obrigado. E como sei que o meu quarto está sempre pronto, vou repousar um pouco.

(*Entra. Henrique fica pensativo e preocupado. Passeia, nervoso repentinamente. João entra, seguido de Rosa, sertaneja de 18 anos*).

JOÃO

Você fala como tonta que você é.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ROSA

Ora, seu João, cada um fala como sente.

JOÃO

Lá isso é verdade.

HENRIQUE

João, padre José fica conôsco. Manda tirar os arreios da bêsta.

JOÃO

Sim senhor. (*Sái á E.*).

HENRIQUE

De que falavam vocês ?

ROSA

Eu dizia a João que, se um dia fosse ao Rio, nunca mais voltaria aqui...

HENRIQUE

E porque ?

ROSA

Porque não iria trocar a cidade por estas brenhas ! Deus me livre !

HENRIQUE

Mas tu nasceste neste lugar.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ROSA

Ah! seu doutor, mas isto é horrivel...

HENRIQUE

Horrivel ? !

ROSA

E' tudo o mesmo, sempre. Mato e mais mato... montanhas, montanhas... As mesmas pessôas. Os dias são iguaisinhos... Até a comida que a gente come é sempre a mesma... E as noites ? Esta escuridão que parece entrar dentro da gente. Dá vontade de se gritar, de correr para onde haja luz, muita luz... Ah ! se eu pudesse fugir da noite !

HENRIQUE

Parece que todos pensam da mesma maneira! Estarei eu porventura enganado ?

ROSA, *sem compreender.*

Como ?

HENRIQUE, *agitado.*

Tu não sabes. E todos vocês me fazem sofrer uma hora amarga...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CENA III

HENRIQUE, ROSA e JOÃO

JOÃO

Pronto. (*Repara na agitação de Henrique*).

Que tem seu doutor ?

HENRIQUE

Sabes o que é a dúvida? Estou com êsse ferro em braza a queimar-me impiedosamente ! E' como se eu estivesse a protestar contra o irremediavel, num mundo de lutas e contradições.

JOÃO

Está nervoso, doutor ?

HENRIQUE

Estou perplexo, indeciso. Pela primeira vez, momentaneamente, me assalta o receio de que Clarinha, de fáto, não se adápte a êste lugar.(*A Rosa*)Tu tens razão, Rosa, a falta de luz, a treva densa das noites do sertão, os ruidos estranhos da mata, o uivar de algum lôbo errante, o canto lúgubre das aves noturnas, todo o misterio, enfim, dessas noites, tantas vezes sem luar e sem estrêlas, talvez lhe causasse verdadeiro terror. O isolamento do mundo... Será o seu amor maior que todos os desejos da vida mundana ? Encontrará

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ela neste convívio uma fonte inexgotável de felicidade ? Todas estas perguntas investem agora contra mim, despertando as fôrças latentes da dúvida. Eu me iludia a mim mesmo, alimentando o gesto luminoso e fecundo da própria imaginação, criando os domínios incomparáveis da felicidade...

CENA IV

Os mesmos e o PADRE, *que fica na varanda, observando em silêncio.*

JOÃO

Quem sabe, seu doutor ? ás vezes...

HENRIQUE

Todos vocês raciocinaram mais do que eu. E' que vocês olharam os prováveis acontecimentos com calma e ponderação, ao passo que eu me deixei arrastar, como era natural, pelo sonho e pelo amor. Vocês tiveram a impressão da mais viva realidade; eu deixei-me embalar pela música que, através dos séculos, tem espiritualizado os pensamentos dos que amam e sonham... (*Uma pausa. Decidido*). Partirei amanhã. Quero eu mesmo saber o que me reserva o destino... Tenho tido paciência para esperar; não me faltará cora-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

gem para sofrer se me estiver reservada a angústia suprema de uma desilusão.

PADRE, *descendo.*

Perdôa-nos, Henrique. Fomos nós os culpados da tua perplexidade. Não era nosso intuito despertar em teu espírito um mal inesperado.

HENRIQUE

Mas eu dou razão a todos. Tenho vivido prêso de um grande amôr, que tem sido para mim de esperanças e de sacrifícios. Tenho feito tudo para merecê-lo integralmente e, não sei porque, sinto na garganta qualquer cousa que se assemêlha a um estrangulamento. Só agora é que eu associo certas idéias e pensamentos temerosos, que tantas vezes me atormentaram momentaneamente.

PADRE, *penalizado.*

Henrique !

HENRIQUE

Tenho vivido aninhado na amizade que me cerca. Ao perscrutar as nossas noites eu nunca tive a impressão da própria treva, porque olhava para ela com o coração iluminado, sem angústias de alma, sonhando, afinal. Agora, porém, parece-me que de sua profundidade solene podem surgir cenários de dramas e de tragédias...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

PADRE

Tu és um arquitéto de imagens. Compreendo a tua sensibilidade.

HENRIQUE

Sou um apaixonado, e do amor ao delírio basta um passo apenas.

PADRE

Eu sempre admirei as virtudes de tua alma, a resistência do teu esfôrço, a fortaleza de teu ânimo.

HENRIQUE

Não modifique seu juizo a meu respeito. O meu amor me elevará sempre para novas alturas.

PADRE

Não desanimes. Procura sempre no teu íntimo a fôrça que te possa conduzir para o bem ou para a resignação que é, afinal, um bem supremo, pois representa uma graça divina...

(Há um silêncio. A noite cai lentamente, envolvendo as figuras numa sombra tênue e discreta. Ouve-se bater um sino á distância. Descobrem-se. O padre ben-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ze-se. Rosa ajoêlha-se e faz o sinal da cruz. O velário desce lentamente, enquanto uma voz canta, acompanhada de outras).

A VOZ

Já perdi toda a esperança
Ai ! a morte quem me déra !
Quando o bem nunca se alçança,
Quem espera desespera...

AS OUTRAS VOZES

Quando o bem nunca se alcança
Quem espera desespera !

Ai ! ai !

Desespera ! Desespera !

(Henrique num gesto brusco, embrenha-se pela noite. O Padre reza com mais fervor ainda).

ROSA, *com pena*

Coitado de seu Henrique !

PANO.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

II EPISODIO

C E N A R I O

Sala modesta, mas decentemente mobiliada. Duas portas de cada lado. Ao F., uma porta e duas janelas. Estatuêtas, quadros, muitas flôres em jarras. Piano. Algumas cadeiras estão desarranjadas.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

CENA I

ADELIA *e, logo depois, JULIA*
(*Adelia põe em ordem as cadeiras que estão fóra do lugar e limpa-as com um pano*).

JULIA, *entrando da D. A.*

Essa menina não sái hoje do quarto.

ADELIA

Já a deixei quasi preparada. (*Com afetação*). Naturalmente está dando os últimos retoques!

JULIA

Não me agradam os seus áres de melindrosa...

ADELIA

Não diga! Clarinha é o suco da goiaba!

JULIA, *escandalizada*

Que modos, Adelia! Isso é linguagem?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ADELIA

Todo mundo fala assim! (*Acaba de arrumar os moveis. Noutro tom*). Clarinha demora-se, mas vai aparecer por aí uma beleza. Ela deu agora para bancar a Miss Universo!

JULIA

Oh!

ADELIA

Naturalmente cuida do mais dificil: a correção de pequenos defeitos, e isso exige tepo e cuidado. Depois, o espelho quantas cousas lhe estará dizendo ao presenciar a sua graça...

JULIA

Adelia, eu gostaria mais de ti, se falasses menos.

ADELIA

E' impossivel, d. Julia, sinto muito; é de familia. Minha avó já era assim e meu avô também!

JULIA

Clarinha disse-te alguma cousa?

ADELIA

Ah! sim, disse que esta tarde o nosso vizinho, o sr. Amâncio, prometeu levá-la a passeio, no seu

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

automóvel (*Suspirando*). Ah! o automóvel! Eu se conhecesse quem inventou o automóvel, era uma mulher perdida...

JULIA

Que idéa! Porque?

ADELIA

Porque inventou a cousa melhor do mundo. Eu até estremeço toda quando ouço falar de automóvel... Parece que estou cheia de gasolina...

JULIA

Achas, então, que é por causa do passeio que Clarinha tanto se demora no seu quarto?

ADELIA

Deve ser, mas eu penso que...

JULIA

Em que pensas, criatura?

ADELIA

Sim, parece-me... (*Noutro tom*). Ah! que cabeça a minha! Preciso vestir ceroulas nestas cadeiras...

JULIA

Que dizes?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ADELIA

Por as capas, desculpe... Clarinha recomendou-me. Olhe, d. Julia, aqui anda dente de coelho. A senhora sabe que há três dias não chegam cartas do dr. Henrique? Para mim, isso é alguma surpresa que êle pretende fazer-nos. Clarinha, que é aguia, percebeu o plano e prepara-se para recebê-lo, com todas as honras... Estraga a surpresa do homem!

JULIA

Talvez seja isso mesmo, Adelia! (*Noutro tom*). Não ouviste barulho de passos?

ADELIA

Não, senhora, não ouvi...

JULIA

Ia jurar que alguem subia a escada...

ADELIA

Quem sabe se é êle, nas pontas dos pés... Ora, espere... (*Vai, até o F. cautelosamente e abre a porta. Exclama*). Ah! d. Julia, é o dr. Henrique mesmo!

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CENA II

ADELIA, JULIA E HENRIQUE

JULIA

Henrique!

HENRIQUE

Minha querida tia! (*Longo abraço*).

ADELIA

Como o dr. está bem disposto! o sr. está batuta!

HENRIQUE

Adeus, Adelia! (*Noutro tom*). E a prima Clarinha, onde está ela?

ADELIA

Deixei-a no toucador. Mulher diante do espêlho, namora-se...

JULIA, *impaciente*

Vai chamá-la, Adelia.

HENRIQUE

Mas, não diga que estou aqui...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ADELIA

Se pensa que ela não sabe... Pode ser... Mas, qual! Clarinha não é trouxa!

JULIA

Que modos, Adelia!

HENRIQUE

Porque desconfias?

ADELIA

Eu sei... Bem, eu lá vou. (*Noutro tom*). Veja que lindas flores! Não lhes sente o arôma? Foi ela própria quem as colocou na sala, com as suas pequeninas mãos. (*Com intenção*). As melhores rosas do jardim aí estão... rescendentes e amorosas! (*Noutro tom*). Chi!... eu agora falei bonito, heim, seu doutor?

JULIA, *impaciente*

Anda lá, criatura!

ADELIA

E' verdade, esqueci-me...

HENRIQUE, *a rir*

Não vá Clarinha suspeitar pelo teu aspéto...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ADELIA

Não se assuste, eu ficarei mais séria que uma abadêssa. (*Sai á d. A.*).

HENRIQUE

Sempre a mesma faladeira!

JULIA

Como vês, Henrique, mas sempre bôazinha. Não ha meio de corrigir-lhe a linguagem. Não ha termo de giria que lhe escape.

HENRIQUE

Hoje em dia se fala assim nos próprios salões da alta sociedade.

JULIA

Mas, senta-te. Quando chegaste?

(*Sentam-se*).

HENRIQUE

Ainda há pouco. Foi só o tempo de preparar-me.

JULIA

Boas noticias?

Coleção MINEIRIANA

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

HENRIQUE

Excelentes. Quís eu mesmo trazê-las e apressei a minha viagem ao Rio. A Companhia Siderurgica aprova e compra os meus projétos de instalação. Vejo coroado o meu esfôrço! Oh! titia, como é agradável o primeiro fruto do nosso trabalho! Bendigo hoje todas as minhas fadigas.

JULIA

Que satisfação me dás com essa notícia. Bem mereces o prêmio que te destinaram. Eu sempre olhei com alegria a tua persistência no trabalho. Venceste como eu esperava que vencesses.

HENRIQUE

Era o meu maior anhelo, e agradeço-lhe, porque tudo devo ao seu aféto protetor.

JULIA

Sempre te estimei muito, desde pequenino...

HENRIQUE

Conquistei uma posição modesta, é verdade, e ofereço-lha sinceramente, do fundo da alma. Eu jamais esquecerei o que a senhora fez por mim e o sacrifício do meu falecido tio para educar-me...

JULIA

Era nosso dever.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

HENRIQUE

Vi-me repentinamente só, numa completa orfandade. Quando saí de minha pequena terra e me achei no Rio de Janeiro, tive a impressão de que caía num torvelinho fatal. Como foram horriveis êsses primeiros mêses de tristeza em que o meu coração de criança sangrava, alanceado pela dôr mais cruel. E a senhora, a maior amiga de minha querida mãe, encheu a minha infância de tantos carinhos que eu principiei a sentir um consôlo muito suave, balsamico e bom.

JULIA, *comovida*

Fiz o que devia, Henrique.

HENRIQUE

Habituei-me a ver na sua estima um prolongamento expressivo e doce do aféto de minha mãe. Tinha dez anos apenas. (*Uma pausa cheia de evocações*). Depois a alegria de Clarinha era tão viva, tão esfusiante, que acabou por despertar em meu coração, um desejo ardente de viver! Os meus olhos pareciam querer desvendar um futuro de esperança e de felicidade. A sua bondade e o sorriso de luz de minha priminha me ampararam nas horas tragicas da minha dôr de criança... (*Tomando as mãos de Julia*). Ainda hoje eu beijo estas mãos com o mesmo carinho dos outros tempos, como quando eu era pequenino, só e triste, e

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

o seu amparo era tudo para minha alma cheia de susto e amargura. (*Beija as mãos de Julia comovidamente*).

JULIA, *emocionada*

Henrique! Meu filho!

HENRIQUE

Seu filho, sim. Tem o direito de chamar-me seu filho!

JULIA

Tua mãe não se insurgiria contra esta intromissão de aféto. Eu apenas tenho procurado substituí-la e sempre avivei em teu espírito o amôr e o respeito pela sua memória.

HENRIQUE

E agora, que o meu futuro parece consolidar-se para uma risonha realidade, eu desejaria que a senhora me permitisse tratar de um assunto muito delicado...

JULIA

Parece que vou adivinhar...

HENRIQUE

Sabe então de tudo? Já devia ter desconfiado. Pois é isso: a minha convivencia com Clarinha só poderia ter um desfêcho...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JULIA

O amôr...

HENRIQUE

Um grande e puro amôr!

JULIA

Acariciava essa idéa. Só posso olhar com satisfação a tua inclinação por minha filha. E ela ama-te?

HENRIQUE

Sim, eu creio que ela me queira bem. Receio, entretanto...

JULIA

Dize.

HENRIQUE, *decidido*

Sim, receio que Clarinha, habituada á cidade, possa desgostar-se, sentir-se mal no interior, em um lugar deserto. Eu mesmo, ás vezes, me assusto como se estivesse preso entre montanhas de ferro.

JULIA

Talvez tenhas razão. (*Pausa. Noutro tom*). Qual ! se ela te ama, acompanhar-te-á para qualquer lugar...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

HENRIQUE

Clarinha habituou-se a uma vida intensa de mundanismo; não direi tambem de luxo, porque a sua graça é tão espontanea que o seu encanto maior reside na simplicidade.

JULIA

Entretanto, demora-se... (*Batem a campainha, fóra*).

CENA III

JULIA, HENRIQUE E ADELIA

ADELIA, *da D. A.*

Clarinha não tarda a vir por aí. De nada desconfia. Ah! que surpresa agradavel para ela! (*Baixo, a Julia*). Contei tudo!

JULIA

Vai ver que bate. (*Adelia vai até á porta ao F.*).

ADELIA

E' o sr. Amancio, o nosso vizinho. (*Pausa. De fóra da porta*). Tenha a bondade de entrar. (*Dá passagem a Amancio e sái á D. A.*).

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CENA IV

JULIA, HENRIQUE E AMANCIO

AMANCIO

Boa tarde, d. Julia. (*Reparando*). Oh! como vai, dr. Henrique ? (*Cumprimentos*).

HENRIQUE

Sempre forte, sr. Amancio?!

AMANCIO

E' verdade, graças a Deus! Não ha mal que me entre. O sr. está um mocetão bonito, com belas cores. Ah! não ha nada como a vida do interior.

JULIA

E' o bom clima das montanhas de Minas-Geraes, a vida ao ar livre...

AMANCIO

Muito leite, óvos... bons caldos... Sei bem o que é viver na róça. Chegou hoje?

HENRIQUE

Há alguns momentos, apenas.

AMANCIO

E vai ficar por aqui?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

HENRIQUE

Não senhor; chamam-me fóra imperiosos deveres e negocios importantes.

AMANCIO

Ainda lida com esses problemas de siderurgia?

JULIA

Os seus estudos foram coroados de éxito, sr. Amancio. O nosso Henrique é hoje o engenheiro chefe da Companhia.

AMANCIO

Parabens, parabens... Um abraço...

CENA V

HENRIQUE, AMANCIO, JULIA, CLARINHA E ADELIA

CLARINHA, *da D. A.*

Pronta, sr. Amancio! (*Reparando*). Ah! Henrique?! (*Surpresa fingida*).

HENRIQUE

Clarinha! (*Abraço*).

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CLARINHA, *com o mesmo jôgo*

Não me preveniram...

HENRIQUE

Era para fazer-te uma surpresa...

CLARINHA

Ah! (*Nota-se na sua fisionomia certo constrangimento*).

AMANCIO, *com malicia*

Pelo que vejo, o nosso passeio de automóvel está gorado...

CLARINHA, *de pronto.*

Isso não!

JULIA

Que idéa, minha filha!

CLARINHA, *friamente*

Ah!, é verdade...

HENRIQUE

Não te prendas por mim, Clarinha.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JULIA

Não digas tal, Henrique! (*Noutro tom, a Amancio*). Quer continuar agora a nossa partida de xadrês ?

AMANCIO

Como não?

JULIA

Vou mostrar-lhe como se dá um cheque de mestre...

AMANCIO

Tenha cuidado, tenha cuidado... (*Dirigem-se á E. A. por onde saem*).

HENRIQUE

Que tens, Clarinha?

CLARINHA

Nada. (*Constrangimento*).

HENRIQUE

Não é possivel ! estás tão diferente ... Noto em ti qualquer cousa de estranho que me surpreende e atemoriza. (*Com carinho*). Vamos, dize o que sentes, fala ...

CLARINHA

Que idéa, Henrique !

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

(*Silencio. Ha uma vaga contrariedade, uma indecisão que começa por estabelecer certa frieza entre os dois*).

HENRIQUE

Decididamente não pareces a mesma.

CLARINHA

Não me sinto bem, hoje.

HENRIQUE, *reparando*

Entretanto, preparavas-te para um passeio com um tal apuro...

CLARINHA

Não te esqueças de que estamos no Rio.

HENRIQUE

Sim, eu sei que aqui é a terra da vaidade, do luxo, do mundanismo... Esses poucos meses que passei longe da cidade maravilhosa, não me fizeram olvidar as suas exigências de rainha dominadora...

CLARINHA

Já vês...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

HENRIQUE

Falemos seriamente, Clarinha, muito seriamente. Sabes qual o fim de minha viagem?

CLARINHA

Negocios, naturalmente.

HENRIQUE

Não. Trata-se da nossa felicidade. (*Movimento de Clarinha*). Fui nomeado engenheiro da Siderurgica... (*Pausa*). Ouviste, Clarinha?

CLARINHA

Ah! sim, parabens...

HENRIQUE

Obrigado...

CLARINHA

E quando voltas?

HENRIQUE

Quando quiseres.

CLARINHA, *surpresa*

Como assim?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

HENRIQUE

Pensei que adivinhasses... Não achas que poderemos agora realizar as nossas aspirações de felicidade?

CLARINHA

Queres dizer com isso...

HENRIQUE, *completando*

Que iremos casados.

CLARINHA, *de um impeto*

Casados, nós ? Que dizes ? (*Caindo em si*). Mas...

HENRIQUE

Tens alguma objeção a fazer?

CLARINHA

Não... isto é, talvez... A tua resolução parece-me precipitada; não é possivel resolver assim...

HENRIQUE, *tomando as mãos de Clarinha*

Que prtendes dizer? Olha-me de frente: quero ler a verdade em teus olhos.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CLARINHA

Oh! Henrique, deixa-me! Falaremos depois estou muito nervosa...

HENRIQUE

Não insistirei... Espero, porém, que me digas a verdade. (*Encaminha-se á E. A.. Sái, depois de olhar longamente para Clarinha, que se deixa cair sôbre uma cadeira, profundamente contrariada*).

CÊNA VI

CLARINHA *e logo depois* ADÉLIA

ADÉLIA, *da E. A.*

Já arrufados? Valha-nos Deus! Ainda agora se encontraram e já estão de carranca um para o outro ! Gente ! que cousa mais esquisita !

CLARINHA

Olha, Adelia, queres saber: não me casarei mais com Henrique.

ADELIA, *atônita*

Jesus! Será possivel? Valha-me Deus! não brinque com cousas serias...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CLARINHA

Falo-te a verdade. Não percas tempo com espantos inúteis e vai chamar minha mãe; dize-lhe que quero falar-lhe.

ADELIA

Clarinha você está errada, que é isso? Lembre-se de que Henrique a estima desde pequena; é um moço tão distinto, tão bom. Ah! você está de cabeça virada por causa do sobrinho do sr. Amancio, um homem que só fala do seu dinheiro, que só pensa em roupas, em mulheres...

CLARINHA

E' um homem moderno, elegante, freqüênta a alta sociedade do Rio, janta com o Presidente da República, é amigo dos ministros...

ADELIA

Mas, o Presidente muda e, com êle, os ministros...

CLARINHA, *impaciente*

Tú não compreendes estas cousas, criatura, vai ao que te mandam. Não percas tempo em conjeturas.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ADELIA

Que tragedia! (*Encaminha-se para a E. A.*). Que tragedia! (*Reparando*). Aí vem sua mãe. (*Julia entra*).

CÊNA VII

CLARINHA, ADELIA e JULIA

JULIA, *surpreza*

Que significa isto? (*A Adelia*). Que tens, Adelia?

ADELIA

A senhora vai saber... Mas que tragedia! (*Saída cômica*).

JULIA, *á filha*

Explica-te, Clarinha.

CLARINHA

Minha mãe, creio que vou causar-lhe um grande desgosto...

JULIA

Assustas-me...

CLARINHA

Sente-se aqui, ao pé de mim, bem junto de mim, minha maezinha... (*Toma-lhe as mãos*).

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Não se assuste, desejo muito o seu bem estar, a sua felicidade, que tenha uma velhice cheia de confôrto, livre de quaisquer receios. Pensei então que...

JULIA, *radiante*

Já sei, Henrique... êle disse-me...

CLARINHA

Não, minha mãe, não se trata de Henrique. Êle falou-me, sim, eu mesmo pensava que acabaria por ser mulher dêle, que o amava até! Imagina que loucura ia eu praticar...

JULIA, *atônita*

Que queres dizer ?

CLARINHA

Não amo Henrique e é mistér que você lhe diga isso da maneira mais conveniente, para que êle sofra o menos possivel. Coitado de Henrique, tão meu amigo, tão bomzinho... Fiquei sem coragem de dizer-lhe toda a verdade...

JULIA

Mas... então ?

CLARINHA

Theodoro, o sobrinho do sr. Amancio, nosso vizinho, ama-me!

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JULIA

Minha filha!

CLARINHA, *muito contente*

Êle é rico e, além do mais, herdeiro do tio, herdeiro único, imagine!

JULIA

É horrivel o que me dizes! (*Numa grande angústia*) Eu ainda quero duvidar da tua resolução. E Henrique ? Êle adora-te desde pequenina, tú és culpada da sua paixão: alimentaste-a, encheste-o de uma grande e suave esperança... Oh! o que tú pretendes fazer é uma traição, uma crueldade!

CLARINHA

Perdôe-me, mamãe, mas eu não amo Henrique. Enganei-me. Sinto muito, juro-lhe, tenho até vontade de chorar. Êle é tão meigo, tão leal, tão meu amigo... Oh! tudo isso me compunge e enche-me o coração de uma inesperada tristeza...

JULIA

Êle tem por ti uma verdadeira idolatria!

CLARINHA

Theodoro tambem!

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JULIA

Entre vocês havia um compromisso solene...

CLARINHA

Henrique é bastante nobre para ser o primeiro a desfazê-lo. Êle não seria capaz de agrilhoar-me a um compromisso que faria a minha desgraça! Se eu não o amo!

CÊNA VIII

JULIA, CLARINHA e THEODORO

THEODORO

Bôa tarde d. Julia, como vai pasando? (*Cumprimentos*) Que demora! Clarinha, onde está o cacête do titio? Pelo que vejo, o nosso passeio não se faz...

JULIA

É que o Henrique chegou...

THEODORO

E como vai êle? Já conseguiu fazer fortuna no sertão? Pobre rapaz!

JULIA

Porque o lamenta, sr. Theodoro?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

THEODORO

Porque trabalha tanto e está sempre em más condições de fortuna.

JULIA

Não é a riqueza que faz a felicidade...

THEODORO

E a pobreza muito menos... A felicidade depende de condições especiais; em todo o caso, a ser infeliz, antes com muito dinheiro... Uma vida de necessidades deve ser horrivel, sobretudo no interior. Imagine se o Henrique, por exemplo, pensasse em contraír matrimonio...

JULIA

Seria muito natural...

THEODORO

A meu ver, um crime!... Suponha a senhora uma moça habituada á vida de confôrto, de elegância e de luxo das grandes cidades, atirada de um momento para outro ás brênhas inhospitas de um sertão bruto, só pelo fáto de ter contraido nupcias com um homem sem fortuna. Que existência horrivel passaria essa infeliz!...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JULIA

São modos de vêr. Eu quando me casei fui para o interior e não me senti menos feliz por isso.

THEODORO

Oh! a sociedade do seu tempo era outra; a educação, diferente...

CENA IX

Os mesmos, AMANCIO e HENRIQUE

(*Os dois ultimos da E. A.*).

THEODORO

Muito obrigado, sr. meu tio; e o nosso passeio? (*A Henrique*). Você como vai, Henrique? (*Reparando*). Bravos! que belo aspecto!

AMANCIO

O passeio gorou com a chegada do Henrique...

CLARINHA

Isso não importa!

JULIA

Mas, Clarinha, minha filha...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CLARINHA

O Henrique vai fazer-lhe companhia, minha mãe; êle naturalmente terá muito que dizer-lhe.

THEODORO

Poderá contar as suas aventuras extraordinarias entre bugres e féras.

HENRIQUE

Não estou longe da civilização, como você supõe, Theodoro. E hoje que conheço esses homens rudes e bons que você chama de bugres, posso afirmar que não lhes faltam energia e honestidade, virtudes que vão rareando nas grandes capitais.

THEODORO

Bravos! Você voltou entusiasta do sertanismo!

HENRIQUE

Faço justiça apenas aos homens que trabalham, anonimamente, para a grandeza do nosso país. São êsses obscuros hérois da gléba que enchem os celeiros das cidades. Os fúteis ironistas dos salões não têm tempo de perceber que as grandes reservas morais, de fôrça e de mocidade da nossa imensa pátria, estão principalmente nos lugares em que ainda não chegaram os vicios e as misérias da civilização... Chego a preferir os

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

meus sertanejos; encontro no meio dêles um ambiente mais propício á minha sinceridade.

CLARINHA, *contrariada, quasi brusca*

Pois eu detesto essa gente! Você tem toda a razão, Theodoro, toda a razão... (*Noutro tom*). Vou pôr o meu chapéu, é um momentinho só, meus amigos. (*Sái, apressada, pela D. A.*).

THEODORO

Estamos no século da velocidade, tudo se resolve em três tempos...

HENRIQUE

Realmente é verdade: (*Com amargura*). Até as proprias existências se transformam de um momento para outro...

THEODORO

E assim deve ser. Já se passou o tempo dos inúteis sacrifícios por um mal entendido sentimentalismo, que o passado nos queria impingir, cheio de micróbios nocivos á alma. As criaturas conquistaram o direito á felicidade, e isso é, afinal, uma das mais belas conquistas modernas. O coração livre, a alma livre, asas abertas librando para a realidade. Nada de sonhos e de fantasias inúteis...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

HENRIQUE, *interrompendo*

Triste realidade... Meu caro Theodoro, eu não me insurjo contra o legitimo direito que todos nós têmos á felicidade. Seria uma loucura inútil; eu receio apenas a fatalidade de um engano que possa nascer de uma falsa compreensão da verdadeira felicidade. Atemoriza-me o que se pode chamar uma alucinação dos sentidos, essa superficialidade tentadora, toda cheia de brilhos estonteantes, que transporta a criatura, num crescendo de entusiasmo e de alegria delirante, para alturas jámais sonhadas, como num vôo repentino de rajada. A ascensão é devéras sensancional, não há duvida; mas, depois ? Depois é o proprio sol radioso desta errada compreensão da vida, que queima a felicidade imaginária... Sonhadores de asas de cêra, Icaros modernos que abísmo os espera na quéda fatal de amanhã ?! Essa realidade é falsa e mentirosa, é mais nociva que todas as fantazias.

THEODORO

Confesso que desejaria nêste momento penetrar no intimo do seu pensamento.

HENRIQUE

Não perturbe o seu olhar despreocupado ante o espetáculo de uma tempestade que nunca pode-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ria compreender... As almas só se compreendem quando se aproximam...

CÈNA X

JULIA, AMANCIO, HENRIQUE, THEODORO e CLARINHA

CLARINHA, *da D. A.*

Estou pronta! Que tal, Theodoro ?

THEODORO

Como sempre, encantadora !

CLARINHA

Lisonjeiro! Bem, vamos! Vamos!

JULIA, *com amargura*

Então vais saír, minha filha ? !

CLARINHA

Você ainda duvidava, mamãe ? Que mal há nisto ? (*A Henrique*). Você acha que eu devo ficar, Henrique ?

HENRIQUE

Por minha causa, não... acho que não...

CLARINHA

Já vêem vocês que Henrique concorda. Depois eu preciso consultar uma cartomante... Tive esta

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

noite um sônho horrivel. Imaginem que vi o meu coração partido em dois pedaços no meio de dois cadaveres: um homem e uma mulher... Preciso saber o que significa isto. Estou inquiéta. Iremos á cartomante, não é assim, Theodoro?

THEODORO

Pois sim, iremos.

CÊNA XI

Os mesmos e ADELIA, *da E. A.*

CLARINHA, *apontando Adelia*

Mais outra que vai estranhar a minha atitude...

ADELIA, *pasma*

Você vai saír ?

CLARINHA, *a rir*

Eu não dizia?! Vocês nem parecem viver num século vertiginoso de maravilhas! Que cerbéros! Vamos, meus senhores! Minha mãe, um beijo! (*Beija Julia*). Primo Henrique, até logo Olha, minha mãe, parece que o primo precisa falar contigo... assunto muito sério. (*Ri. A Adelia, fazendo uma carêta*). Feia, intrometida! (*Sái alegremente, arrastando Theodoro*).

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

THEODORO

Até logo! Até logo! (*Sáem ao F*).

AMANCIO

É um azougue... até logo, vizinhos...

(*Sái. Henrique senta-se, profundamente abatido*).

JULIA, *com lagrimas*

Henrique, meu filho, perdôa-me!

HENRIQUE

Então, minha tia, que culpa tem a senhora ?

JULIA

A de tê-la educado assim, livre demais...

ADELIA

Qual nada! O que está transtornando o seu miôlo é o "almofadismo" dêsse "trinca espinhas"! (*Com raiva*). E' o automóvel ! Ah! eu odeio o automóvel que faz a desgraça da sociedade! Eu se soubésse quem descobriu o automóvel...

JULIA

Que estás a dizer?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ADELIA

E' isso mesmo! E tanto é assim que se eu encontrasse um "chauffeur" que gostasse de mim...

HENRIQUE

Tú o repelirias energicamente!

ADELIA

Gente, que loucura! Eu casava logo! Eu adoro uma baratinha!

PANO.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

III EPISODIO

C E N A R I O

O MESMO DO ATO PRECEDENTE

(Ao subir o pano Julia está sentada. Na sua fisionomia sinais de sofrimento e de .acentuada decadência física. Clarinha passeia agitada).

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

CENA I

JULIA E CLARINHA

CLARINHA, *estacando.*

E, afinal, que te disse êle?

JULIA

Nada que me désse a entender para onde ia... Em geral, êle me trata tão sêcamente que, se não fôsse a amizade que me prende aqui... eu...

CLARINHA

E para onde iria ?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JULIA

Na verdade, não sei... Por aí, pelo mundo, arranjaria um emprêgo...

CLARINHA, *rispida*

Não diga tolices ! Poupa-me aborrecimentos. Não acha que já tenho razões de sobra para andar contrariada com a minha sorte?...

JULIA

Todos nós temos procurado meios de evitar desgostos. Não temos culpa...

CLARINHA

Sim, eu quís, é verdade; não acuso pessôa alguma. Não me faltaram conselhos, fartei-me dêles; cheguei a detestá-los. Não me arrependi ainda. Acho que Theodoro anda em más companhias. Ah! os amigos, os amigos!

JULIA

Modernismo. Não querias um homem moderno? Aí o tens, pronto e acabado. Teu marido não é suceptivel de influências alheias.

CLARINHA

Não póde ser outra coisa, minha mãe. (*Noutro tom, com enlêvo*). Ainda são de ontem os dias felizes de nossa lua de mél. Jámais me esquece-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

rei da minha deliciosa viagem de núpcias! Como se passaram depressa êsses 6 meses agitados, em que percorremos quasi todos os paises da Europa. Fui tão feliz... Que me diz, minha mãe?

JULIA

Que posso eu dizer-te? Seriam inúteis os meus comentarios. Antes de te casares com Theodoro eu te apontei todos os perigos a que ias expôr a tua mocidade, a tua vida... Não me quiseste ouvir. Eu hoje penso como sempre pensei: tú não és amada, desprezaste a felicidade calma e duradoura para seguires o turbilhão dourado da aventura, do luxo, do mundanismo...

CLARINHA

Theodoro ama-me!

JULIA

Que queres que te diga mais? De todas as vezes que te falo, tú exclamas: Theodoro ama-me! Entretanto, êle se afasta cada vez mais do teu convívio. Tú, que saías todos os dias e todas as noites, que tomavas parte em chás, em bailes e frequentavas todos os teatros, vives agora enclausurada e raramente sais. Porque?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CLARINHA

Bem sabes que eu não saio porque não quero...

(*Trata indistintamente a mãe por tu e você*).

JULIA

Sim, ou porque tens presenciado coisas que não podem agradar a uma mulher casada...

CLARINHA, *repreensiva*

Oh! minha mãe!

JULIA

Tú ainda agora te queixavas de teu marido...

CLARINHA

São exquisitices; ando muito nervosa... não sei bem o que digo, nem o que sinto... (*Impetuosa*). Oh! eu não gosto que falem mal de meu marido!

JULIA

Está bem, o teu marido é um santo! (*Com mágua*). Pelo caminho em que vais, acabarás por detestar-me.

CLARINHA, *into até Julia*

Perdôa-me, mamãezinha, não leves a mal os meus impetos; eu mesma não sei porque ando as-

Coleção MINEIRIANA

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

sim. Ha momentos em que me admiro das minhas atitudes e chego a olhar-me num espêlho, pensando que me transformo fisicamente... Que será isto, minha mãe?

JULIA

Melhor do que eu tú deves saber qual a fonte de tuas contrariedades.

CLARINHA

Achas que daí deve partir todo o meu tormento?

JULIA

Ha ainda um outro motivo que te acabrunha e que o meu coração de mãe aflita já descobriu... Minha pobre filha. Queres que eu fale o que não tens coragem de dizer-me ?

CLARINHA

Não é falta de coragem, mãezinha; é vergonha...

JULIA

Não sabes ainda o que é um coração de mãe!

CLARINHA

Vou dizer-te tudo, oh! sim, mas quero que guardes eternamente êste segrêdo terrivel! Minha mãe, desconfio que Theodoro não me ama! Eu

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

estava louca, minha mãe! (*Uma pausa*). Só depois, quando já era tarde de mais, é que comecei a conhecer profundamente o homem que eu, superficialmente, achava encantador. Que contraste horrivel! que humilhante decepção! Mas é preciso que ninguem suspeite. Estou pronta a fazer um grande esfôrço para conseguir o amôr de meu espôso. O que me faz sofrer mais é a dúvida que me morde o coração, o mêdo de que êle possa um dia desprezar-me por causa de outras mulheres... Não penses um momento siquer que haja ciumes nêste receio cruel e obsecante. não! Em jôgo está o meu orgulho; é que...

JULIA

Que pena tenho da tua situação, Clarinha! De modo que a tua maior preocupação é pareceres feliz aos olhos de todo mundo e isso porque...

CLARINHA, *com terror*

Oh! não diga!

JULIA

Porque não queres que Henrique suspeite de tua desgraça...

(*Ouve-se ruido de passos e de vozes*).

CLARINHA, *com receio*

Silencio!

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CENA II

CLARINHA, JULIA, THEODORO E AMANCIO

(*Os dois entram do F.*).

AMANCIO

Bom dia! (*Cumprimentos. A Clarinha*). Não ha mais quem te veja, porque estás tão caseira? Pensei que fosses ontem á última récita da companhia de operetas...

CLARINHA

Tenho estado indisposta... (*Theodoro beija a fronte da espôsa*).

AMANCIO

Perdeste um bom espetáculo: a Branca Pinello esteve admiravel.

THEODORO, *a Julia*

Querida sogra!

JULIA, *com uma ponta de ironia*

Parece-me que essas palavras não se devem tolerar juntas. Você deve retirar uma delas ou modificar as duas... Que lhe parece, senhor Amancio?

AMANCIO

Estou de acôrdo...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

THEODORO

Daqui por diante tratá-la-ei de outro modo.

CLARINHA

Querida mamãe, por exemplo, ficaria melhor...

JULIA

Minha filha, não obrigues teu marido a contrariar os seus sentimentos...

AMANCIO, *atalhando*

Pois a Blanca Pinello foi uma Anna de Glavary admirável. (*A Theodoro*). Tú que lhe foste apresentado, que me dizes? E' inteligente? Conversa bem? (*Movimento de Julia*).

THEODORO

Qual! mediocre, quasi não lhe falei.

AMANCIO

Com aquela plastica, aqueles olhos, um palmo de cara que é um deslumbramento, não pode haver mediocridade!

THEODORO

Não reparei...

CLARINHA, *irônica*

E' extraordinario!

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

THEODORO

Estava interessado em falar a um crítico teatral, meu amigo, o Escobar, afim de recomendar-lhe a nova peça do Recreio. Aconteceu que fui encontrá-lo a entrevistar a Pinello. Apresentou-ma. Trocámos algumas palavras, apenas. Foi uma decepção como muitas outras que se dão em teátro. O espectador, que vê o artista repetir as imagens de beleza dos autores, empresta-lhe sempre uma cultura, que é apenas o reflexo dessa beleza...

CLARINHA

Os teus argumentos seriam aceitáveis, se essa mulher estivesse a interpretar bons autores de comédia ou drama... Mas, na "Viuva alegre", a fazer a Anna de Glavary? Estou de pleno acôrdo com o teu tio, Theodoro: o que impressiona na Pinelo não é a previsão elevada de encantos espirituais, nem reflexos de belezas literarias: ela empolga e seduz pela sua própria beleza...

AMANCIO

Contaram-me que essa artista entrou para o teatro por se ter apaixonado por um atôr de fama. Seguiu-o como se fôsse a cousa mais natural dêste mundo, deixando o lar.

CLARINHA

Era casada?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

AMANCIO

Sim, com dois filhos pequeninos. Em uma entrevista, concedida a um dos jornais de Espanha, firmou conceitos curiosos a respeito do seu áto. Na sua opinião, não devem existir impecilhos para o amôr. O direito de amar é para ela um direito sagrado.

THEODORO

E' justo que se pertençam um ao outro dois sêres que se amem.

CLARINHA

Mas, se essa mulher já era casada, não lhe cabia êsse direito. Que devam pertencer-se mutuamente criaturas livres desde que se amem, muito bem; mas, depois de haverem jurado fidelidade um ao outro, de se ligarem perante a lei e a Igreja, não.

THEODORO

Achas então que um "sim", uma palavra apenas, pronunciada ás vezes, sem que se calcule a responsabilidade que lhe dão errados preconceitos, deve ser um laço eterno? Essa escravidão pode dar motivo a uma terrivel desgraça.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CLARINHA

E a liberdade ser uma ação indígna desde que nada justifique a quebra de um juramento solene.

THEODORO

E o amôr? Pensas que possa haver fôrça capaz de suster a marcha impetuosa de tal sentimento?

CLARINHA

Eu não creio que um espírito equilibrado, que uma alma forte não tenha a capacidade de resistência necessária para evitar o crime.

THEODORO

Chamas a isso crime?

CLARINHA

Deus do céu! pois duvídas ?

JULIA

Que horror!

THEODORO

São pontos de vista, não ha razão para essas manifestações tão excessivas de espanto. Nada vejo de repugnante ou de escandaloso no modo de pensar dessa artista. Ela, depois de alguns anos de vida matrimonial, reconheceu que não

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

podia continuar a viver com o marido, porque amava outro homem. Que fazer? Continuar a seu lado ? Tolerá-lo, aceitar-lhe as carícias, iludí-lo miseravelmente? Oh! isso seria um horrivel sacrificio! Seria cousa muito peior: a perpetuação de uma mentira!

CLARINHA, *aflita*

Theodoro, cala-te!

THEODORO

Bem, não te aborreças. Pensas de modo diferente; isso é natural.

AMANCIO

Creio que não encontrarás muitas pessoas que raciocinem como tú, felizmente.

JULIA

Graças a Deus!

THEODORO

Bem, vou jantar no Clube; talvez me demore. Vai decidir-se hoje um importante jôgo do campeonato de xadrês.

CLARINHA

Há tantas noites que chegas fóra de horas; isso acabará por fazer-te mal. Porque não vens hoje mais cêdo ? Esperar-te-ei para o chá.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

THEODORO

Não é possivel... sinto muito, minha filha... (*A Amancio*). O sr. fica, meu tio ?

AMANCIO

Sim, sim... podes ir... jantarei em teu lugar.

THEODORO, *da porta, ao F.*

Ah! esquecia-me de dizer que Henrique prometeu visitar-nos hoje. Até logo. (*Sái. Momento de deperplexidade. Clarinha sái*).

AMANCIO

Este rapaz está custando a assentar a cabeça...

JULIA

Já perdi a esperança!

AMANCIO

Parece-me que entre meu sobrinho e Clarinha existe qualquer incompatibilidade que vai aumentando dia a dia.

JULIA

Não imagina que horror!

AMANCIO

Estou surpreso, senhora!

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JULIA

O senhor melhor que nós devia conhecer Theodoro.

AMANCIO

Eu sempre supús que êle, ao casar-se, tomasse outro rumo. Pareceu-me que estava inteiramente mudado...

JULIA

O sr. então sabe que êle não procede bem.

AMANCIO

Que me diz? (*Pausa*). Julgava apenas que... (*Indecisão*).

JULIA

O sr. parece que está ao par da situação melhor que nós. O seu sobrinho não dorme em casa. O correio de hoje trouxe uma carta dirigida a minha filha. Achei tão suspeita a letra que ousei abri-la. Não me havia enganado: era um bilhete anônimo a acusar Theodoro. Dentre vários nomes de mulheres, lá estava, em ultimo lugar, o de Blanca Pinello... Essa é a sua amante atual.

AMANCIO

Pobre rapaz!

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JULIA

Pobre de minha filha, sr. Amancio; essa, sim, é digna de lástima, porque é realmente infeliz...

AMANCIO

Que havemos de fazer? O melhor é esperar que êsse desalmado volte á razão...

JULIA

Aconselharei Clarinha para que se não rebaixe em falar ao marido em tal assunto, caso venha a saber de alguma cousa. As suas melhores armas serão a calma e a abnegação.

AMANCIO

Julgo que a senhora não me acusará de ter influido na realização deste casamento. A disposição de sua filha causou-me até grande surpresa: sempre supús que ela amasse Henrique... (*Ha nas palavras de Amancio uma ponta de ironia, uma maldade subtil e covarde*).

JULIA

Ninguem o responsabiliza por desgraças alheias, sr. Amancio. Se ha um responsável, êle está na sua presença: sou eu a culpada dêste infortunio, ré inconciente de um mal inesperado e horrivel. Muito tenho sofrido já com essa apavorante certeza que me acabrunha e precipita numa impetuosa decadência. Eduquei mal minha

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

filha; cegou-me o muito amôr que me fez atender aos seus menores caprichos. Clarinha tornou-se demasiadamente livre para o seu sexo, voluntariosa e indomável. Tomou amôr ás festas, á vida agitada de sociedade. A sua beleza fê-la triunfar sem artifícios e fez da simplicidade a moldura dos seus encantos. Isso evitava despesas extraordinárias. Depois eram todos a obsequiá-la. Recebeu sempre os mais valiosos presentes. O sr. mesmo foi tantas vezes gentil e pôs a disposição de seus caprichos, para os seus passeios e as suas pequenas compras, o seu automóvel...

AMANCIO

Tendo mais de um, não me fazia falta...

JULIA

Mas, se eu a obrigasse desde pequena a tomar outro rumo, nada disso aconteceria. Ah! se eu houvesse compreendido desde que me casei que a influência das mães sôbre os filhos é mais íntima, duradôura e necessária que a dos pais, por certo teria tomado precauções.

AMANCIO

Mas, não parece que haja tão fundos motivos para acusar-se. A situação não é tão grave assim. Existem centenas de casos semelhantes.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JULIA

Para a angústia de um coração materno é bem fragil consôlo saber que outras mães sofrem... (*Depois de uma pausa, quasi com terror*). Começo a ter mêdo, um mêdo terrivel do futuro! Tenho passado as horas de silêncio das noites sem dormir, a querer dominar uma tormenta impetuosa, a querer destruir pensamentos que são crueldades encadeadas que me martirizam e oprimem! E se êle maltratar minha filha?!

AMANCIO

Oh! não pense em tal!

JULIA

Não pensar... pudésse eu não pensar!... Vejo diante de mim constantemente um quadro-negro em que os pensamentos aparecem traçados vigorosamente, em palavras grandes e brancas, em palavras frias e marmoreas como os epitafios das lousas tumulares. Quiséra não pensar... Mas, devo sofrer, devo sofrer para meu castigo; é mistér que em minha alma caibam todos os espinhos desta imensa tortura que me espera. Oh! ninguem pode derrogar as leis da Providência! Foi uma fatalidade! (*Deixa-se caír angustiada numa cadeira*).

AMANCIO

Tenha calma, senhora!

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CÈNA III

AMANCIO, JULIA e HENRIQUE

HENRIQUE, *ao F.*

Dão-me licença...

JULIA

Henrique! (*Levanta-se e vai ao encontro de Henrique. Abraço longo*).

HENRIQUE

Como vai, minha tia? (*Reparando*). Tem alguma cousa ? (*Abraça-a de novo, com mais carinho*).

AMANCIO

Parabens, dr. Henrique, parabens ! (*Apêrto de mão*). Tenho lido os jornais. Foi então um grande êxito a experiência de suas máquinas ?

HENRIQUE

Qual! um pequeno aperfeiçoamento nos processos até aqui usados para o fabríco do aço e do ferro.

AMANCIO

Já sei que não ha mais ações da "Companhia Siderurgica". E o senhor é já um dos sócios dessa grande emprêsa, um milionário!

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

HENRIQUE

Que idéa !

AMANCIO

O Theodoro duvidava de que o sr. fizesse fortuna; não tinha grande confiança no seu esfôrço.

HENRIQUE

E eu também nunca tive confiança no tino administrativo de seu sobrinho.

AMANCIO

O sr. esquece-se de que êle é um dos maiores acionistas da "Fábrica de Tecelagem Carióca", onde o senhor tem grande parte de sua fortuna.

HENRIQUE

E porque Theodoro comprou ações dessa Companhia, a ponto de empregar nisso todo o seu capital ?

AMANCIO

Porque viu que o sr. aplicava sômas avultadas nêsse negócio, seguiu o seu exemplo.

HENRIQUE, *com ironía*

Não tinha, pois, razões para duvidar da minha ação e do êxito do meu esfôrço... (*Noutro tom*). E ainda bem que nenhuma influência exerci sôbre a aplicação dos capitais de seu sobrinho...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JULIA

Continúas a vencer, Henrique. Deus te protege...

HENRIQUE

Clarinha ?

JULIA

Está lá dentro, vou chamá-la...

HENRIQUE

Não, titia, não a interrompa.

JULIA

Jantarás conôsco.

HENRIQUE

Sim. Estive com Theodoro há pouco; disse-me que ia para o Clube.

AMANCIO

Falou-nos num campeonato de xadrês...

HENRIQUE

Deve ser isso... (*Noutro tom*). Ainda costumam jogar ?

AMANCIO

Todos os dias. Sua tia está a dever-me uma desforra... (*Riso*).

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JULIA

Não zombe, sr. Amancio, olhe que hoje pode perder...

CÊNA IV

Os mesmos e CLARINHA

CLARINHA, *da E. A., a* HENRIQUE

Oh! Henrique! até que enfim! Pensei que houvesses esquecido o caminho desta casa...

HENRIQUE

Impossivel! Seria o mesmo que esquecer os habitantes da própria casa... Cheguei pela manhã e, encontrando teu marido, disse-lhe que viria cá pela tarde. Assuntos de importância prenderam-me no escritório.

CLARINHA

Demoras-te desta vez ?

HENRIQUE

Talvez um mês ou mais...

CLARINHA

É uma temporada!

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JULIA

Porque não mandaste logo as tuas malas para aqui ?

HENRIQUE

Peço-lhe desculpas, minha tia; mas, sou obrigado a ficar num hotel...

JULIA, *admirada*

Num hotel? Oh!

HENRIQUE

Assim o exigem os meus interêsses. Sou um homem de negócios!

JULIA

Impossivel!

HENRIQUE

É necessário, não leve a mal. Clarinha está mais cordata; ainda não disse nada...

CLARINHA, *um tanto embaraçada*

Eu? ah! sim! Tú sabes melhor que nós o que precisas fazer...

HENRIQUE

Sinto muito...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

JULIA

O teu quarto ainda é o mesmo...

CLARINHA

Muito trabalho ?

HENRIQUE

Sim, um trabalho gigantêsco, sobretudo um trabalho inteligênte e fecundo: talvez a resolução do problema da siderurgia no Brasil ou seja do máximo problema econômico do nosso país.

AMANCIO

Eu desejava saber se é possivel calcular a cifra dos nossos recursos em minério?

HENRIQUE

Provavelmente. Nós temos o maior deposito de minério de ferro do mundo e, para bem patentear essa riqueza formidável, basta dizer que as nossas reservas são 4 vezes apenas menos que o recurso mundial, que não excede de 28 milhões.

AMANCIO

O sr. é contra os sindicátos estrangeiros, ouvi dizer...

HENRIQUE

Não, eu apenas acho que a política do Brasil, como depositária de elemento de tão grande vita-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

lidade para a sua defesa comercial e militar, deve conservar no próprio território o minério extraído para transformá-lo industrialmente em ferro e aço. O meu ideal foi a fundação da indústria transformadora do minério no próprio país, e não demoraram os resultados fantásticos. Auxiliem os governos tal indústria e dificultem o mais possivel a exportação, e nós a teremos, dentro de pouco tempo, nacionalizado. As outras nações economizam as suas jazidas; porque havemos nós de, impatrióticamente, desbaratar as nossas ? A defesa da matéria prima é a medida de maior alcance que podem tomar os homens de Estado: tal clarividência importa numa segura e admirável previsão do futuro.

AMANCIO

Você integrou-se em uma campanha de grande patriotismo. (*A Julia*). E se fossemos decidir a nossa partida antes do jantar? (*Henrique e Clarinha gesticulam como se continuassem a conversar*).

JULIA

Como queira...

AMANCIO

Está combinado, vamos lá ver... (*Tomam á E. A.. Amancio sái em*

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

primeiro lugar e depois Julia que, antes de retirar-se, lança um olhar de cuidado para Henrique e Clarinha).

CLARINHA

Achas que estou abatida?

HENRIQUE

Confesso-te que sim. Estiveste doente?

CLARINHA

Não... (*Noutro tom*). Tu continúas a aproveitar os ares do campo; estás muito bem. (*Uma pausa. Olham-se*).

HENRIQUE, *timidamente*

Clarinha, tu vais perdoar uma pergunta; não a leves a mal; ela não é indiscreta e nem obedece a maus intuitos. Fômos criados como irmãos, e irmãos sômos, afinal, hoje em dia... (*Clarinha olha Henrique, como a querer adivinhar o seu pensamento*). Dize-me: tu és feliz?

CLARINHA, *precipitadamente*

Que pergunta, Henrique!

HENRIQUE

Perdôa-me.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CLARINHA

Sim, sou feliz...

HENRIQUE

Quiséra que me falasses de outro modo. Vamos ! dize-me com franqueza. Já te esqueceste de que um dia jurámos dizer sempre um ao outro toda a verdade. Não foste tú que me declaraste que não me tinhas amor, e não foi com os olhos serenos que olhaste a minha angustia ? (*Pausa*). Parece-me que tu não és feliz. Eu tenho a impressão de que a tristeza enche esta casa, outróra tão alegre e tão cheia de luz, de uma solidão profunda e de uma tréva que só os nossos olhos vêem. E havia aqui tanta alacridade em outros tempos ! Neste mês de setembro, de manhãs radiosas, faziamos os nossos passeios pelo campo. Dizias-me: não te parece que a luz tem a maciez de pênas e veludos ? E eu respondia-te: a tua péle é mais macia e delicada. Eu era espontaneamente gentil, dizia-te cousas que podiam parecer de namorados, e nem siquér me passsava pela imaginação a idéa de que um dia pudesse querer-te tão intensamente. Porque talvez nêsse tempo eu supusesse que nada nos pudesse separar na vida...

CLARINHA

Para que lembrar êsse passado ?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

HENRIQUE

Tens razão: não te pode agradar o passado desde que a tua felicidade está no presente. Mas eu vivo dêle, porque êle foi para mim a felicidade única. Tú podes contemplar o futuro como quem espera novas modalidades de ventura em dias vindouros; eu mergulho os meus pensamentos no passado, porque vivo de perpetuar recordações, sem as quais a vida seria para mim intoleravel. Não quero obscurecer o teu coração; e nem podem lembranças de ontem, bem mais fracas que as impressões de hoje, perturbar siquér o brilho sereno de tua paz conjugal. Assim não é justo que queiras induzir-me a desprezar a única fonte de estímulo que me resta...

CLARINHA

Perdôa-me...

HENRIQUE

Não falemos mais nisto. Para viver envôlto nessa têia de ouro preciso evocá-la em voz alta. Por mais dispersivos que sejam os meus trabalhos, por mais empolgada que esteja a minha atenção, parece que em mim vibram duas correntes distintas de pensamentos: sendo que uma é só dêsse passado uma recordação permanente, viva e eterna da minha mais dôce felicidade. Chego a ter a impressão de que após uma cruciante morte, cheia de agonias lentas, ressuscitei

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

apenas para o tempo em que fui feliz. Nada receies por mim. Perdoa-me tú se te causa desagrado relembrar um tempo que olvidaste inteiramente. (*Movimento de Clarinha*). Oh! eu ás vezes penso que tudo se desmorona, que a ruina é fatal para tudo, e, assim como hei de acabar um dia, verei também destruidos os laços que me prendem ás recordações mais caras da existência. Que eu morra antes dessa horrivel agonia! Que os anos passem, deixando-me no rôsto os vincos profundos dos seus dânos, que uma brancura de sudário desça sôbre a minha cabeça, mas que Deus jámais me arrebate êste consôlo de viver do passado!...

CLARINHA

Parece haver uma queixa profunda nas tuas palavras; contra mim, talvez...

HENRIQUE

Se nas minhas palavras houvesse queixa, não seria contra a tua felicidade... Já vês que não posso queixar-me de ti... Há um poder invisivel que se compraz em tecer infortunios e prazeres... É tolice querermos assumir a responsabilidade dessa misteriósa entidade. Depois não me queixo: resigno-me. Diante do "tinha de ser", dêsse fatalismo que nos havia de separar, todo o nosso esfôrço para modificá-lo seria vão...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

(*Há um silêncio profundo em que ambos parecem absorvidos por pensamentos intimos. Clarinha deixa escapar um suspiro*).

CLARINHA

Talvez tenhas razão...

HENRIQUE

Não duvídes. (*Noutro tom*). Mas, afinal, tu não me respondeste...

CLARINHA

Não insistas, meu amigo; para que?

CENA V

CLARINHA, HENRIQUE E THEODORO

THEODORO, *ao F.*

Bôa tarde, Henrique!

HENRIQUE

Julgava que estivesses a caminho do Clube.

CLARINHA, *com um vislumbre de alegria*

Vais ficar?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

THEODORO

Que idéa, Clarinha ! (*Noutro tom*). Esqueci-me do meu livro de cheques.

CLARINHA, *friamente*

Vou buscá-lo...

CENA VI

CLARINHA, HENRIQUE, THEODORO e AMANCIO

(*Amancio entra á E. A*). *e Clarinha sai á E. B.*).

AMANCIO, *admirado*

Heim? que é isto? Já de volta?

THEODORO

Um pequeno esquecimento...

HENRIQUE, *a Amancio*

Quem venceu?

AMANCIO

Sua tia.

HENRIQUE

Vou dar-lhe os parabens pela vitória. (*Sái á E. A.*).

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

THEODORO, *a Amancio, com preocupação*

Meu caro tio, sabe de uma cousa? A Pinello embarca para S. Paulo com a companhia e eu sigo-a...

AMANCIO

Que dizes?

THEODORO

Sigo-a: estou loucamente apaixonado!

AMANCIO

E tua mulher?

THEODORO

Não quero pensar em nada. Ajude-me, invente uma desculpa qualquer. A Companhia dará mais 5 ou 6 espetaculos apenas. Vou incumbí-lo de meus negocios todos, pois é provavel que depois siga com Blanca para Madrid e París.

AMANCIO

Enlouqueceste?

THEODORO

Desconfio que sim, e, como me parece magnífico êste novo estado, estou disposto a continuar louco... Olhe, meu tio: estou farto desta vida. Eu não amo minha mulher e estou quasi certo d

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

que ela se casou comigo apenas para satisfazer suas ambições de luxo. Serei justo; dar-lhe-ei liberdade de gastar principescamente. Espero que ela compreenda delicadamente a necessidade de não me criar embaraços, no que andará bem, porque, do contrário, nada conseguirá...

AMANCIO

Deixas-me atônito!

THEODORO

Bem, agora: silencio e cuidado! Olhe: tem cinco dias para traçar um plano eficaz...

AMANCIO

Tú estás louco, Theodoro!

CENA VII

THEODORO, AMANCIO E CLARINHA

CLARINHA, *da E. B.*

Aqui tens o livro de cheques. (*Entrega*).

THEODORO

Obrigado! (*Vendo as horas*). Atrasei-me um pouco... Bem, até logo...

CLARINHA

Ou até amanhã...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

THEODORO

Póde ser tambem. (*Sêcamente*). Até amanhã...

CLARINHA

Podias ao menos jantar conosco. Todas ás vezes que o Henrique nos visita, tú te ausentas.

THEODORO

Coincidência apenas. Que hei de fazer? A comissão de festas reune-se hoje; depois ha o jôgo sul-americanno de xadrês...

CLARINHA

Tens sempre um pretexto...

THEODORO, *impaciente*

E' isso mesmo, e agora? Preciso sair, tenho necessidade de sair, quero sair, pronto! Acho que já faço muito em estar procurando desculpas...

AMANCIO, *receioso, tentando acalmar o sobrinho*

Ora, esperem... que é isto?...

THEODORO, *exaltando-se*

Confesso que já me aborrece tanta preocupação! Não posso dar um passo em liberdade!

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CLARINHA, *com mêdo*

Mas, por Deus, fala baixo!

THEODORO, *sem atender*

De uma vez por todas, é bom que saibam que não tolero mais esta situação! Entendem de vigiar-me, de espionar-me, como se eu fôsse algum criminoso sob as vistas da polícia! Já estou farto, fartissimo! (*Acaba gritando, no auge da colera. Anda de um para outro lado, arrasta os moveis, bate violentamente com as mãos*). Tudo tem limites!

CLARINHA, *com terror*

Theodoro, por Deus, acalma-te! Mamãe póde ouvir-te! Henrique.

THEODORO

Ora, adeus! Agora são as conveniências, é a hipocrisia da simulação. Nada disto; que venham todos, que todos vejam e saibam da verdade!

CENA ÚLTIMA

OS MESMOS, JULIA, ADELIA e HENRIQUE

(*Os três últimos entram da E. A., assustados*).

JULIA

Que é isto?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

CLARINHA

Minha mãe! minha mãe! (*Cai-lhe nos braços a soluçar*).

THEODORO

Eis aí o final da cena, chegam todos a propósito para presenciá-lo!

AMANCIO, *com severidade*

Theodoro!

THEODORO

Ora, meu tio, deixe-se de fingida autoridade: o senhor melhor do que ninguem sabe que eu sempre me conduzi pela minha vontade. A minha mulher pretende dominar-me, tolher a minha liberdade, e eu não estou disposto a admitir semelhante atitude. Acho que não lhe tem faltado confôrto, luxo e dinheiro para todos os seus caprichos. Não é isso bastante?

JULIA

Oh! senhor, por Deus, cale-se!

THEODORO, *frisando as palavras*

Minha querida sogra, a senhora pensa que eu algum dia acreditei no amor de sua filha?... Ela casou-se comigo calculadamente por causa de meu

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

dinheiro, para ostentar uma vida de luxo e de vaidade...

CLARINHA

Oh! poupa-me estas humilhações atrozes, tem um pouco de generosidade!

HENRIQUE, *energico*

Você não está procedendo bem, Theodoro.

THEODORO

Ora, adeus! Deixemo-nos de palavras de dramatização. Faltava apenas a voz do apostolo das sélvas e das montanhas. Fica entendido que eu quero ser livre, inteiramente livre! (*Põe o chapéu na cabeça e sái com violencia*).

JULIA, *caindo numa cadeira quasi desfalecida*

Meus Deus! (*Acodem a Julia*).

ADELIA

Que monstro!

CLARINHA, *a Henrique, soluçante*

Perguntaste-me ainda ha pouco se eu era feliz. Aí tem a resposta, meu amigo... (*Abraça-se a Julia, a soluçar*).

PANO

(*Continúa no próximo volume*)

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

No caminho da vida

Quantas vezes, olhando um trecho da paisagem,
lindo e claro painel, enlevada miragem,
nos longes do passado a sorrir e a acenar,
vem-nos a sensação penosa e dolorida,
no rude caminhar incessante da vida,
— de não poder voltar!

Outras vezes, é a dôr angustiosa e pungente
de sentir-se feliz no momento presente
— uma felicidade imensa e singular —
mas pressentir em breve o fim daquilo tudo
e essa magua que fére, espinho ponteagudo,
— de não poder parar!

Depois... Vamos seguindo... Outra visão distante,
ilusão do porvir, formosa e acariciante,
no horizonte, risonha e rosea, a lucilar...
E a jornada fatal ao termo derradeiro!
E a certeza cruel — ó pobre caminheiro!...
— de não poder chegar!

XIII Dezembro MCMXXXII.

JOSE' DE MESQUITA.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Na morte de Alexandre Herculano

(30 de janeiro de 1927)

E's tu, filho, o terceiro que nos deixas:
no entanto, em vez de desatar-se em queixas,

em improperios contra a sorte rude,
que em efemeros sonhos nos ilude,

beijo, humilhado, a mão que te arrebata.
Bem mereço esta dôr que me maltrata...

Tu, filho meu, porém, bem poderias
ser o conforto em minhas agonias,

o balsamo de paz a esta alma doente
que a magua aperta em seu aculeo ardente.

Curvo-me, entanto, á lei que assim me abate,
como vencido em meio do combate,

posto sinta que a mim é que devia
ferir da Morte a segure sombria.

A outros, que antes de ti se foram, certo,
lhes senti o partir, mas hoje, perto

de te ver ir, maior é o sofrimento,
mais funda a dôr, mais negro o desalento.

Assim não deveria, porém, ser,
pois de ti justamente é que hei de ter

menos tempo saudade, ó meu filhinho!
eis que sinto chegar, devagarinho,

a que nos reunirá na elisea altura,
onde vive tua alma linda e pura...

JOSE' DE MESQUITA.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BOCA

E' perfumada e faz lembrar o ninho
De um madrigal á sombra de um poêma !
Ao vê-la, sinto a perfeição suprema,
A mais alta beleza eu adivinho.

Coral que se fez cair para o vinho,
Que dá vida e calor a quem se algema
No imaculado e escultural dilêma
De dois braços de mármore e de arminho

Rosa de primavéra, altiva e casta,
Estrêla que anda aqui pelo universo
Clareando a minha solidão nefasta . . .

Bôca vermelha, onde, mavioso e terso,
De beijos virgens um colar se engasta,
Como a palavra "Amor" dentro de um verso.

MENDES DE OLIVEIRA.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Chave de Ouro

"Deus, o maior dos Poetas..."

Foi depois de fazer os passaros errantes,
As estrêlas, a ouróra, as flôres palpitantes,
As pérolas e o luar;
Que o Criador, sublime e eterno, do universo,
Traçou do seu poema o derradeiro verso,
Heroico e secular.

Da voz do rouxinol tirou a melodia,
Dos astros — o clarão, da rosa — a louçania,
Da auróra — o rosicler;
E disso tudo fez, de pérolas e flôres,
Esplendida e radiosa, a deusa dos amores,
Na imagem da mulher.

MENDES DE OLIVEIRA.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Romance de Dona Celeste

— Satan, onde a puzeste ?
Busco-a desde a manhã
O' pálida Celeste . . .
Satan ! Satan ! Satan !

E o Cavalheiro andante,
A toda, a toda a rédea,
Passa em busca da Amante
Pela noite sem luar da Idade-Média.

— O vento, ulula e chora . . .
Maldição, maldição !
A quem amar agora,
Meu pobre coração . . .

E o Cavalheiro passa
Ante a sombria porta
  Da lugubre Desgraça,
Silenciosa mulher de olhar de morta.

— Viste, velha agoureira,
O Anjo do meu solar ?
— Ah! com uma Feiticeira
Ela acaba de passar . . .

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

E bate o Cavaleiro
A' outra porta escura:
E' a casa do coveiro,
Solitaria como uma sepultura.

— Quem sabe ! acaso, acaso,
O meu anjo morreu ?
— Fidalgo, morre o ocaso,
Não posso enterrá-lo eu !

Louco, ás trevas pergunta:
— Sombras pelos caminhos
Dizem que ela é defunta . . .
E êle começa a interrogar os ninhos.

— Acaso, acaso a viste,
Meu suave rucinol ?
— Ouves a endeixa triste ?
Bem vês que não vi o sol.

E o Cavaleiro escuta
Longe o estertor de um pio . . .
Talvez a voz poluta
E irônica de algum môcho erradio.

— O teu Anjo finou-se
Ao beijo de Satan . . .
Ai! do seu labio dôce,
Mais dôce que a manhã !

Tinem arnezes: vôa
O Cavaleiro andante
A toda a rédea, á tôa . . .
Não acharás, Fidalgo, a tua Amante !

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

II

— Satan, onde a puzeste ?
Que incubo a fanou já ?
— A palida Celeste . . .
Ei-la no meu Sabat.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

Ponto de honra

A. Herman Lima.

I

Era o que corria na cidade, á bôca pequena e ninguém sabia quem fôra o perverso que espalhára aquêle boato: a filha do Lucas, da vendinha, estava com o *mal*. A' primeira versão ninguém acreditou. Gabriella, Gabi como a chamavam na intimidade, era uma mocetôna sadía, forte, bonita. O rôsto grande, sem ser perfeito, era simpático e atraênte, com o seu moreno claro, onde se abriam dois ólhos castanhos boiando sempre num amortecido langor que os fazia mais bélos e expressivos do que o eram na realidade. Tinha os lábios grossos e vermelhos, traindo a mestiçagem muito próxima, pois se o pai era português, a mãe era mulata, fôrra antes de casar-se, tendo sido escrava dos Nunes, com engenho e sitio de lavoura na Serra-Acima. Gabi era a filha unica do casal, nascida ao cabo de sete anos de união que já se considerava estéril. O que nela mais agradava era a constituição sadía, quasi pletórica do côrpo que, sem purêzas plásticas de linhas, impressionava justamente pelas suas fórmas atleticas, possantes, de virago selvagem. Não possuia os meneios languidos, a flexivel harmonia das curvas, a doce inflexão da vòz que, para os românticos, faz o especial encanto das mu-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

lheres. Ao envez, era a filha do Lucas um tanto abrutalhada de fórmas e rúde nas maneiras, mas seduzia nela aquela vitalidade que parecia irradiar-se de todos os póros, numa exuberância tropical de fôrça, de saúde, de mocidade virgem e um tanto selvatica, como essas arvores nóvas da mata, que cêdo, no seu precoce desenvolvimento, denotam a estirpe de que provieram. Faltava-lhe, é certo, essa doçura de tons, essa delicadesa de tintas que, nos adolescentes, tanto sugere e agrada: no seu desgarre inconciênte e nas suas desabridas atitudes algo havia, entretanto, que encantava, pela simplicidade que se entrevia sob tais aparências. Realizava a filha da *sia* Andrêza o típo da mulher fórte, toda musculos e sangue, feita para os duros trabalhos de campo, animal de charrúa e bélo *specimen* da raça, fecundo e apto para os serviços mais pezados. O seu pesçôço largo e sanguineo, os seus braços rijos e posantes, o seu cólo fárto, os seus vastos quadris, as suas pernas musculosas assentadas em enormes pés acostumados á descalcês, o seu todo, enfim, em que havia um pouco de criança ingênua e de animal submisso, — tudo nela delatava fórtes influências ancestrais transmitidas através de várias gerações de gente sadía e fórte, criada nos labôres do campo, nos êitos, nas longas caminhadas ao sól, nos *motiruns* de serviço prolongado e constante. O pai era filho de lavradores da Beira e emigrára já homem feito,, vindo dar-se ao comércio depois de certa idade, pois fôra, de comêço, trabalhador agricóla no engenho do "Quilombo"; a *sia* Andrêza, a mãe, apesar da tez em que se viam já traços dos sucessivos cruzamentos aríanos, traía nos traços e nos cabelos a ascendência africana de que viéra. Gabriella dava assim a idéa da uma Venus rústica e local, rija e talhada para o trabalho e para a fecundidade sã, mas sem que traço algum dessa divina espirítualidade lhe aureolasse as feições, béla estampa de raça fórte, maravilhosa na sua virgindade, opu-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

lenta de fórmas, disposta ás mais rúdes taréfas, sempre alegre, sempre risonha, sem um léve protesto contra o que quer de imprevisto ou máu que lhe sucedesse...

II

Assim feita encheu os ólhos e o pensamento do Thomé "crioulo", desde que pela primeira vez se encontraram, numa festa de S. Benedito, em casa do Zé Patricio, que fôra o *rei* nêsse ano. Andava a rapariga pelos seus esplendidos dezeseis anos, que a sua compleição fazia supôr vinte ou mais. O namôro, começado ao sair da Igreja, intensificou-se durante o resto do dia e á noite, durante o baile, dançaram juntos por mais de uma vez. Com pouco, todos na cidade, os davam como namorados e muitos até como noivos. Thomé, porém, esperava concluir o serviço que estava fazendo na chacara do Major Tancrêdo e que devia render-lhe uma bôa maquia para pedir a pequena.

Foi nêsse meio tempo que entrou a circular o bôato perverso. A primeida idéa do rapaz foi naturalmente a de que aquilo não poderia passar de uma invencionice muito réles e miserável de algum inimigo do vendeiro ou, quiçá, de qualquer antigo namorado de Gabriella que, por despeito, a procurasse enxovalhar. Se era lá possível crêr-se que a pequena tivesse aquela desgraça no corpo? Ela era nova e sã, fórte como ninguém, na sua família nunca houvéra caso algum do *mal* e aquilo não ia aparecendo assim atôa, como bicho na plantação, sem que ninguém soubesse como nem donde provinha. Qual! Histórias! Em todo o caso ia esperar um pouco, vêr em que paravam as modas... Já a não pediria pelo Espírito Santo, como ficára combinado, pretextando para isso demóra na conclusão dos trabalhos da chácara. Enquan-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

to isso iria *assuntando* e si continuassem a falar, então, se abriria com o Lucas, francamente, como bons camaradas que eram. A' Gabriella é que não ousaria dizer nada. Saberia ela — coitadinha! do que andavam dizendo? Por certo não. Se o desconfiasse siquer andaria triste, acabrunhada, e via-a, ao contrário, algere e expansiva, como era seu natural e costume. Thomé Crioulo sentia um rúde abalo dentro de si ao pensar na simples possibilidade de que fôsse aquêle bôato. Gabriella representava todo o seu ideal de felicidade, na vida simples e trabalhosa que levava. E, já antesonhavam, nas conversas de namôrados, um futuro feliz e calmo, bem amparados pelo trabalho, com os filhos robustos e alegres crescendo ao seu lado e povôando-lhes de alegria a casa. Combinavam até os nomes que deveriam dar-lhes: si fôsse homem, Benedicto, que fôra graças ao milagroso S. Benedicto que êles se tinham conhecido e gostado um do outro... E si fôsse mulher? Queria ela que fôsse Andrêza, no de sua mãe, mas conviéra em que ficasse Maria, Maria da Guia, especial devoção de Thomé, que, dêsde pequeno fôra criado na povoação de Nossa Senhora da Guia, sua madrinha, cuja santa invocação sempre lhe acudia aos lábios nos transes mais dificeis da existência.

Thomé, custava-lhe crêr que os seus doces projétos de ventura pudessem desmoronar-se de uma hora para outra... Remoía, entanto, no cerebro encandecido, as palavras místeriósas com que, cheia de rodêios e circumloquios, a *sia* Rosária da esquina do quartel lhe contára pouco antes o zum zum que, há mais de semana, ia pela cidade.

— Nada, não póde ser... fez êle um gesto enérgico. Onde, diacho, teria ela apanhado êste maleficio? E, depois, se ela nada demonstra, quem poderia ter visto para dar uma próva do que dizem? Não passa tudo de invenção e *danadeza* do povo...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

III

Mas o bôato, a principio anonimo e timidamente lançando, entrava de crescer, avolumando-se dia a dia, e tomando corpo. Thomé começou e incomodar-se. Já não era uma ou outra pessôa que aludia ao fato incidentemente, aos azares da palestra. Era toda a população que sabia, comentava, espalhava a versão endemoniada. Apontava-se já a fonte donde proviéra a noticia. Fôra, diziam, a Cotinha, amiga e prima da Gabriela, moça fêia, sardenta e sempre cheia de *sapiróca*, que ora a cousa quando juntas tomavam banho no ribeirão, apezar de tôdo o cuidado que ela tivéra em ocultá-lo... Thomé tornava-se triste e apreensivo. Nem por isso, fugiu da casa de Lucas, antes continuou a frequentá-la com mais assiduidade, no proprosito de examinar bem de perto e atentamente a menina. Faltava-lhe, porém coragem para abrir-se com o futuro sôgro.

No intimo, sentia crescer-lhe uma vaga desconfiança, si bem que as aparências nada confirmassem dos seus receios. Seria possivel que aqueles bôatos não tivessem chegados aos ouvidos do Lucas e da familia? E, si o saibam, como é que continuavam a vivêr alegres e despreocupados como antes? Haveria em todos o intuito oculto de dissimular, de iludir?

Si Gabriela não tinha molestia nenhuma, porquê não se mostrava indignada com as infamias que diriam dela, porquê as não desmentia, o que, aliás lhe seria tão facil? Muito diversa, porém, era a sua atitude, mostrando-se ignorante do bôato ou, de prevenção, fugindo ao assunto sempre que, por indiretas, alguem aludia ao caso... Ora, aquela situação era horrivel, não podia continuar. Na vespera, tivéra que repelir com umas bofetadas um arreieiro do Brandão que, a porta do farmacia, se referira de modo inconviniente á filha

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

do Lucas, sem saber, naturalmente, que era sua namorada. Mas, si aquilo fôsse verdade? Não estaria o arrieiro com a razão? E ele, Thomé, poderia, a menos que fosse um louco, comprometer-se com ela, conscio do *mal* que a ferira? Impossivel, lá isso não era, — pensava, já com a mente sombria de apreensão — pos Gabriela vivia sempre na vendinha, despachando os freguêses, e ali ia gente de tôda especie, dali e de fóra, e bem podia ser que, num contato fortuito, se houvesse inoculado o *mal* na sua órganização forte e sadia... Thomé pensava essas cousas no dia em que, de caminho para a casa do *galêgo*, tomára a resolução de tirar a limpo o caso que já vinha lhe roubando a tranquilidade dos dias e o sôno pacifico das noites. Não era a primeira vêz que saira de casa com esse proposito e, em chegando lá, se sentira desarmado ante os modos afaveis, despreocupados e alegres de tôdos. De longe, ao dobrar e esquina, ouviu o voz clara e forte de Gabriela cantando, no interior da venda, a "casa branca da serra", a sua modinha predileta, pois, mentalmente, ela, ao cantar, e ele, ao ouvir, se transportavam ao sonho do seu futuro feliz, na cazinha da serra que os iria abrigar depois de casados, a cazinha pitoresca, toda branca, cercada de bananeiras e coqueiros, cheia de criação, limpa, risonha, acolhedora, onde a vida se lhes escôaria numa grande e ininterrupta felicidade... Seria possivel-ó Deus que tudo aquilo não passase de um sonho irrealizavel?

IV

Gabriela, sentada do lado de dentro do balcão, sorriu ao ver entrar o namorado estendendo-lhe a mão num gesto vivo de satisfação.

Trazia um vestido escuro, côr de azeitona, que lhe

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

realçava o moreno claro de epiderme rosada e transparente.

— Bôas tardes, Gabî. Onde está o seu pai ?

— Saíu inda agorinha com a velha. Foram visitar o Pedro, filho da Nharinha, que foi ferrado de arraia... Ah! não sabia? pois foi, esta noite. Mas não devem demorar, que já faz mais de uma bôa meia hora que saíram... Sente-se, Thomé.

E ela apontou com a cabeça um mocho perto dela na parte interior da vendóla.

O criôlo, como alheado ao que ela dizia, nem siquer atendeu ao seu convite para sentar-se ao seu lado, e quedou-se em pé, calado, como que imerso em profunda cogitação. Com os ólhos fitos na moça, procurava, em longa demorada analise, encontrar um indicio, um sintoma qualquer, o mais léve que fosse, que o esclarecesse acerca do maldoso bôato.

Nada, nada o autorizava, entretanto, áquelas perfidas suposições. Tudo em Gabriela, — como um contraste do que se revela nos docentes do terrivel mal asiatico, — era serenidade repousada e tranquila. O rosto redondo tinha a colaração viva da saúde, um tom igual, úniforme, rosado, com labios vivos de sangue nas maçans, como denotando a pletora saguinea de um organismo robusto e sadio. Olhou-lhe os braços nús, até acima dos cotovelos. Era tambem claros, sem uma equimose siquer, sem uma só mancha, roliços, musculosos, cobertos de leve pubescencia alourada, tendo apenas no alto, as marcas esbranquiçadas da vacina. Examinou-lhe o colo amplo e opulento, sob o decote do vestido, liso, roseo, do mesmo colorido fresco e saúdavel, com umas pintas — três ou quatro — escuras, que davam maior graça na alvura da tez virginal. Acabou sacudindo a cabeça num gesto de revolta, dizendo de si consigo:

— Não póde ser... não póde ser.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

— Que é' isso? O que você esta dizendo? O que não póde ser, Thomé? perguntou a moça, que se conservára calada, a modo que num pasmo, diante da muda inspecção demorada a que a sujeitára o rapaz.

— Nada, Gabí. E' uma tolice que cá estou a matutar. Com que então os velhos saíram, heim? perguntou Thomé, que só então pareceu saír da profunda abstração que o tomára dêsde a chegada.

— E' Saíram, Thomé... Eu já não lhe disse? Que é que você tem hoje, assim tão diferente, tão esquisito?

Thomé hesitava, uma dolorosa incerteza, uma inquietante perplexidade. Deveria dizer-lhe tudo o que de horrivel lhe ia na alma ha muitos dias, confiar-lhe o segrêdo que o torturava e pedir-lhe a palavra da certeza que viria faze-o para todo o sempre feliz ou desgraçado? Não encontraria melhor oportunidade do que aquela. Estavam os dois sozinhos, áquela hora dficilmente viria qualquer freguês, pois o sol quente das duas horas da tarde ermava as ruas da cidade. Os pais de Gabriela demorariam certamente, pois a casa da Nharinha ficava distante dali seguramente um quarto de legua. Si perdesse aquela ocasião dificilmente outra igual se lhe depararia. Num assômo de energia e decisão resolveu-se a dizer-lhe tudo. Acabar-se-ia áquele infermo em que havia uma semana se torturava.

— Gabí, você não sabe o que andam dizendo de você por aí?

A moça regalou uns ólhos muito grandes e, numa admiração que se lhe refletia na fisionomia, limitou-se a responder noutra pergunta:

— Que é que andam dizendo de mim, Thomé?

O crioulo sentiu-se arrependido do passo que déra, mais era tarde para recuar. Não fôra ali, e certo, para falar-lhe, e sim ao pai, acerca do assunto, mas afinal não era preferivel assim, pois, quem melhor do que a

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

moça poderia dizer-lhe a verdade sôbre o caso. Contou-lhe, então, abrutamente, sem mais delongas, na sua linguagem rude de sertanejo, tudo o que ouvia ha muitos dias acerca da molestia de que a diziam afetada e acabou pedindo-lhe, quasi com lagrimas, que lhe dissesse sinceramente si quando era verdade ou mentira.

Gabriela fitava-o, triste e pensativa, e depois de um longo silencio, respondeu:

— Thomé, isso é mentira.

Sentiu o criôlo que lhe tiravam um pêso do coração... Mas não era bastante aquilo. Si ela, cega pelo amôr que lhe tinha, lhe quissesse ocultar a verdade, da qual só mais tarde, e quando já casado, se apercebesse, uma certeza tragica e irremediavel? Não era ela sua noiva, diante um do outro, não haviam trocado os mais firmes juramentos de fidelidade e confiança reciproca — que mal haveria, pois, em exigir dela a prova de que dissera, tão facil, tão simples e que lhe desse a absoluta segurança de ser exata a sua afirmativa? Pediu-lha, pois, entre acanhado e medroso, em palavras truncadas frases dubias, que velavam o pensamento receioso de se mostrar á luz.

— Si você quisesse, Gabí, eu...Sim, você poderia me dar a prova do que disse...E como eu ficaria tranquilo! Podiam dizer o que quisessem de você... Eu pelos meus proprios ólhos estaria convencido do contrário...Nada lhe custaria... Gabí...

— Isso, nunca, Thomé. Isso que você quer é impossivel... Nunca um homem, a não ser o meu marido, ha de ver o meu corpo!

— Gabí, mais eu, porventura não vou sêr o seu marido? Seu amôrzinho, que você diz tanto querer? Que mal ha nisso? E' só para me acalmar desta duvida... Não que eu não creia na sua palavra, mas você, pelo amôr que me tem, póde me enganar...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

— Não, Thomé. Pelo amor que lhe tenho é que nunca eu lhe enganaria ... Mas você acredita antes nesses bôatos da rua, espalhados pela Cotinha, que jurou de me perder, ela quer você para si... Não acredita na minha palavra, no que mostra bem que você é Thomé e só vendo é que crê. Mas o que você pretende, Thomé, não é possivel, não é possivel, ouviu? Prefiro sacrificar a minha vida, o meu futuro, a minha felicidade — que ceder nesse ponto de honra uma mulher como eu.

— Mas, filha, si fôr verdade o que você disse, eu lhe peço a seu pai amanhã e daqui ha um mês, ha 15 dias si você quiser, nós casamos.

— E si fôr mentira?

— Si fôr mentira? Eu lhe juro que a ninguem eu direi o que se passou. Vou-me embóra, volta para a Guia, donde nunca deveria ter saído!

O pobre rapaz soluçava, preza de indizivel desespero.

Gabriella, porém, de pé, em frente dêle. sacudindo a cabeça ligeiramente, num todo que irradiava firmeza e resolução inabalavel, disse-lhe:

— Isso, nunca, Thomé. Você então não me conhece. Você não conhece as mulheres de minha qualidade... Si a minha palavra não basta, está acabado tudo entre nós.

V

Thomé "crioulo" acabára de jantar e, sentada na soleira da porta, fumava o seu cigarro *macacia*, olhando a criação que se empoleirava numa goiabeira velha quando o Lucas apareceu na cancéla, gritando no seu vozeirão e carregado:

— O' de casa! Péde-se entrar?

— A casa é sua ... Entre, *sio* Lucas.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

O velho português já estava no terreiro e, nas sombras da tarde que não tardava em fazer-se noite, o seu vulto, muito esguio, espataúdo, destacava-se, meio sinistro, avançando para o rapaz. Sem mais nem menos, logo que se chegou para perto dêle, foi-lhe gritando:

— O' Thomé, você para que fôi fazer aquilo? A Gabi lá está que não sabe de si. Já falou em matar-se, em atirar-se ao poço, em beber veneno, o diacho... Está louca varrida a pobre da rapariga! Thomé ouviu calado e de cabeça baixa as palavras do velho e, depois, sacudindo a cabeça, num gesto triste de desalento, exclamou por sua vez:

—Tem graça *voncê* vir me falar assim! Pensa, acaso, que eu tambem não padeço, que eu tambem para dar êste passo não sòfro horrivelmente, não estou aqui com o coração esfrangalhado? Desde hontem eu vivo num verdadeiro inferno! Mas, diga-me, não é melhor assim que o desespero em que eu vivia na incerteza, a ouvir de tda a gente esse maldito bôato? O que aconteceu é porque tinha de acontecer; o que tem de ser, *sio* Lucas, traz fôrça...

— Mas você, Thomé, não póde deixar de crêr no que minha filha disse... Ela não teria coragem de mentir-lhe uma cousa para sua infelicidade.

— Não, *sio* Lucas. Não é assim ... O fáto dela negar-se a dar-me a prova que eu lhe peli me tortura ainda mais não só por ser uma falta de confiança della, como porquê vem firmar na minha idéa a certeza de que o que dizem é a verdade.

— Thomé!

— Por certo! E si não é, porque não desmente, com provas, esses cachorros? Não sou o seu noivo, não vou ser o seu marido? Que é que tem demais que ela não possa deixar vêr aquilo que tantas vezes jurou ser meu e sómente meu?

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

O crioulo expandia-se em grandes gestos, andando de uma ponta para outra da área bem varrida, onde o sól punha as suas derradeiras luzes crepusculares ... Lucas conservava-se de pé, sem coragem de lhe dizer mais nada, tão grande era a dôr que torturava o pobre rapaz. Afinal resolveu-se o propôr-lhe um alvitre que lhe acudira e vinha lhe verrumando a idéa. Si êle quizesse, enfim podia-se dar um geito... Sim, porque, afinal, a menina não transigia naquêle ponto de honra, como ela dizia, e não era justo que se deixasse, por um capricho, consumar a desgraça de duas pessôas que podiam ser tão felizes. Êle proporcionaria á Thomé a próva, a desejada próva que a sua incredulidade exigia. E isso naquêle mesmo dia si êle o quisesse e sem que Gabi de nada viesse a saber. E explicou-lhe com muita cautela, que ela costumava banhar-se, á noite, antes de dormir, e que êle poderia penetrar pelo aposento contiguo ao quarto dela e convencer-se pelos seus proprios ólhos daquilo que a afirmação da moça lhe disséra.

— Tambem isso, não, *sio* Lucas. Confiança se dá, não se toma. Eu me julgaria indigno de Gabi se recorresse a este meio para iludir a sua vontade ... Honra, si ela a tem tambem eu, como crioulo, a tenho... Não se dirá nunca que eu abusei de uma moça contra o desejo dela. Seremos infelizes, si esse é o nosso destino. Parto amanhã cêdo para a Guia e aqui não pretendo voltar ... Diz á Gabriella que si não fômos felizes é porque ela não o quis ... E si tudo isso que dizem dela é mentira, caia a maldição de Deus na pessôa que fez a nossa desventura ...

Thomé chorava copiosamente como uma criança. Lucas ainda tentou convencê-lo, mas viu que era trabalho perdido. Como a filha, em cujo animo nem a violência lográra vencer, assim nada conseguiria de Thomé: eram os dois dignos um do outro. O velho despediu-se e ia descendo, acabrunhado, a baixada que, fóra da

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

cancela, levava á estrada reúna, margeando o corrego quando, quasi ao ganhar o trilho, ouviu soluços abafados dentro do mato. Era Gabriella, que, sem que êle o notasse, o acompanhára e ali ficára á sua espera. Não sabia ela o que o pai fôra fazer, mas algo lhe dizia que era a última tentativa essa e que dela dependia a sua sorte feliz ou desditosa. Adiantou-se e, á queima roupa, interpelou-o:

— E, então, meu pai? Êle acreditou, afinal, na verdade?

— Qual! tudo é inutil... Vocês são dois cabeçudos e o melhor é deixar e cada um a sua sina. Não fôram feitos um para o outro, isso é que é...

— E êle vai-se embóra? perguntou ainda Gabi, com a voz estrangulada de pranto.

— Amanhã mesmo... Vai de uma vez... Vocês assim o querem... Tolices! Cabeças cheias de caraminholas!

Gabriella não respondeu... Não tinha o que responder. Lútar, discutir, para que, si era o seu pai que assim se externava contra ela? Ceder, tambem, jamais, morreria virgem, solitaria, porquê nunca outro homem teria o seu amor. Assim como assim, era melhor que continuasse a infame calúnia que, ao menos, a isolaria do desejo de outro qualquer... Viveria para a lembrança de Thomé — êle, porém, teria essa força? Certo que não. Onde quer que fôsse viver, logo outra o desejaria, o prenderia, fa-lo-ia esquecer-se dela. Essa idéa pungui-a como uma punhalada. Estava em suas mãos ainda evitá-lo... Mas, como? A barreira que se elevava entre ele e Thomé era feita de seu pudor de sertaneja, inviolavel e intransigente. Antes a morte... Antes o abandono... Antes o desprezo dêle... feliz nos braços de outra, dessa outra rival inexistente que o seu ciúme lhe fazia já suspeitar triufadora no coração do amante... O que não era possivel era ceder ao que êle queria. Toda a sua

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

honra estava empenhada nisso, o seu sentimento inato de dignidade de mulher que só ao marido reconhece o direito de posse plena e limitada. Gabi ia caminhando automaticamente, pouco adiante do pai, remoendo na idéa de tão tristes pensamentos. Ao ganharem a estrada, já era noite fechada, e o luar macio vinha rompendo do alto céu escuro, prateada do ribeirão dormente.

— Então, sempre é tempo de arrepender e reparar o mal feito. Olhe que você põe a felicidade pela janéla ofóra.. Voltamos? Hein, Gabriella?

— Nunca, meu pai. As mulheres de meu sangue morrem, mas não cedem em pontos de honra. Si eu cedesse, eu me sentiria indigna de Thomé. Assim eu não serei sua mulher, porque êle não o quís, mas nunca poderá dizer de mim nada que me deshonre aos seus e aos meus ólhos. . .

— Vocês sempre me saíram uns idiotas! resmungou, entre dentes, o vendeiro. Emfim, sua alma, sua palma. Eu é que não tenho nada mais a fazer e lavo as mãos neste negócio.

Gabriella estacára-se, silenciosa, súfocando as lagrimas. Olhou para cima e viu, já quasi sumida, a casinha de Thomé, a "casa branca da serra" dos seus sonhos desfeitos... Um vulto escuro parecia acenar-lhe á luz fôsca do luar de maio. Tudo entre êles estava, pois, irremediavelmente acabado! Um grande espasmo doloroso sacudiu-a e ficou-se ali largo tempo, chorando baixinho, para si mesma. . .

— Nós eramos tão felizes! Não podia bem nada disto ter acontecido?

Cães latiam ao longe, e a lua cheia, muito grande e vermelha, subia no céu lavado, além, na crista denteada da grande serra, que, como uma linha sinuosa, franjava o horizonte distante...

JOSÉ DE MESQUITA.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Saudade da lua

J. GUIMARÃES MENEGALE

(Conferencia lida na Academia Mineira de Letras)

Aquele que representasse por uma linha réta a direção do tempo, não revelaria o sentido da continuidade histórica. A linha réta é a rapidez para o fim; na linha curva, um angulo se insere em outro angulo, a um impulso para uma direção diferênte. E' assim que a linha curva conserva a unidade na diversidade.

A historia do pensamento humano obedece a esse esquema. Cada direção continúa em outra, e não se substituem.

Não se póde despresar o valor de cada pensamento, que é o seu conteúdo. Mas o pensamento é vida, e a vida é movimento. Ora, o movimento se perpetúa dentro de um ritmo determinado, que só se modifica a um impulso que produza um ritmo novo.

As civilizações não declinam enquanto se projetam para um destino idéal e se aplicam a rea-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

lizações novas para atingi-lo. Uma civilização que se contenta com o que já criou, condena-se a decaír e desaparecer.

Duas forças de cívilização, porém, se conjugam: uma, é aquela que sustenta o ritmo; outra, é o impulso que o modifica. A primeira atúa á direita: é conservação; a outra, á esquerda: é renovação. Se as duas obedecessem a um só compasso, então se neutralizariam; mas o jôgo dos seus fluxos e refluxos se alterna. Atuando paralelas, tendem ambas ao centro.

Ainda que se integrem numa lei de harmonia universal, não se compreendem, porque as suas direções se cruzam. Daí a aparente descorrelação das correntes do pensamento humano em cada periodo de reconstrução filosofica.

Póde-se dizer que o ritmo se cansa e tende a baixar e a extinguir-se, se não lhe acode o impulso modificador; é a linha réta que se precipita no infinito, e aí se perde.

O classicismo foi uma fuga para a arte antiga, porque os modêlos da arte contemporânea se tinham corrompido. Enquanto pôde reconstituir as fórmas em dissolução, satisfez o espírito humano; faltava-lhe, porém, *presença.* Nenhum homem se sentia palpitar na substância da própria obra: uma transmigração de almas se operára.

A reação ocorreu, então, num sentido de transbordamento da individualidade. Com o romantis-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

mo, a arte começou por ingressar, de novo, no presente, sensivel as impressões imediatas, á natureza que emoldura a vida dos homens. Passaram a interessar á arte as nobres emoções, as paixões que compõem o drama da alma, o sentimento da vida de cada dia, mas com certo encantamento que a desfeiasse dos seus aspectos triviais, e mesmo com uma carga de idéalismo em condições de deslocar a existência acima do plano em que a sitúa a realidade.

Ao passo que o classicismo se requintara na procura da fórma por assim dizer tangível, o romantismo, dando á natureza, com a imaginação, um tóque de sublimidade, saíu em busca de fórmas abstratas, mais ou menos arbitrarias. Em vez de se superpôr, a arte se estruturava a um lado, em relação ao pensamento e á vida. Em arte, como em política, verificou-se, então, o que Keyserling qualificaria — uma diferença de planos.

Não se póde negar que o romantismo enriqueceu a cultura do espírito humano. Onde quer que o homem concentre em si o Universo, a vida universal se revela. Subjetivismo é revelação. Bemaventurado o homem que póde copiar a própria sombra!

Individuo, segundo René Gillouin, é o outro nome de Universo. A medida da personalidade humana está no poder, maior ou menor, de cada qual, de concentrar, sintetizar e miniaturar, em si, a vida universal. O senso de totalização não

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

cancela a própria individualidade; não é uma exteriorização: é uma interiorização, quer dizer: a absorpção de todo universal em si.

E' facil observar que os que não sabem falar de si, não sabem falar do Universo. Falar a linguagem individual, é falar melhor a linguagem universal. Todos os motivos individuais são motivos universais.

Com o romantismo, entretanto, a individualidade se hipertrofiou. A preocupação de indisciplina, como desafogo á rigidez dos postulados estéticos que o classicismo impuzera, precipitou o artista na vertigem da pessoalidade, ou seja: da originalidade — como viria a suceder, de novo, um seculo depois. Para ser diferente, êle abismavá-se nos veios da imaginação, opulenta em sugestões estéticas, porque multiplica indefinidamente a face dos motivos concretos. A arte era, então, alguma coisa como uma visão de opio.

Em pouco, o estílo, a fórma, a expressão acusavam o excesso de idéalismo, a abundância de imaginação: a hipérbole esfusiava, e rebentava, e explodia na linguagem; a metáfora desfigurava o pensamento. Dando uma noção do número de medalhas e condecorações que esmaltavam o peito do capitão Phebus de Chanteauplaire, Victor Hugo escreveu que, ao caminhar, êle produzia mais barulho do que um cáis de ferro velho sacudido por um furacão...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Depois, com efeitos de desarticulação sobretudo em política, em econômia, em organização social, o contemplativismo avassalou a alma humana. Punha-se o olhar acima dos contornos sinuosos, do perfil irregular da cidade arfante e tumultuosa; buscava-se o céo longuinquo, um flóco de nuvem a esgarçar-se no azul, como uma gaivota que um tufão despena...

O drama ignorado de todos os dias, a tristeza sem esplendor, a alegria sem legenda ou a dôr sem heroismo, não interessavam: o mistério não os prestigiava. Então a alegria era vulgar e despresivel. Dionisos, reincarnado, seria acolhido com desdem ou desconfiança.

Do coração de toda gente, uma queixa indefinida se exaláva, aliás explicavel com as vicissitudes recentes da Europa. A alma buscava, em toda parte, um repouso na penumbra; e, na luz difusa dos crespusculos, tateava as imagens que a noite vinha recolher. Volupia de ser triste — e de ser pálido! Foi aí que boiou na espuma da melancolia generalizada a saudade — criação genial do coração português.

Na política, na economia, o liberalismo cerrava a atenção dos homens ás leis da biologia social; na sociedade, aristocratizava-se a vida, poalhando-a de artificios: uma educação sem movimento e sem finalidade dava á mulher, amimada e despersonalizada, a aparência de uma borbolêta prêsa a alfinêtes num fundo de veludo.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Nos salões, nos intervalos da valsa airosa e sentimental, o declamador gargarejava o lirismo daquela idade de sonho e de decepção, arrepelando com a mão tremula os aneis da cabeleira.

Fóra, os cenários da natureza acaso sombreados pelo silêncio, a solidão harmoniosa é que atraíam o artista. Numa noite assim, talvez, em 1830, é que o homem descobriu, com espanto, o mágico fulgor da lua.

Um principezinho, desabrochando ainda nos verdores da meninice, concebeu, uma vez, extravagante capricho. Do seu berço rendado, onde, sob as franjas do gracioso docel, a cambraiêta revolta dos lençois se arrepanhava em ondas de espuma quieta, entreviu, pela janela, em noite clara, a lua espargindo sôbre a terra o oleo da sua luz liquíflua. Namorou-lhe os olhos inocentes o feitiço do astro cintilante, e êle exigiu, logo, que o puzessem nas suas mãos. Sorriram, entreolhando-se, os pagens e, sorrindo, explicaram que ninguem poderia satisfazer a ordem de S. A. — a lua era de Deus. Estranhou a criança a inesperada recusa e, de novo, ordenou, zangado, que lhe trouxessem, ali, o globo de cristal azul. Insatisfeito, gritou, bracejou, esperneou, alvoroçando o paço com o alarido dos seus protestos .

Acudiu, alarmado, o rei, mais a rainha, e o chôroso infante só lhes apontava, em pranto, o plenilunio. Afligiram-se, e com razão, que a insistência do menino era, já, um delirio. A pobre da

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

rainha — que, sendo rainha, era mãe e, sendo mãe, nada podia fazer — desesperava, tentando, em vão, serenar com afagos o filho alucinado. E o rei saía a mandar por magicos que remediassem o caso espantoso, quando um pagem teve, de subito, uma inspiração; tomou de um espelho, colocou-o, com geito, entre as mãozinhas do principe, a face polida voltada para o luar. Certo de que segurava nos dedos a bola de prata refulgente, o principe pôz-se a rir, até que adormeceu.

Para o poeta romantico a arte foi o espêlho providêncial da lenda: o artista fixou, na sua obra, o astro fugitivo, cujo palor, quasi mitico, empolgaria a fantasia de uma geração inclinada ao tom melancolico da vida, aos recortes indecisos da meia-sombra da noite.

Passava eu, certa noite, numa ponte metálica sôbre o rio Paraíba, quando, ao longe, numa curva demorada, a lua, redonda e muito grande, saía vagarosamente do seio das águas. Parei, magnetizado, para comtemplá-la, e surpreendí uma visão que se me embebeu para sempre na retina. Num dos angulos da ponte metálica, uma aranha rendilhara a teia, através de cuja úrdidura eu vi, então, a lua presa. Cada fio, molhado pelo luar, luzia e palpitava. Na poesia romantica, a arte tecia, assim, a teia dos versos para prender o luar, e o luar luzia e palpitava em cada estrofe.

Não é de admirar, porque a sugestão do luar cái, em todos os tempos, como um fluido hipnótico

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

na alma dos homens. Em tudo se insinúa o seu magnetismo. Uma noite, em que o leite do luar branqueia, entornando pelos montes, pelas arvores, pelos telhados, uma exaltação faz-nos vibrar os sentidos, perde o coração a cadência das suas pulsações, tudo, ao redor, parece crepitar e zumbir, como se, ao ardor que de nós irradia por efeito de estranha châma, a natureza repontásse em clarões. Desvanece-se o vágado excitante, o coração volta a bater isócrono, no céu a mesma claridade serena e doce, a mesma placidez na terra, onde as sombras rezam o canto liturgico do silêncio. Apenas, em nossos labios ficou o ressaibo de outros labios, na boca o perfume de outra boca. Foi o luar, e nada mais...

A reação naturalista tentou afugentar do seio das noites enluaradas a aza assustadiça do sonho; mas a lua continuou a dar á arte poética o seu tom de nostalgia de um país desconhecido.

A contar de cem anos, não se encontra nenhum poeta insensivel aos influxos do luar. O parnasianismo, malsinado porque tendia a hieratizar a arte, não o excluiu: assim como emerge vaporosamente da nuvem que a embaçou (lembra uma nadadora núa saíndo das ondas), o seu prestígio infiltrou-se na era naturalista, hostil á sua magia de sonho.

Documentar é enfadonho. Vamos escolher, entre tantos, um expoente: Alberto de Oliveira. A geração literária de hoje não é amavel com o

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

poeta do "O espêlho". Perdura-lhe, e sem razão, uma fama de impassibilidade que o próprio perfil do homem sugere: as estiradas guias do bigode, a face erecta, a bengala a prumo, o passo cadênciado — largo e majestoso como os dois hemistíquios de um verso alexandrino.

No entanto, á parte certo suplício na composição da primeira serie dos seus poemas, sob a indisfarçavel influência dos dogmas da época, não se lhe póde negar a mobilidade do ritmo, as palpitações do sentimento lírico, uma sensibilidade nervosa e inquiéta. O sentimento da natureza afinada á alma numa integração cósmica (para satisfazer o conceito de certos filósofos da estética), responde a essa concepção da "essência da arte" que, segundo um deles, está "nos sentimentos vagos que, derivados dos contátos sensiveis, — das fórmas, das cores, dos sabores e dos tátos — conduzem á indeterminação, á fusão dos seres no supremo sentimento do Infinito". Nenhum artista, sem dúvida, se póde segregar da natureza — nem mesmo os cegos; mas parece-me que a comunicação com ela é que intensifica a exaltação estética, por interessar a sensibilidade humana sem a interpretação que a esfria. Como, pois, considerar uma arte sem sangue a de Alberto de Oliveira, que tão entranhadamente se satura da païsagem, conversa com as selvas, montes e rios, se mistura á volupia dos dias estivais, sóbe ás alturas inatingiveis onde só se escuta "o rolar das estrelas na ampli-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

dão", e perscruta as imponderaveis afinidades da almā com a natureza, assim fixando, na arte, o têrmo de relação entre uma e outra?

O que descuidadamente se habituaram a taxar de mineralizado na obra de Alberto de Oliveira, é, o mais das vezes, alguma solenidade que lhe resta, porventura, do hábito de dar ás estrófes a forma estatuaria. E' oportuno frisar que êle contesta com viveza que o parnasianismo haja presidido á sua formação, como á dos seus contemporâneos, asseverando, mesmo, que tal vóga literária não prevaleceu no Brasil.

Como quer que seja, a evolução da sua poesia, do primeiro rigor da fórma para maior liberdade em presença dos ritmos que a natureza sugere, mantendo o esmero e capricho de cinzelador na maior mobilidade, distingue em Alberto de Oliveira um acento de originalidade em que concorreram aquela emoção das cousas, a linguagem nobre e harmoniosa, — e a altura do tom musical.

Nunca se lhe surpreende uma paixão a expandir-se sem correspondência com as cambiantes da natureza; diriamos que, para o poeta, a natureza é que decifra a alma... Tal sentimento, que êle não sabe definir, alí se desenha, na floresta convulsionada com o vento, no rio de águas turbilhoantes, — é agitado, efervescente ou fluente, segundo lhe está pintando a nesga de païsagem.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Saudade, por exemplo, que é? como a reconheceu o poeta?

Alteia-se no azul aos poucos o crescente,
o ar embalsama, os cirrus leva, o escuro afasta.
Vasto, de extremo a extremo, enche a alameda vasta
e emborca a urna de luz nas aguas da corrente.

Na escumilha da teia, onde a aranha indolente
dorme, feita de orvalho, uma perola engasta.
Faz aos lirios mais branca a flôr setinea e casta,
mais brancos os jasmins e a murta redolente.

Faz chorar um violão lá não sei onde... (A ouví-lo
na calada da noite um não-sei-quê me invade).
Faz que haja em tudo um como estranho espasmo e en-
[levo.

Faz as cousas rezar, ao seu clarão tranquilo.
Faz nascer dentro em mim uma grande saudade,
faz nascer da saudade êstes versos que escrevo.

Uma diversão no curso do pensamento humano não se opéra sem uma referência de contraste.

O naturalismo condenou o individualismo romântico, e sobretudo a imaginação romântica. Não conseguiria o movimento naturalista negar a parte da imaginação na arte, e até o conceito famoso de Zola a consagra; contudo, é próprio das reações o extremar-se. Os valores novos da ciência, como da arte, limitavam-se aos elementos empíricos, excluido o que exorbitásse do conheci-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

mento diréto. Para a ciência e para a arte, o novo método (porque era antes método que escola) importou num avanço consideravel: naquela encareceu a experimentação, e na arte criou uma técnica nova, de modo a retificar a imaginação e cruzá-la com a observação .

A materialização do espírito, porém, deu á vida uma secura de deserto, e a arte mais a mais se alongou das fontes profundas da existência, mergulhadas nessa região indefinida, de onde cuidamos ouvir constantemente o rumor das águas de um rio que se avisinha — e que nunca chega. Sobreveiu ao homem uma ansiedade de se redescobrir, de palpar a vida submersa de cada um, e de unir o idealismo á riqueza concreta de cada indivíduo.

O romantismo e o naturalismo tinham de comum o conduzír-se num sentido mais ou menos fixo, convencional e preconcebido. Já o expressionismo veiu a preferir a intimidade da vida, onde os conceitos estão em perpetua fusão. Com voltar assim ao seio originário da vida, é natural que esboçasse construções de sentido autentico, mais conformes ao sentido universal. O primitivismo, todavia, é um recuo e não corre na linha do progresso. Êle sondou as franjas da conciência, onde a sobrecarga da estética mergulhára em penumbra uma substância de vida. Foi em parte uma libertação do inconciente, que a psicanálise póde explicar, — e ás vezes só a psicanálise, porque o artis-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ta projetava na obra o pessoal ininteligivel, a não ser por interpretação.

Então o homem começou a recriar, pois evidentemente não lhe bastava descer ao recesso aparentemente insondavel da conciência e tomar nas mãos a matéria pura do espírito. Sucedeu o que se poderia denominar — uma luta de fórmas. Até a filosofia social entrou em conflito na arte. Plejanov, Lunacharsky, Blonsky, Piragov, Krupskaia... anúnciam a estética da éra proletária, revendo todos os conceitos da arte — a concepção estética, o juizo estético, a finalidade social da arte.

De fáto (e lá o diz Benedetto Croce), "cada época tem a sua poesia"; a êsse respeito, André Maurois considera a existência de elementos de ritmos poéticos novos nas civilizações urbanas contemporâneas, e enuncia o "ritmo de indentidade" e o "ritmo de complexidade". E' da vida familiar ou da cultura ciêntifica da época que o poeta moderno apropria as suas imagens. O homem do nosso tempo não tem mais por pensamento familiar o terror da natureza, as féras, o lôbo, o leão, mas o tifo, a colera-morbus, a neurastenia, e o rádio, o automovel, o avião, e é a isso que o poeta recorre para a simbolização. Em todo caso, diz êle, na alma de hoje, escondidos lá ao fundo, cochilam os mitos antigos — o sol, o dragão, a serpente, a lua...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Sómente os mitos se simbolizam na imagem moderna. Como é, por exemplo, que um poeta moderno interpreta a lua ? Vejamos um de casa: Carlos Drummond de Andrade.

Cada qual julga o alheio pelo próprio. Para mim, "Alguma poesia" quer dizer: poesia que não acabou de se exprimir. Graça Aranha era de opinião que em todo ironico ha um sonhador incompleto. Parece-me que a ironia envenena demais as emoções do nosso poeta. Entretanto, poucos poetas têm a sua emotividade!

Quando eu nasci, um anjo torto
dêsses que vivem na sombra
falou: Vai, Carlos! ser gôche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás das mulheres.
A tarde talvez fosse azul
si não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus? pergunta meu coração
porém meus olhos não perguntam nada.

O homem atrás do bigóde
é sério, simples e forte.
Quasi não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos oculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
si sabias que eu não era Deus
si sabias que eu era fraco.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Mundo mundo vasto mundo
si eu me chamasse Raymundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas êsse conhaque
põe a gente comovido como o diabo.

Onde era só a lua, Carlos aduziu o conhaque — para despistar.

Ou então Emilio Moura. O poeta de "Ingenuidade" anda constantemente á procura de sensações puras, numa descrença magoada das imagens que o hábito estabeleceu. O seu desejo é olhar a vida com os olhos arregalados num sonho da infância, portanto num sonho sem convenções.

E a lua subiu como um papagaio de papel
e ficou á espera de que as estrelas fizessem o mesmo.

Porém o ponto berrou para que o bailado principiasse.

E a lua serena,
serena,
num ritmo pobre,
subia e descia,
rolava, caía, subia, serena,
como um papagaio de papel que não obedecesse ao ritmo
[da linha

como um papagaio bebedo.

Então as estrelas apareceram fantasiadas de oréadas,

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

e rodearam a lua
de gase,
de vozes,
de sombra...

E o pano caiu rápido sôbre a apoteose
e sôbre o olhar malicioso da crítica...

Na tendencia a uma poesia objetiva, a poesia aventura-se a desaparecer, como adverte Paul Sabon. Muitos poetas de hoje desdenham acintosamente a poesia...

E o vago susto nos salteia, de uma geração anti-poetica, atraída, máu grado seu, pela sedução da poesia, preocupada portanto, em objetivar, nela, problemas que não lhe são adequados e em fórma que não lhe é própria. A poesia moderna, pelos seus extremistas, revela, enfim, certa ditadura do espirito, que me parece pouco suportavel...

No entanto, a verdade é que todos andamos saudosos de sonho. O ritmo moderno descarnou um pouco a poesia, que perde em efeito lírico: as emoções, se não desapareceram nela, reçumam o travo irônico. Uma volta ao romantismo seria, decerto, impraticável — e inaceitável. Sem duvida, a arte mais duradoura (e a arte aspira á perpetuidade) é a que mais intimamente se embebe do sentido do seu tempo. A este aspecto, eu definiria a arte como o processo de fundir o efemero no eterno... Ha, porém, segundo Henri Bre-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

mond, um romantismo consubstancial á alma humana. Vamos procurá-lo para uma estação de cura do espírito.

Talvez o encontremos, numa dessas noites de sonho antigo, quando, ao luar, as próprias arvores, alongando a sombra sob a luz sagrada, nos dão a impressão de que se ajoelham...

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

As Obras de Arte

DIOGO DE VASCONCELLOS

O encargo dêste capítulo para a Memória Histórica, destinada ao Bi-centenário da Vila-Rica, eu o aceitei por entender que não se trata de um julgamento, e sim do inventário puramente descrito das obras de arte.

Este meu modo de vêr estava mesmo de acôrdo com os intuitos da festa, que se projéta, os quais não podem visar, nem a festa significar outra cousa, que não seja a glorificação do passado.

Neste suposto, os monumentos, quaisquer que sejam, grandes ou pequenos, bem ou mal acabados, constituem por certo, o patrimônio herdado; e cada um na proporção de seu valôr, ou de sua lenda, concorre para o conjunto das tradições que fizeram desta cidade o centro e o coração da história.

Por outro lado, si, em desempenho da taréfa devo rastrear o curso indicado pela evolução nas obras de arte, nenhum ponto de observação se exclue, eis que por todo o sempre em objétos, nem por vezes grandiosos, é que se fixam os marcos iniciais de toda civilização.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Neste sentido bem é que se atenda não haver em todo o espaço de Minas povoação, senão esta, onde se conservem tantos e tão claros vestígios primitivos.

Sertão bravío, longe de recursos, disputado ousadamente ás brenhas e ás féras, a terra aqui começou por não ter que dar aos invasores abrigo outro, que as cabanas grosseiras de ramos enlaçados, e em tudo semelhantes ás descritas por Vitruvio para o estadio imediato ao homem das cavernas.

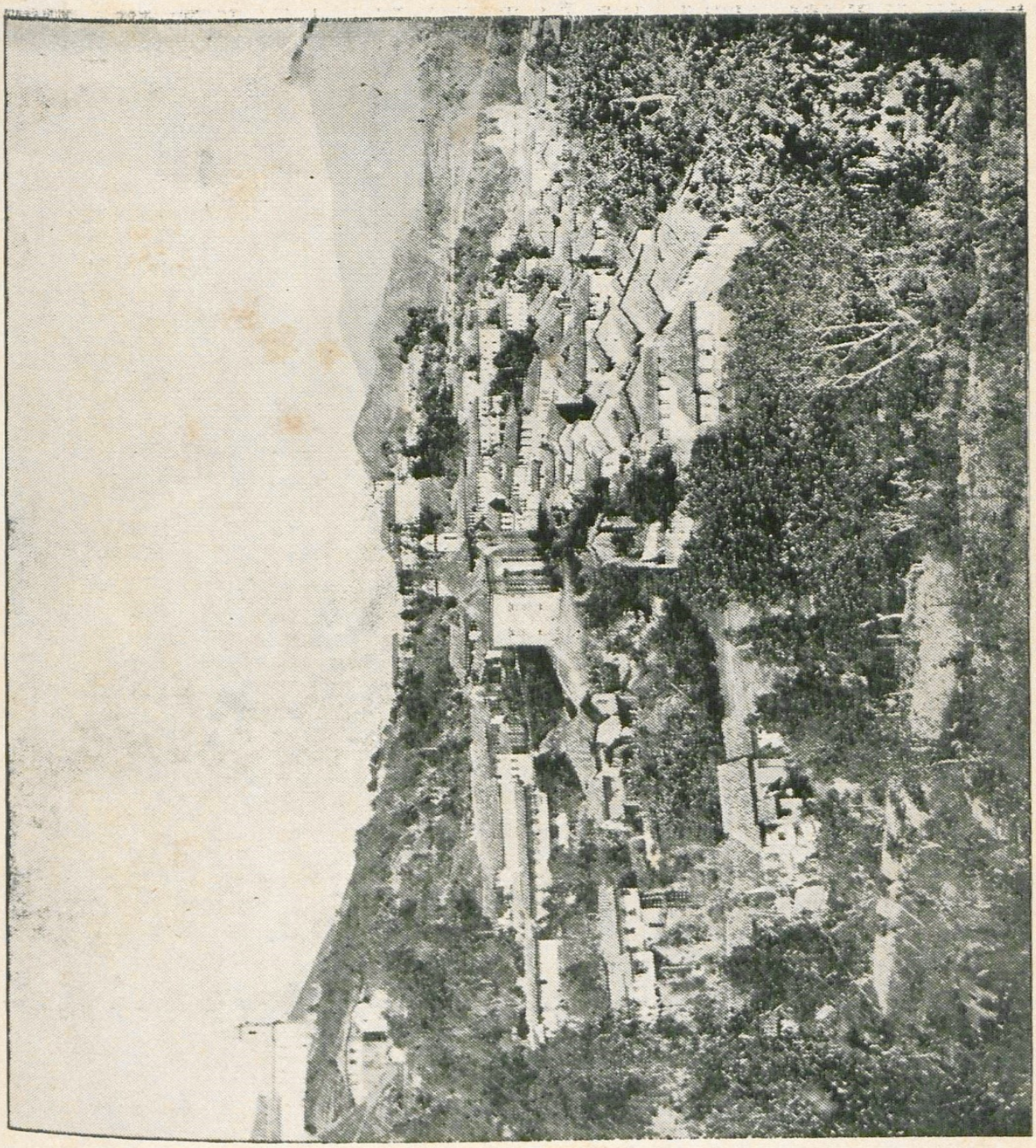
Logo porém que novos horizontes se iluminaram com a certeza do ouro, e os caminhos retificados foram servindo de passagem aos mestres e aos instrumentos, as construções de madeira aparelhada não se fizeram esperar, sendo antes de tudo substituídas as palhoças, que se destinaram a oratórios, por edifícios mais regulares, cujo modêlo, sempre unifórme, podemos ainda vêr nas Capélas do Arraial Velho, Roça-Grande, e outros muitos lugares, por onde subsistem mais ou menos no estado primitivo.

Com essas Capélas, que tinham de ser, como foram, ornadas de talha e de pinturas, claro tambem está que surgiram as artes, companheiras inseparáveis e fieis da poesia religiosa.

Na serra de Ouro-Preto, á princípio dita das Minas-Gerais, pelas muitas, que nela se abriram, nada menos de oito povoados alvoreceram com os descobrimentos do ouro; e cada um por seu lado erigiu, como poude, a sua respectiva capéla.

Daqueles arraiais os maiores Ouro-Preto, Antonio-Dias e Padre-Faria, situados no fundo do vale, entre seios da floresta virgem, fizeram as suas construções de madeira; ao passo que os outros situados na Serra, em superfície forrada de

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS



Vista panoramica de um trecho da cidade de Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

canga, estéril e núa, lançaram mão dos blócos avulsos, ou facilmente extraídos; e deles tiraram o material mais accessível e econômico de seus edifícios. E são por isso mesmo êstes monumentos os mais antigos de toda a cidade. Sem precisarem de cal, cousa que nem havia, e aprumando apenas corrigidas as pedras umas sôbre outras, os primeiros povoadores nos deixaram as suas capélas, seguras como rechêdos; e ao canga tambem devemos ter ficado êste mundo de ruinas, que uma légua, de alto a baixo, se alastra na Serra, mostrando a vastidão por onde se extendia a Vila-Rica de outróra, como se fôra a mentira de um sonho.

O tipo da antiga casaria, porém, isolada ou em grupos, tipo unifórme, com rara excepção, desbasta em muito a fantasia da inveja, restituindo a nosso tempo a mesquinha e desconfortada vivenda daqueles moradores. Cochichólas tristes, fechadas por quatro parêdes de 2 a 3 metros de altura, num âmbito de 30 metros quadrados no máximo, com uma só porta de frente e nem sempre uma estreita janéla pegada á trave do této. sem ar, sem luz... eis o palácio, que o romance do ouro ao longe e não de perto avéza repintar nas mil e uma noites de tantas legendas. Convém todavia lembrar, que essas primeiras construções não obedeceram sómente á pobreza dos colônos; mas tambem á sua preocupação e única de se enriquecerem e voltarem para a terra. Tolhia-os não menos o volúbil da indústria extrativa naqueles tempos quando não se havia encontrado por ora as grandes formações, que deram lugar a posteriores e mais firmes estabelecimentos.

O mesmo, porém, não sucedeu nessa mesma primeira época, que bem parecia com a dos cel-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

tas primitivos, em se tratando das capélas, que se construiram, para casas de Deus e destinadas ao uso e gôzo de gerações sucessivas. Fundadas na idéia da duração, sobrevivem elas entre as ruinas da Serra, testemunhos mudos, e singélos da arte apenas iniciada, e que tão formosos surtos deveria ostentar no período áureo das Minas.

A mais antiga dessas Capélas é sem contestação a do arraial de Ouro-Fino, consagrada a São João Baptista, e que segundo as tradições foi eréta pelos descobridores da Serra, e outros, que chegaram no ano imediato, em 1699. Sendo uso enterrar os mortos no âmbito, ou no adro das capélas, o local de S. João deve ser o mesmo; pois não consentiam os antigos se profanasse o sagrado, menos que com as formalidades canônicas, então difíceis de se obterem.

Constituïda de alvenaria sêca, com portais internos e externos de madeira, e assim todo o recinto, a Capéla de S. João acusa tal idade muito mais ainda na obra lisa e tôsca do seu altar do retábulo. Uma pequena imagem do Santo guardada na Sacristia, com sêr de cedro natural, mostra a sua orígem de algum artífice curioso, que certamente a escupiu em tempo, quando os caminhos por enquanto não se prestavam ao trans porte de pêsos e volumes. Preciosa, como relíquia, mas imperfeitissima, essa imagem revéla portanto o culto da Capéla, já praticado, antes de se franquear o comércio de S. Paulo para os novos descobertos. A pintura na base do retábulo, infelizmente retocada a óleo de má qualidade, representando os dôze apóstilos, com quanto seja posterior, é contudo igual, e talvêz do mesmo artista, que deixou na Capéla do Pompéu, em cami-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

nho do Caeté, das mais antigas de Minas, os quadros episódicos de Santo Antonio, seu padroeiro.

Em compensação possue a Capéla de S. João a mais preciosa jóia de escultura, que existe na cidade, um pequeno crucifixo de marfim de valôr artistico inestimável, que tem feito o pasmo de artistas e amadores. E' um especimen da paciência e de habilidade artística, no qual póde-se dar a vontade uma lição de anatomia, estudando-se uma por uma as partes do corpo humano,músculo a músculo, nêrvo a nêrvo, vêia a vêia, ôsso a ôsso. O corpo está esticado na cruz, agonisante, com a ex pressão da dôr, com a tristeza do desampáro no olhar, e mostrando na bôca semi-aberta, entre os dentes nitidamente contados, a língua curva de quem arquêja e sófre !... Como no Pará se achou um quadro do Ticiano, é possível aqui tambem estar um Benevenuto Cellini.

Ao descer da Serra, pouco distante, avista-se a Capéla de Sant' Ana. Da mesma alvenaria, de igual estílo, esta Capéla é tambem das mais antigas, com o seu interior de madeira, o altar de tábuas lisas, tendo, porém, o retábulo com duas colunazinhas tôscas, e imagens regulares, mas pequenas, significando pois alguns anos de menos que a de S. João. Os dois altares laterais, porém já entram na primeira época dos ornátos de talha, quando os escultores começaram a parecer.

A Capéla de Sant' Ana tem, é certo, os portais exteriores de cantaria; mas foram impostos em substituïção aos primitivos, e não alteram o cômputo de sua antiguidade. A Capéla do Taquaral apresenta igual novidade, tendo mesmo de cantaria o bélo arco cruzeiro, e os altares laterais esbéltos, ornados de colunas e volutas mais elegantes; mas, em vista da Capéla-Mór com o seu altar sin-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

gélo e o presbitério de madeira lisa, compreende-se que tenha sido reformado o corpo da Igreja anos depois da primeira obra, de que se acusa a Capéla-Mór.

Descrever as demais capélas da Serra, todas de igual modêlo, seria repetir o que fica dito; pois até nas dimensões se mostram semelhantes. A de Santana tem 7,15 m. de frente; 17,13 de comprimento, e 5,48 de altura.

Fundadas todas as casas por portuguêses incultos, trouxeram de suas aldêias o tipo desproporcionado e sombrio das velhas construções.

Este mesma tipo, embora menos acanhado, novas levas, oriundas de cidades, ou de gente mais adiantadas, imprimiram nas construções, criando uma segunda fáse; na qual se estabeleceram, como colônos mais ricos, senhores já de minnas subterrâneas com grande rendimento. Ainda assim as moradias dêste tempo são pequenas para familia, de aspéto baixo, portas e janélas suspensas á beira do telhado; e parêdes grossas quasi de um metro. O desassossêgo da anrqía medieval, os frios do invérno, e o regimen enfiteuticário do sólo, contribuïram em Portugal para essas edificações resistentes, como fortalezas, dotadas de této abafadiço, e arraigadas no sólo contra as alicantinas do nobre senhorio.

Foi preciso que em Minas decorresse um século para que as edificações tomassem feitio mais consoante ao clima, as necessidades e as condições sociais da nova pátria. Desta fáse, última do século XVIII, 1.º de Minas, podemos indicar, como exemplo, a explêndida casa edificada pelo tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, o Inconfidente, que além de ser brasileiro, era homem já educado. Foi êsse prédio o ponto

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Cruzeiro a Ponte do Rosario
Ouro Preto

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

de partida para uma nova éra, e todavia não se descuidou da solidez, e do grave aspéto, que impõe a sua fachada.

II

Participando da arquitetura primitiva, mas reformada para melhor, depara-se a Capéla do Padre Faria entre as mais antigas da cidade.

Refére a lenda, que, tendo-se dado uma certa tragédia no arraial do Bom-Sucesso, foi néla trucidado um Padre na Capéla á hora da Missa; pelo que ficou ela interdíta.

Nesse caso os moradores, atalhando delongas e despesas tendentes ao levantamento da censura, acertaram de transferir a imagem de Nossa-Senhora do Parto para o bairro do Padre Faria onde erigiram um novo santuário. Sem contestar o que possa haver de verdade nesta versão, tenho por certo que a Imágem mudou-se; mas com o povo; dêsde que o arraial, por esgôtamento dos depósitos sedimentários, perdeu tambem a sua razão de florescêr.

Fundado, com efeito, tendo por base as primeiras datas minerais, concedidas exclusivamente aos paulistas em 1701, pelo Guarda-Mór Domingos da Silva Bueno, o arraial já em 1704 estava com os seus cascálhos lavadas, e sem esperança de outros mananciais na zona direita do rio. até hoje estéril.

Em conseqüência disfersaram-se quasi todos os moradores, alguns para longe, como o coronel José de Camargo Pimentel, que foi para os descobertos, que fez, em S. Miguel do Piracicaba; e outros em grande número vieram povoar o Padre

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Faria, onde esperançosos veeiros firmes iam na ocasião aparecendo.

A Imágem da Senhora do Parto, pequena e sendo portátil sem dificuldade, atesta a sua entrada no princípio das Minas; e a sua presença no altar-mór da Capéla não deixa, que se duvíde déssa procedência do Bom-Sucesso, de onde foi Padroeira, para o Padre Faria.

Deve ser dêste remóto tempo um pequeno crucifixo imperfeitíssimo, que se acha na Sacristia, obrágem talvêz do mesmo artifice, que nos deu o S. João acima referido; e tambem não nos mente um par de castiçais de placas de tábua, que lá estão.

Além dêsses objétos uma pia de agua benta, feita de páu, e esculpida em cochoide, como iguais se encontram na Capéla do Pompéu, e foram re uso geral antes de se empregar a pedra sabão, remonta todos êstes fatos a mais longeva cronologia.

Documentos velhos, inclusivé Bulas Pontificias, resam que a Irmandade da Senhora do Parto compunha-se dos pardos; e pardos eram naquêle tempo assim chamados os mestiços de indio e branco, que eram os mamelucos. O arraial do Bom-Sucesso sendo composto só de paulistas, foram êstes, em quasi totalidade, mamelucos que, trazendo a Imágem, com esta trouxeram a tal Irmandade dos pardos.

Raça porém de transição, destinada a decrescer, achava-se já enfraquecida pelos anos de 1730 á 1740, quando os brancos do Rosário no Alto da Cruz, foram compelidos a deixarem a Igreja em sossêgo com os pretos, e a irem se abrigar na do Padre Faria.

A Irmandade dos pardos extenuada cedêu facilmente o ingresso, tanto mais que os brancos

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

eram homens ricos; e podiam fazer prosperar a capéla; esperança esta que se realizou; pois a reconstruiram, e adornaram.

Considerando o custoso muro de arrímo, que suspende e nivéla o ádro, a Capéla dos pardos devia ser menor, ou pouco maior que a Capéla-Mór atual. Em todo caso o edifício presente é de alvenaria sêca, semelhante a das Capélas da Serra; e si tem de cantaria os portais exteriores, é que foram impostos tambem mais tarde em substituição de outros de madeira, como de madeira são os interiores e o próprio arco cruzeiro.

Sabemos que a cantaria belíssima do Itacolomí só foi introduzida na arquitetura da cidade para as obras do Palácio, entre os anos de 1735 á 1738, sendo preciso o braço forte do govêrno para o descortino eficaz das jazídas e abertura de carreiras, cujas dificudades só depois de preparadas não se imaginam.

Afastando-se entanto do velho tipo da Serra a Capéla do Padre Faria aumentou de proporções, tomando 9,10 m. de frente, 24,50 de fundo e 12 de altura, e apresentando o frontão com platibandas insinuosas dos lados á feição da Renascença.

Si porém no exterior a fórma pouco tem que dar, o interior em compensação não sabe para onde concíte mais o deslumbramento dos olhos. Não é mentira dizer que o altar-mór desta Capéla é a jóia mais rica da cidade, para não me levarem em conta do exagerado compará-lo á uma chapa de ouro aberta por anjos em maravilhas de talha.

O equilíbrio das proporções, o esméro dos entrelaces, o têma gracioso das simetrías, são partes, que alí excedem a tudo quanto se póde invejar de longe para se crêr.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

As colunas da ordem corintia com todo o aparato exigido em molduras, em ornatos, em mútulos, creio mesmo que apresentam nesta Capéla uma forma toda singular, devida ao valôr das dimensões estudadas no recinto. E' a primiera Capéla, em que pilastras com figuras de volutas e anjos se apresentaram, em paralélo ás colunas, e guarnecendo a bôca do retábulo, afim que ressaltem dêle os rebórdos com gregas e flôres de rocaide. Das vergonteas que se enroscam nas colunas concebeu-se o têma de folhas e girasóis para toda a ramagem, que sobretudo no tímpano e nas fachadas perpendiculáres preenche os intervalos. O recôncavo do retábulo, abóbada semi-esférica, as paredes, e os degráus mixtilineos do trôno estão abastecidos de grotêscos e folhas estilizadas. A toda esta incomparável confluência de partes antecede o altar, tendo por cima em horizontal uma facha, moldurada de aspas, e aberta em relêvos de acantos e rosaceas. O frontal é um largo pano de losângos ponteados de liláceas, em cujo centro atadas pelos pés duas grandes palmas virentes separam-se em ângulo, ao passo que dêsse mesmo ponto se insinuam duas vergonteas de videira, que acompanham as extremidades, enquadradas por fachas iguais a da banquêta.

Os altares laterais correspondem ás proporções e a beleza do altar-mór.

Entretanto não são êstes sómente, que brilham nos lavôres da escultura, mas tambem a pintura da capéla mór. O této, forma de abóbada levemente abatida, finge os muros de um edifício monumental com colunas, balcões e balaústres, deixando ver por cima um espaço entre núvens com a coroação da Virgem pelos anjos.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Padre Faria
Ouro Preto

BIBLIOTECA PUBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

A pintura natural por sua vez, igualmente, á têmpera ostênta-se em variádos assuntos.

A barra de um lado e do outro exibe dous grandes quadros de azulêjo com cenas campestres imitando o estílo pompeano, e sôbre êstes quadros uma larga faixa de guarnição horizontal deixa ver acantos chamejantes imitando relêvos góticos. Listas de fundo azul escuro estampada de flôres opalecêntes estilizadas correm pelos cantos das parêdes, e descem depois perpendicularmente para fazerem sobresair as molduras em aspas de painéis á óleo.

Estes painéis em número de quatro representam os episódios capitais da vida jubilosa da Virgem, a Visitação, a Anunciação, o Nascimento, e a Adoração dos Pastores. Lástima é que tão maltratados se achem êsses quatro mimos artísticos, nos quais a fôrça, a uinão e a doçura das tintas são partes, que correspondem á preceito a naturalidade, a vida, e ao movimento das figuras.

Não posso abranger certamente nêste rápido inventário o assunto que entendidos críticos poderiam descriminar em volumes; e por isso deixarei esta capéla e continuarei em minha diligência.

O Padre Faria não póde porém ser deixado sem um lance de olhos ao incomparável monumento em fórma de cruz pontificia, que surge no adro. Ele méde da base ao tope da haste principal 8,52m. de altura, e todas as peças de que se compõe são monolíticas, sendo que a haste, medida da peanha até o primeiro cruzamento dos braços, é de 3,50m.

Assenta-se o pedestal sôbre três degráus, e, além de outras peças de moldura combinadas artisticamente, o dado constitue-se de um blóco de

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

um metro sôbre 1,25 m. de largura em cada face, tornando a robusta figura de uma góla e rincão diréto, graciosamente prolongada por um quarto de círculo côncavo; á espera da peanha por sua vêz em forma de um filête saliênte e uma ducina reversa.

As hastes com 0,39 m. de largura em cada face são estriadas de listões em facha saliênte, formando o lineamento do cruzeiro em toda extensão, assim na haste perpendicular, tambem nas três horizontais, que em medidas decrescentes ostentam a cruz papal. As extremidades quer dos braços, quer do tope do cruzeiro, acabam por um filête, uma escossia e um pequeno barrete cúbico em torçais, com um botão por último.

A' frente do cruzeiro no dado do pedestal gravou-se a data de 1756. Ora, á êsse tempo havia a capéla recebido de Pio VI três bulas concedendo-lhe previlégios e graças especiais, o que me leva a crêr que êsse cruzeiro em forma pontifical seja o monumento eréto em memória daquela dádiva espiritual.

Pouco adiante da escadaria do adro acha-se uma ponte romana de arco perfeito, de cuja chave até o lume dagua cai o prumo com 10,30m.. E' por ela que em seguimento da antiga rua passava o caminho para a Vila do Carmo. Três datas em tão pequeno espaço, do cruzeiro 1756, da ponte 1751, do sino grande da capéla 1750, ajuntam-se e respondem á quem passa, as evocações mais felizes da antiga Vila-Rica.

III

Uma segunda fase de 1720 a 1740 assinalada ficou de grandes monumentos, uns começados,

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Egreja de S. Pedro, em Mariana

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

outros concluidos, sendo o maior dêstes a Matriz Ouro-Preto, que foi tambem a obra prima de esti dominante. Tendo sido esta obra arrematada em 1720 por João Francisco de Oliveira, sob desenho e direção do Engenheiro Pedro Gomes Chaves (o primeiro profissional formado, que veiu para Minas), sabemos que em 1731 estava a Igreja á espera da última demão; e em 1733 finalmente foi inaugurada, sendo Vigario o Dr. Francisco da Silva e Almeida, e Governador da Capitania o Conde das Galveas, André de Mello e Castro.

Não se fabricando ainda nem cal, nem tijólos, a Igreja foi construida de táipas e adôbes, logrando entretanto o madeiramento da melhor qualidade, indêne até hoje, o qual se extraiu da mata virgem cerca mesmo das obras.

A Matriz de Mariana, reconstruida entre 1734 e 1740, bem como a de Sabará, ambas quasi contemporâneas desta de Ouro-Preto, conservam as fachadas primitivas, e podem nos mostrar o tipo, que a desta devia ter, antes de ser o seu frontespício reformado para se adaptarem as torres de pedra.

Obedeciam essas fachadas ao estilo baroco jesuítico então generalizado em todos os paises, principalmente em novos por ser mais simples e econômico.

A Companhia de Jesus, como se sabe, criada para fazer frente ao protestantismo, e saír a conversão de infiéis, entre outros recursos caracteristicos acertou de criar um estilo próprio nas igrejas, que houvesse de levantar, onde quer que estabelecesse colégios e missões. A Renascença então dominante não lhe convinha por ser uma pedra de escándalo atirada por Luthero contra a Igreja Romana; e na verdade com razão; porque

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

embora cristanizadas, as formas pagãs nunca puderam expungir a eiva sensualista de sua origem.

Por seu lado a velha Arte Cristã que reinou do século IV ao XVI, tendo esgôtado na Idade Média os surtos de sua energia, por atingir o máximo do explendor, decaíu, e ficou exáusta.

Ora, os jesuitas não eram homens para instrumentos gastos, ou contraproducentes; e neste caso trataram de inventar para si um estilo, combinando os elementos do *românico* e do *barroco* italiano, que mais ao almêjo se prestassem.

O espírito prático dos padres compreendeu antes de tudo, como o exterior das Igrejas era a parte a concluir, que mais apertava, ao passo que o interior com instalações provisórias poderia aguardar para mais cêdo ou mais tarde o luxo das Artes, dependente em todos os casos da requeza e do adiantamento intelectual dos lugares. Era o caso de Minas.

De mais diziam que as Igrejas não eram feitas para adôrno das paizagens, sinão para oferecerem um recínto, onde as almas, desprendendo-se das prisões terrenas, se elevassem á presença do infinito. Conseqüentemente o baroco jesuítico, ao passo que nos dava Igrejas de fachadas lisas, retangulares, com duas torres aos lados, e um frontão desgracioso com duas volutas invertidas, sustendo a peanha da cruz, não deixava de abarrotar o interior com ornamentação profusa de talha dourada, colunas torcidas, ramagens, anjos e aves. Ora, assim sendo, é claro que em nenhuma outra parte se realizou tão de vêz, como na Matriz de Ouro-Preto o ideal formulado.

No ùltimo quartel do século XVIII (1.º nosso) já felizmente se achava modificado o estilo jesuítico; e obras se empreenderam mais artísticas,

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Egreja do Rosario
Mariana

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

das quais rompeu a marcha gloriosa a Matriz do Caeté, graças ao episódio que levou a Portugal o Vigário Henrique Pereira, que de lá voltou desabafado do rigorismo baroco; e trouxe o plano da sua Igreja; o qual conferido com inolvidável arquitéto Manoel Francisco Lisbôa, foi executado pelo célebre Antonio Gonçalves Bracarena, o fundador da Piedade.

Ora, foi dêsse espírito novo, que se aproveitou a fachada atual da Matriz de Ouro-Preto, não obstante coagída a se manter no armônico do total edificado; e por isso sem liberdade, que não de suavizar as retangulares duras e pesadas com as duas colunas, realmente bélas e arrogantes; cujo soberbo galbo de ordem jônica é o mais audáz até hoje entre nós que se tem executado.

Assentadas as colunas em pedestáis flexuosos e em forma de enormes volutas de 1,5 de face, deu-se-lhes, por sôbre adeqüado ao nosso ambiênte, o modêlo do *Forum*, lisas e sevéras quanto ao demais requeria a simplicidade grandiosa da fachada e sôbre tudo o frontão despído de ornátos e dominado pelo tipo austero do edifício.

Demonstrando com isto a perícia do artista, que tracejou a reforma, essas colunas, apesar de sua rigidêz aliviam as impressões já na surpresa, que causa a obliqüidade do equilíbrio sôbre o dado convexo do pedestal, já na insuflação do meio terço, que simúla no massiço da figura tal qual sensibilidade ao pêso, que suporta. E' pena que essas colunas afastando-se da simalha percam o valôr de sua utilidade, si é certo, que o bélo não ama o supérfluo, e que os ornatos nesceram para o encanto do real. Ao longe, porém, a ilusão rehabilita-se avistando o entablamento do frontão sustentado por elas.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

No meio desse aparato gigantêsco, em proporções felizes, abre-se o pórtigo, largo de 2,52 m. tendo os humbrais canelados, e a padieira resguardada por um magnífico cimeiro em molduras arqueadas.

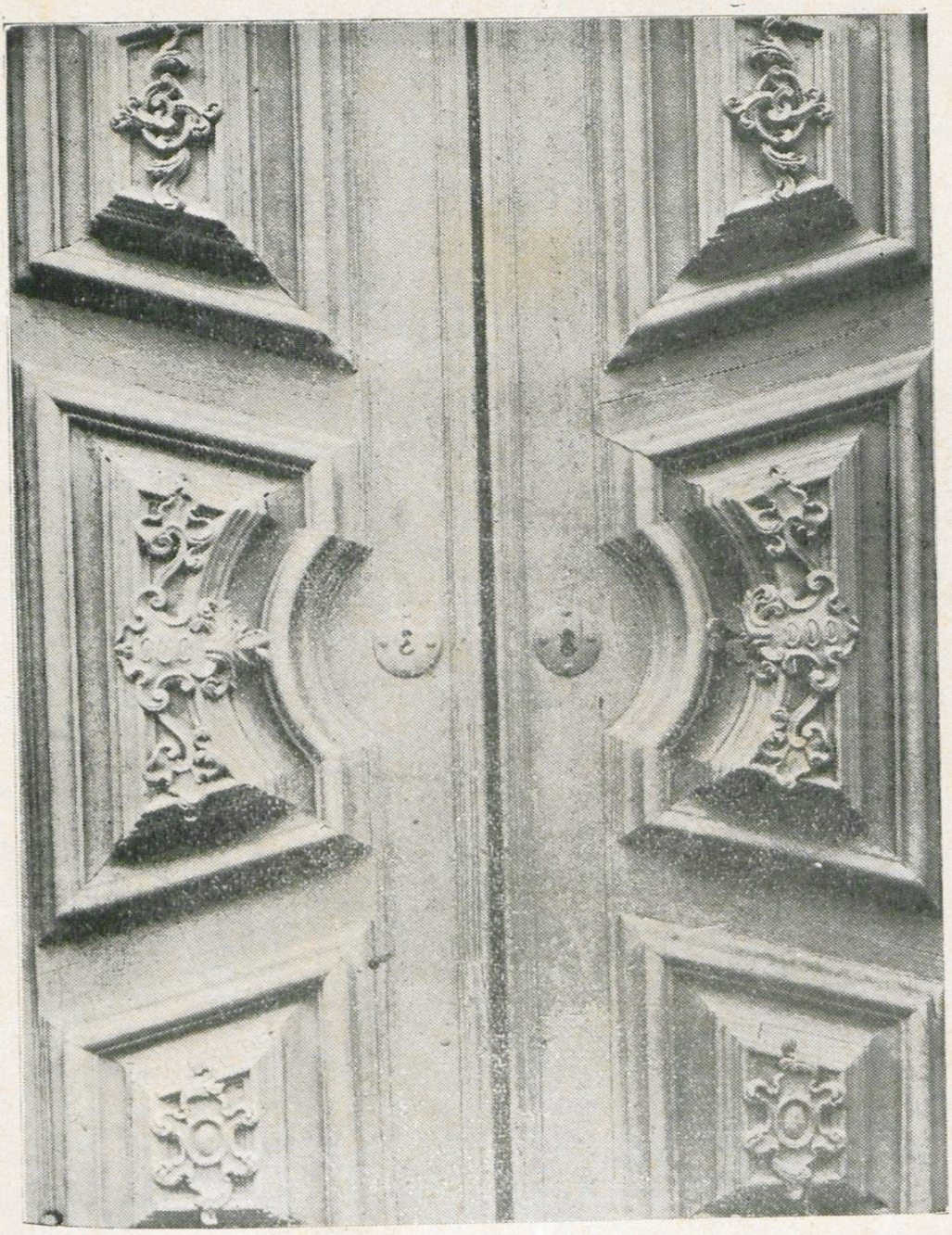
Este pórtigo digno do templo dá ingrésso ao recinto magestoso, por onde a arquitetura desatou-se em campo e deu corpo á escultura e á pintura suas irmãs fecundas para criarem o que de mais bélo poderia engendrar o baroco jesuítico.

A Matriz de Mariana obedeceu a forma das basílicas antigas com as três naves divididas por arcadas românicas, e bem definida a cruz latina. A de Sabará, talvêz que dirigida por arquitéto da própria companhia, assistente no Pompéu, tornou a forma genuína do baroco jesuítico. A de Ouro-Preto, porém, tracejada com certa ousadia inovadora apresenta-nos um interior de rotunda eliptica, sua especiosa beleza.

O pavimento do templo tem 34,81 sôbre a largura, que no menor diâmetro da elípse é de 12,81.

As paredes do corpo da Igreja ostentam-se rasgadas por 19 grandes curvas, inclusivé a do arco cruzeiro, seis em semi-circulo correspondendo ás fachadas dos altares, e as mais em azas de cesto, formando portas e tribunas, inclusivé o côro da Mùsica. O arco cruzeiro alto de 10 m. sôbre 4,19 de diâmetro, e 1,21 de base, é uma peça para se vêr, sôbre tudo béla, por ter em seu desenho o têma de toda a ornamentação cardeal da Igreja. Sustentado sôbre pilastras geminadas, iguais pilastras em número de 12 regularmente espacejadas, reforçam as paredes, abrindo intervalos para altares e portas. Listéis canelados descem de alto a baixo nas pilástras do arco e guarnecem a facha que traz em ressaltes uma gri-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS



Porta lateral da Egreja de S. Francisco
Mariana

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

nalda seguinte em perpendicular á fio de acantos e rosas. Esta mesma facha guarnece a Capéla-Mór e serve de mote ao fundo de toda a ornamentação quer a particular nos altares, quer a geral nas divisões do recinto. Os dois pùlpitos constituem as duas mais belas peças, que se viram no gênero de lavores embora de madeira, a começar pelos baldaquins em forma de barrete guarnecido de sanefas. Tomando a forma de balcões manoelinos os púlpitos assentam-se cada um na sua cornija lavrada em gômos, e sôbre volutas triplicadas e oblíquas fixadas na parede.

O pano do balcão está esculpido em losângos ponteados, como frontão do altar do Padre Faria, levando no cetro igualmente duas palmas abertas mas correndo-lhe pela base outras palmetas fleruosas, e nos rebordos do peitoril grinaldas pendentes de botões; em cujas voltas graciosas ressaltam carinhas de anjos. Um Arcanjo no alto do baldaquim invóca a inspiração, e outras firmadas com os ombros nas volutas da base, em atitude de atilantes, sustentam sorrindo a doutrina sagrada.

Dos seis altáres laterais, dous, o primeiro e o terceiro do lado do Evangelho, são evidentemente os mais antigos, e pertenceram provavelmente á primitiva capéla. São êles iguais ao altar-mór da Sé de Mariana, ao da Matriz da Cachoeira, e á muitos outros, que se encontram nas capélas primitivas, como seja a do Pompêu.

A capéla-Mór da Matriz de Ouro-Preto póde pois ser indicada, como raro modêlo do estilo. Segundo se conclùi de relações históricas foi tracejada esta capéla por Antonio Francisco Pombal. De fato o teôr mais apurado e vistoso, que se nota no altar-mór da Matriz de Antonio-Dias, lavôr co-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

nhecido dêsse Pombal, não deixa dúvida, que á seu insigne sinzel imaginoso deva-se tambem o de Ouro-Preto. As colunas de ordem corintia mais proporcionadas e airosas, que as dos altares laterais, demonstram já o declínio da maneira jesuítica. Essas colunas já são duas apenas, e não as quatro, que obrigavam aos côncavos do retábulo a estrutura de abóbadas montantes, que foi o tipo desgraciosíssimo do modêlo primitivo. Em vêz da segunda colunata em plano posterior duas pilastras construidas no mesmo plano em volutas opostas ficam servindo como que de ombreiras a bôca do retábulo. A fachada do altar-mór está ornamentada de folhagens e anjos, que em grupos aládos animam e movimentam sôbre tudo o tímpano, sôbre o qual assenta-se a representação da Trindade.

A mesma opulência caracterisa as paredes e o této da capéla-mór, aquelas recamadas de grotêscos e folhas estilizadas, e o této em forma de barrête cortado ao fundo por um grande círculo, onde se pôz o quadro da Ceia.

As cimalhas, que passam sôbre o capitél cùbico das pilastras do arco cruzeiro, em forma de entablamento uniformizam as molduras e os ornátos.

Por outro lado o této do grande corpo, em plano chato artezoado sôbre 12,50m. de altura, abre-se em 15 quadros e polígonos, cercaduras de painéis, que recordam os profétas, as personagens e as cenas do Velho Testamento, referentes á espectativa Messiânica; ao passo, que na capélamór nos quadros das paredes figuram os Evangelistas, e no alto os Apóstolos e o Mestre na instituição do Sacramento, cuja Irmandade foi quem fundou o templo.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

As grandes curvas, portanto, em acôrdo com as audaciosas verticais, a unidade estética das linhas, e dos ornátos, que circulam como vêias nesse gigantesco organismo, as cintilações do ouro, os brilhos, as côres, tudo enfim, que bate nos olhos, deslumbra-os nesta confluência de primôres, que melhor será vêr, que imaginar.

Os antigos deixaram a Matriz provida de utensílios e ornamentos, alfaias e móveis de incomparável explendor artístico. E' assim que nos grandes dias, quando o templo engalana-se de damásco e seda; quando os altáres se iluminam com a velha prataria dos tocheiros e dos trônos; quando o ambiênte respira aos arômas do incenso e das flôres, quem ouve as jaculatórias do rítmo as notas da música, e o som festivo dos sinos, não póde esquecer sem evocar os formosos dias do Triunfo Eucarístico.

Os brancos, o Rei, e todas as classes dirigentes, para não dizermos opressôras, interesse tinham assás que os negros algo achassem ao desporto, uma fonte de consolação, um lugar enfim próprio, onde se entretivessem, governando cousas suas, dirigindo cargos, e ao mesmo tempo ouvindo consêlhos de resignação e colhendo ilusões de melhor sórte. A religião, que a todos igualava brancos e pretos na mesa da comunhão, fé que punha senhores e escravos de joêlhos perante o mesmo Deus, dono de todos, e que tinha aos altares elevado santos negros, essa religião com suas festas, seus comícios, e representações era o encanto dos humildes. Por isso quando os Irmãos brancos do Rosário puseram-se á rixar com os pretos, viram pela primeira vêz as panelas de barro quebrarem as de ferro. Perderam por isso a partida; e a Capéla do Alto da Cruz passou a

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

mansa e pacífica posse dos fracos, de mais a mais guiados pelo seu príncipe, um negro fôrro Francisco, o Xico Rei, como o chamavam, que então era benéfica e verdadeira influência em Vila-Rica de cujo sossêgo tornou-se arbítro.

Os brancos entrando para a capéla do Padre Faria, sendo ricos, abreviaram a necessidade de compô-la, e pois a reconstruiram. Os pretos, porém, dispunham de capéla melhor, e só muito depois trataram de substituí-la. Eles a tinham edificado no local, onde primitivamente se eregira uma Ermida a Santa Efigenia, santa protetora dos africanos, que a consideravam por conterrânea visto ser natural do mesmo continente, princesa de certo reino da Nubia.

Nesta Ermida congregou-se pela primeira vez a Irmandade do Rosário dos pretos da Freguesia de Antonio-Dias, á esforços do Padre Bernardo Madeira, devotíssimo da Virgem dessa invocação, e sacerdote que dirigiu o sodalício, quasi senão soberanamente, até morrer.

A primeira capéla do Rosário, como todos os edifícios, na Vila, foi construida de barro e madeira, o que não obstava ser internamente ornada na forma do costume. Em 1723 a Irmandade propoz uma demanda no Juizo Eclesiástico do Rio, tendente a reivindicar o direito de acompanhar a Procissão de *Corpus-Christi;* o que prova, como anteriormente já estava canonicamente instituida; e de fato o fôra pelo Bispo Frei Francisco de S. Jeronimo, em cujo tempo se descobriram as minas e providas se fizeram as primeiras paróquias.

A demora dos pretos em edificar a sua nova capéla foi-lhes mais favorável, que a préssa aos brancos; porque já puderam aqueles levantá-la

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Egreja do Rosario
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

de pedra e cal empregando a formosa cantaria do Itacolomí.

Devem ter em tanto e muito retardada a obra do Alto da Cruz as Festa, que os Irmãos de todo não preteriam a qualquer outra despesa, por visto a necessidade, que delas tinham, para alívio dos sofrimentos. Por todos os anos em ról dessas despesas encontramos o assento da que era paga aos *carameleiros,* aos *trombeteiros,* e aos *gaiteiros;* os quais dêsde véspera em bandos mascarados repetidos saiam a rua para anunciarem as festas. O reinado era uma preocupação, uma necessidade.

Por isso vemos que, si em 1749 já estavam se fazendo os púlpitos, nêsse mesmo ano se começou a talha do Altar-Mór, ao passo que sôbre o alto do frontão, na peanha da cruz, está gravada a éra de 1785. A capéla não levou portanto menos de 30 anos a se concluir. Como vimos o frontal dos púlpitos da Matriz de Ouro-Preto é perfeitamente semelhante ao do altar-mór do Padre-Faria; mas o púlpito do Padre-Faria é tambem semelhante aos do Alto da Cruz. Ora, como êstes foram feitos por João da Silva Madeira, temos êste nome á lembrar agora como artista á quem por ventura se deva tão formosos primôres de arte.

O altar-mór do Alto da Cruz, diverge de todos na cidade por não estar ornado de colunas, nem de aves, sinão de volutas e flores estilisadas, em lugar daquelas tendo pilastras. Os altares laterais obedecem, porém, á fórma comum de colunas torcidas. folhagens e anjos.

Como se sabe os templos pagãos invariavelmente se compunham de um átrio com colunas, tendo a ara dos sacrificios, logo em seguida para ser vista do povo, que assistia de fóra; e logo atraz

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

tambem depois o nicho com a estátua. Os Jesuitas entenderam que, adotando as colunas torcidas, como se puseram no baldaquim do altormór de S. Pedro em Roma, por extravagancia da Renascença, chegavam a eliminar a idéia do paganismo. Não creio que esta fosse a intenção tambem do artista, suprimindo as colunas do altar-mór do Alto da Cruz.

Entretanto, como se costumava atender á esta peça por ultimo á efeito de ser melhor trabalhada, hipotese, que se observa nas antigas igrejas, o que parece é que o altor-mór em questão restou para tempo menos rico, e as colunas por isso deixaram de ser feitas por economia. Entretanto o gôsto artistico se apurou simplificando as fórmas superfluas, e hoje podemos dizer, que abençoada foi esta economia, que nos conservou tão belo monumento.

As obras de cantaria da capela, essas podemos afirmar foram executadas na época da apulência. As portas, os cunháis, os envasamentos brilham em toda a formosura da pedra, óra açafroada, ora rosea do Itacolomi. O arco cruzeiro nitido, perfeito, impôsto sôbre capitéis corintios de pilastras soberbamente lançadas, é uma peça alta de 8m, sôbre 3,80 de diametro, consoante o recinto que méde 24,9, e 7,68, cumprimento e largura.

A Igreja é um brinco de asseio e limpeza, assim no exterior, tambem no interior, com os corredores, o átrio, e a sacristia forrados de ladrilhos finos. Houve tempo em que as negras irmãs do Rosario subiam para as festas do reinado com as cabeças reluzindo a ouro em pó grudado nos cabelos; e numa pia de pedra, que lá existe, lavavam-se deixando os anuais e a joia pagos nessa especie.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Hoje ha o milagre permanente da fé, que por Santa Efigenia, invocada, é nutrido, e brota, de veeiros, que não falecem. E assim a formosa capela, assentada na mais alta colina da cidade, sôbre a sua escadaria monumental de 42 degráus, branca e alegre, como um farol que atira a vista sôbre raios os mais longínquos.

O velho relogio, de custo de 290$000, em 1762, quando o pagaram á José da Costa, é o mais antigo da cidade; e desde êsse ano, palpitando em sua torre, preside, como no castelo de Longfellow, as vicissitudes, as dôres e alegrias, que se tem contado até hoje por minutos e por horas, noite e dia, dia e noite. Passam as gerações, o tempo muda, a sorte se altera, mas êle continúa serêno, sem correr nem parar, num tom de duração, que parece eterna, a dar as suas horas, que toda a cidade ouve, como já as ouvia a Vila Rica de outróra.

V

Obra perfeita e acabada a Igreja de S. Francisco de Assis desta cidade não tem rival. As três artes irmãs parece mesmo que foram as três graças, concebendo e excetuando esta portentosa fabrica, sob uma influencia misteriosa; pois basta para uma tal presunção ver-se a fachada, que supera a tudo quanto ainda se fez em Minas, e todavia considerar como êsse templo foi traçado e feito por um homem obscuro, iletrado, e sem frequência de escolas. Quebrará por outra a cabeça quem quiser deferir á que estilo obedeceu esta parte do grandioso edificio. O que se póde alcançar apenas, é que resultou de uma feliz combinação, pela qual se colheu o mais gracioso

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

de cada um, e dessa mescla admiravelmente coordenada nasceu êste desenho.

As colunas jonicas, fustes de palmeira, dando-lhes com efeito os tons da pureza helenica, harmonisa-se com o frontão da Renascença, ao passo que do conjunto ressumbra o baroco italiano, que os jesuitas haviam, como já se disse, alterado, por economia, e tambem pela vantagem de ficar neutro, deixando de ferir suscetibilidades onde quer que entre civilisações diversas levassem a sua missão.

As torres laterais caracteristicas do estilo jesuitico, do qual tomaram a posição na fachada, ficaram corrigidas com a redondesa da forma, e com as cupulas a meia laranja terminadas em pontas de lança esguias e agudas, que ferem o céu, feitio êste que recorda o ar do bisantino e a conclusão do gótico.

O atrio por sua vez plano original de trapesio levemente curvo dos lados na face principal, designa as nascenças das paredes, que vistas de um só olhar nos apresentam o contraste das linhas gerais com as secundarias, adocicadas pela formação de angulos mixtos; e pela presença de arcos, que imprimem na perspectiva certa feição do organismo romanico.

Sabendo apenas ler e escrever, e provavelmente algum latim; mas conhecendo bem os preceitos de Vignola, e a Biblia, sua leitura predileta, o Aleijadinho, que pois desenhou esta Igreja, e a construiu não foi como se vê, um simples copista, mas um inventor sublime, e espontaneo.

Para coroar as colunas pôs êle duas grandes volutas, frente á frente; as quais parecendo impostas de um arco lançado a passar por cima do

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Lavatorio na Sacristia de S. Francisco de Assis
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

frontão, pelo contrario encolhem-se afim de abrirem a vista sôbre a opulência decorativa deste. Efetivamente sendo o frontão baseado na facha moldurada da cimalha, que se confunde com o entablamento das colunas, essa facha encurva-se em volta perfeita sôbre o medalhão central, ao passo, que as empenas saídas de outras volutas, opostas em relevo, sobem em flexuosas linhas, até o friso do acroterio; e com os lados seguintes formam neste em cada banda um quarto de circulo, sôbre o qual assenta-se o pedestal da cruz. Esta cruz de pedra torneada, tem a fórma insigne da patriarcal, e aos lados dela sôbre peanhas simetricas pousam globos de onde irrompem chamejantes simbolisando as chagas.

Esta fachada, porém, no que fica acima de toda a nossa admiração, é nos ornatos do portíco, e das tarjas comemorativas. O portíco de umbreiras geminadas, e riscadas de caneluras simetricas, tem a verga recortada, com um querubim de cada lado, e festões pendentes. Sôbre êste está um coroamento, denticulado, que disponta; mas logo oculta-se na ornamentação de flores, sôbre as quais vemos anjos de corpo inteiro apresentando simbolos da Ordem. Dous medalhões, oráis um com as cinco chagas avivadas de carmim, outro com cinco dados, enchem o espaço principal do painel, e este tem sôbre si outro maior em fórma de circunferencia que traz cercada de anjos a imagem meio corpo da senhora da Conceição, padroeira dos franciscanos. Uma corôa de rainha encima finalmente toda esta maravilhosa decoração. No alto da fachada em um grande painel circular, guarnecido de molduras e ornatos, aparece então o Santo de joelhos recebendo as chagas no Monte Alverne. O fundo deste quadro vem ocupado por casarias e nuvens ao passo

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

que no chão crescem hervas e um lindo pé de açucenas, que verga graciosamente. Está claro que minha pena tão sómente por de leve póde descrever estas peças incomparaveis de pedra azul esculpida em altos relevos, pedra, que o artista docilmente amoldou a seu pensamento.

O extase do Santo, a candura elisia da Virgem, a alegria dos Anjos, não se póde negar, deram vida e alma á pedra, sob o cinzel palpitante dêste artista assombroso.

A primeira cousa em seguida que arrebata é, no interior da Igreja, incontestavelmente a pintura do této. Não vi ainda no Brasil pintura religiosa de tal magnitude e perfeição. Ocupa ela toda a extensão da abobada e nasce do entablamento, que lhe serve de caixilho. A superficie plana da nave tem 11,8m de largura, e 24,21 de comprimento, faça-se pois idéia dêsse trabalho complicado, em que não se nota a minima desproporção para se ver de longe e de qualquer lado.

O pano do quadro divide-se em duas partes, a primeira, fingindo colunas, arcarias, muros, entremeiados de ramos floridos multicores, e tendo em balcões nos quatro cantos em contemplação os quatro grandes Doutores da Igreja. No centro é o céu aberto, cheio de luz e nimbos, com revoadas de querubins alegres, cantando ao som de inumeravel orquestra de serafins, cada um com o seu instrumento musico; e todos glorificando a Santissima Virgem, á quem dous anjos voando coroam.

Como se sabe, a Ordem da Penitencia fundou-se na Igreja de N. S. dos Anjos sita na Porciuncula de Assis. Esta pintura portanto recorda o berço da Ordem. A competencia do pintor não se revela aqui sómente na propriedade das côres, e na extraordinaria multidão de figuras, cada

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Fonte do lavabo na Egreja de S. Francisco de Assis,
obra do Aleijadinho
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

uma tratada á preceito com a sua posição relativa no conjunto, anjos que voam ou libram-se no ar; anjos que tocam seus instrumentos de corda ou de sopro; e cada qual com a sua particular expressão. Mas a serenidade, o gôzo mistico da Virgem, a sua fisionomia feliz, a sua dignidade, são partes que se traduzem, antes para se ver, que para se contar.

Tratando-se de uma concepção toda espiritual, o pintor foi além de quantos quadros conheço no assunto; pois não perturbou, com idéia material ou terrena, o reinado da Virgem, e tanto que dous anjos, que executam a ceremonia da coroação, trazem, não uma coróa de ouro, mas um diadema diafano, luminoso, que se concentra sôbre a cabeça e irradia em refulgencia a perder-se nos contornos da celeste amplidão.

O této da capela-mór por sua vez é de barrete artesoado, dividido por arestas ornamentadas, e caixilhos ovais, contendo altos relevos, que representam grandes santos da Ordem: S. Boaventura, S. Antonio, S. Ivo e S. Conrado. O arco cruzeiro desta Igreja sái tambem da monotonia comum para valer por si só um rico monumento. Os pilares formam com a parede poligonos de 6 lados com 6,5m de largo na parte saliente, superficie esta, da qual, entre duas esbeltas pilastras mais estreitas, ressaltam os dous admiraveis pulpitos de pedra esculpida, que fazem o encanto de todos, que visitam a Igreja.

O arco apruma-se de robustos pedestais ornamentados com iguais listeis, formando quadrados de angulos mixtos. A misura de cada pulpito, de três faces, começa abaixo por uma voluta conchoide, em cujas bordas flexuosas se embutiram rosaceas abertas. Volutas outras, que descem da

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

soleira do pulpito, seguram a primeira base, e dividem os panos triangulares, estes cheios de flores e escudos estilisados, ao passo que as volutas oferecem no cimo querubins de cujas asas descem festões e folhas.

Na facha de frisos, que contorna a soleira, um querubim maior ocupa o centro da frente, e conchas o dos lados. Um meio redondo concavo, que circula, sustenta o colarete do soalho, e sôbre êste se levanta a primeira base do pulpito, cujo balcão em três faces, além das fachas ornamentadas simetricamente de grotescos, apresenta quadros biblicos.

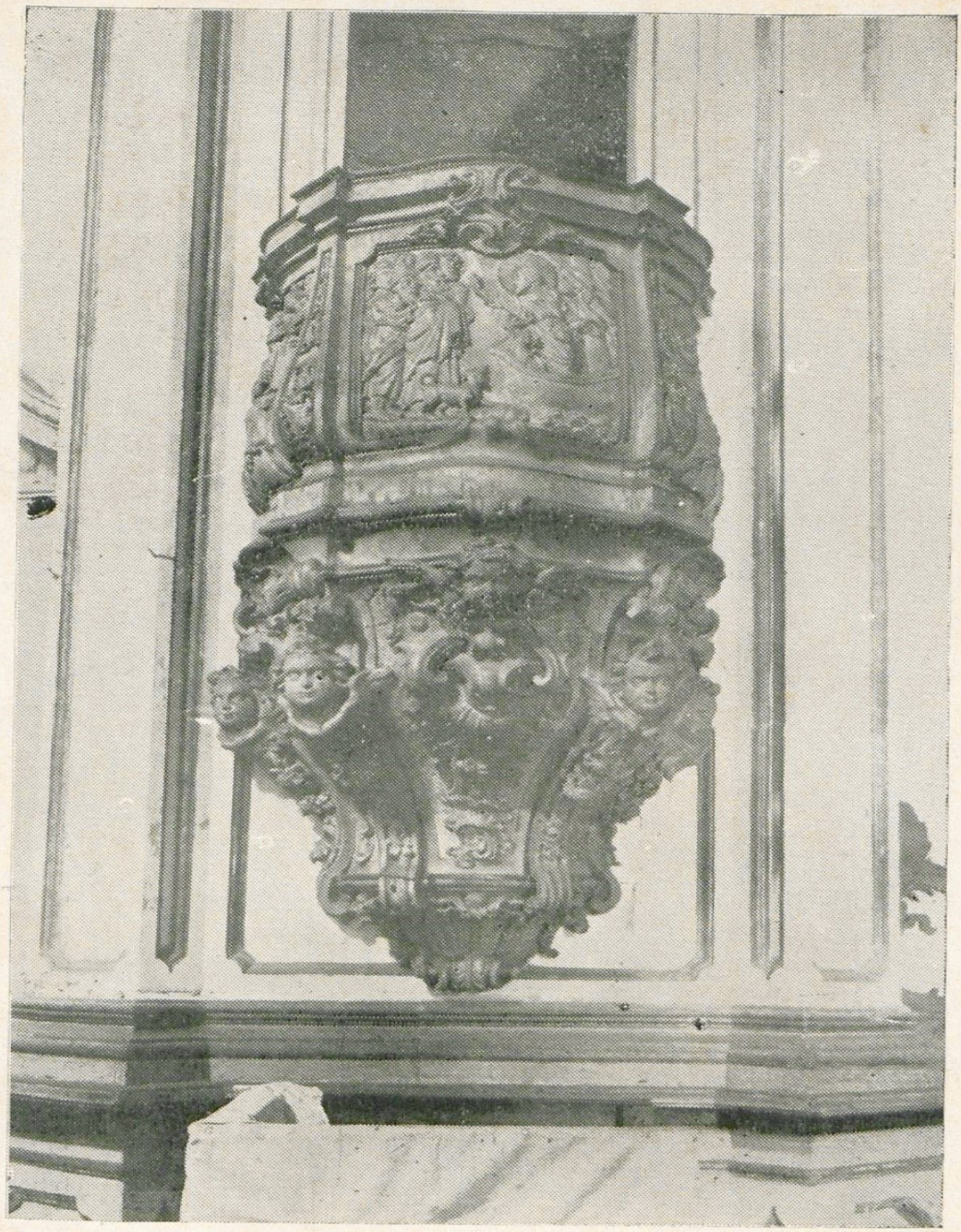
No da esquerda está o Divino Mestre na barca falando ao povo reunido na margem do lago; no da direita está o episodio do Profeta Jonathas com a baleia. Os quatro Evangelistas cada um com o seu simbolo apocaliptico estão aos lados, dous em cada pulpito.

O peitoril de cada peça é formado de molduras, tendo no centro um escudo grotesco terminado em pontas reviradas. Sôbre a ponta de cada pulpito expalma-se uma conchoide concava e flexuosa.

Os capitéis destas largas e belas pilastras, sôbre os quais nascem as impostas do arco, fógem ao comum dos estílos; porque, tendo nas quinas as volutas jonicos, enchem-se, como na corintia, não de acantos, mas de conhides combinadas de grotêcos revolucionados, imitando-os. Ainda aqui se percebe a fina intuição do artista, não querendo hibridar estílios e antes inventando um novo tão de acôrdo com a forma jonica.

O arco ainda se separou do comum dividindo-se em relêvos de almofadas planas deliciosamente molduradas, e tendo no centro de cada uma o

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS



Pulpito da Egreja de S. Francisco de Assis
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

seu ramo de flôres á tinta indeleveis. E' corrente a censura que se pinte a pedra; mas não é justa, si a pintura não perturba as vêias e o desenho natural, como no caso. Além disso si hoje seria bárbaro cobrir-se de côres o mármore de Paros, que o cinzel de Phidias converteu em Deuses, todavia é certo que os artista cobriam côr de carne o formoso corpo das estátuas; e bem sabemos que a intuição da beleza plástica passou com a alma extinta da velha Grecia.

Assombra a quantidade de lavores artísticos atribuïdos ao Aleijadinho nesta e em outras partes de Minas. Em todo o caso esta Igreja é toda dele e de seus discípulos. O seu estílo sôbre lavores em pedra não se confunde, e tanto se reconhece nas esculturas desta Igreja, como nas obras da capéla de Cabeças ou de Congonhas do Campo. As figuaras no relêvo dos púlpitos são perfeitamente iguais em fisionomia e ademanes a todas de seu trabalho, inclusivé ás dos Profétas no adro de Matozinhos. Mas si na estrutura de homem nota-se um certo propósito de largos traços e enérgicos, descurando-se da beleza nos rostos para só se atender ao refléxo conveniente dos pensamentos ou sensações, o mesmo não se diga em relação ás mulheres. A Conceição no pórtigo é toda pureza de formas, e a estueta alegórica da fé na lavabo da Sacristia é um primôr de gentileza; eis que o artista, si alguma cousa apura no seu cinzel está na exação das curvelíneas, suprema distinção do corpo femenil.

Essa figura de mulher dá logo na vista, fazendo lembras estátua romana da Pudicicia, na qual, como naquela bem se mostra, quanto as vestimentas podem exceder ao *nú* em artigo de representar o bélo na sua melhor direção.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Igualmente não se me leve a mal comparar os púlpitos de S. Francisco de Assis aos de Santa-Cruz de Coimbra, e notar que os nossos são de maior nitidêz estética, e de mais felizes idéias. Aqueles dos panos representam nichos com figuras paramentadas de bispos, e uma luxuriante pro fusão de pilastrinhas com estuêtas sôbre o fundo plateresco. Vejam-se pois e confrontem-se os nossos, e haja aí quem não prefíra a poética naturalidade dos episódios bíblicos e a disposição dos Evangelistas trajados a seu modo antigo.

Além disso a disposição dos anjos é mais simples, e os ornatos mais graciosos.

A entalhadura dos altares, toda ela respirando o fino gosto revolucionário do Aleijadinho, abriu entre nós o novo formato das colunas gregas de fuste direito.

Este novo modêlo, firmando o gôsto serviu para o Carmo e para as demais Igrejas, que se construiram do meiado do século XVIII ao fim do XIX. São altares airosos que tocam dous terços do paramento das paredes, e convenientemente proporcionados. Nos dous últimos fronteiros as caras dos anjos, que estão a meio das pilastras, são de perto tão chatas que se atribuem ao vezo do Aleijadinho em deixar nas obras de seu lavôr alguma cousa, que perpetuasse em traços a sua sombra.

A Santíssima Trindade, que encima o retábulo, exíbe a *maneira* do artista com a maior clareza; e é um grupo admirável de perfeição, em que as figuras, si não falam, pensam e mostram o pensamento na transparência das feições.

Corresponde á beleza dêste grupo, em que figura a Virgem da Conceição em admirável atitude, com a face jubilosa e transparênte de adora-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ção, o explêndido relêvo do frontal da urna do altar-mór, onde o incidente das santas mulheres levando arômas, e dando com sepúlcri vasíu, em que se vê a pedra removida, e os lençóis dobrados para fóra, tendo diante delas o Anjo, que lhe noticiou o assombroso acontecimento da Ressurreição.

Entretanto, a obra prima está na Sacristia e é a fonte do lavatório. Começa por uma cruz e os braços de Christo e do Santo, surgindo de uma corôa de espinhos. Aos lados dous anjos trazendo um a ampulhêta, outro uma caveira, a vida e a morte. Uma concavidade, estriada de listéis ou noneleiras, formando uma abóbada da montante entre fachas ornamentadas, está tambem entre pilastras, em cujo entablamento cada uma sustenta um grupo de formosos querubins assentados, deixando o terceiro deles sair do encontro de suas azas, um festão, que desce pela voluta abaixo até o meio, onde encontram os grotêscos conchoides outra voluta nascida da base. Da chaga do meio num escudo oval parte um raio de luz sôbre um arcanjo inclinado, que vôa de azas abertas, trazendo num meldalhão circular o busto de São Francisco. O braço direito dêste Arcanjo com a mão direita espalmada pousa sôbre a cabeça da Fé, como quem a dirige por inspiração, e esta béla figura desdobra das mãos um pano, onde se lê: "*Hoec est ad coelum quoe via ducit*".

Aos pés da fé um pedestal ornamentado no mesmo têma das volutas, semelhantes ás pontas de pergaminho enrolado, dous outros meninos anjélicos assentados, um olhando para a fé traz o cordão, outro que parece já convencido traz o cilício. No meio dêste pedestal cai outro pano aberto em que se lê: "*Ad dominum curro sitiens cervus ad undas*". E dous bustos de cervos sáem de tráz

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

do escudo em atitude de bebêr. A pia trifaciada sustenta-se em bases adamascadas de acantos e molduras; e tambem os pedestais das pilastras com feixes de palmêtas e festões de flôres estilizadas. Compreende-se que não posso, ignorando até mesmo a terminologia da arte desta peça monumental uma descrição perfeita.

As portas da Sacristia, como as internas de todo o templo, ostentam sôbre as pardieiras ornatos de cortinas e borlas; e sôbre as outras principais volutas enormes dão-lhes um aspéto sevéro e grandioso.

Arquitéto êste homem, original, como já vimos, traçou a Igreja de modo particular, não quebrando a lihna das paredes externas; mas ao efeito de trazer a luz para a capéla-mór engendrou dous largos corredores clareados cada um por três varandas de arcos abatidos, que a singularizam.

Não ha, como vimos, uma só parte acessória, que não seja um primôr nesta Igreja. O Aleijadinho no entanto, aqui nasceu, aqui morreu. Nunca foi longe de seu ambiênte natal procurar ensinos, contemplar modêlos, desenvolver idéias, Era um iletrado, mas que viveu num tempo, quando Vila-Rica foi centro de luzes, único em todo o Brasil. Foi todavia filho de Manoel Francisco Lisbôa, e sobrinho de Antonio Francisco Pombal, ambos arquitétos e escultores os mais notáveis da época, aos quais devemos a maravilhas fábrica Matrizes de Antonio-Dias e de Ouro-Preto. Assim sendo, o Aleijadinho (Antonio Francisco Lisbôa) a natureza lhe deu pelo menos o sangue de raça, e os Mestres o preparo de um genio estupendo, que até hoje a nenhum outro já foi segundo em Minas, ou em outra qualquer parte, onde a justi-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

ça mande julgar pelos elementos pessoais ou educativos.

O mesmo porém não se póde dizer de Manoel da Costa Athaide, o pintor, ao qual em idênticas condições, nem siquér, favoreceu o determinismo atávico. E no entanto com o Aleijadinho e com êle se completa o par genial, que floresceu em Minas. As Igrejas, que eu conheço nascidas do cinzel do Aleijadinho, todas possuem pinturas de Athaide. Eles dous fizeram duas Igrejas por inteiro, que já visitei, esta de Assis, e a de Matozinhos de Congonhas, ambas apresentando quadros inumeráveis do pintor.

Além da pintura do této da nave, deixou-nos Athaide a capéla-Mór decorada de télas preciosas. Aí vemos os Papas que pertenceram a Ordem ao lado dos que a intituiram; vemos a *Cêia*, desenhada originalmente, e muito diversa da de Vinci, e em frente o *Lavapés*. No alto vemos um painél do Monte Alvergne com o episódio das Chagas e em frente o Santo Patriarca recebendo a Regra da mão dos Anjos. No corpo da Igreja, em cada face dos ângulos interrompidos, vemos um quadro de figuras em tamanho natural: A Magdalena, S. Pedro, Santa Clara e S. Francisco, sendo que todos êstes quadros têm no fundo paisagens relativas ao personagem.

As paredes da Sacristia estão cobertas de télas molduradas artisticamente: Santa Izabel de Portugal, e a de Hungria, S. Ivo, S. Luiz de França, S. Rosa de Viterbo; S. Francisco, lendo os estatutos á S. Clara, e a S. Róque; êste anunciando a sua herança; Jesus Crucificado e S. Francisco o adorado; O Papa e cardeais no momento de entregar a S. Francisco os estatutos da Ordem; e S. Francisco pregando ao povo. Além dêstes o této

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

da vasta Sacristia cinco imensos quadros o adornam. No meio S. Francisco subindo para o Céu levado pelos anjos, quadro em que se nota a luz crescente do alto, e a que vai diminuindo sôbre as parágens da terra. Os quatro quadros, que são de têmpera azul, representam um santo eremita, S. Maria Egipciaca, a Magdalena, e S. Francisco.

Neste mesmo timbre os azulêjos fingidos da Capéla-Mór, contendo um número de seis episódios do Velho Testamento.

Com enquanto seja difícil se reconhecer nos painéis de têmpera azul a maneira de Athaide, não me parecem de outro. Há no Rosário de Mariana uma pintura religiosa na Capéla-Mór, que em ponto menor representa o têma da que está na abóbada da nave de S. Francisco. Ha tambem na Sacristia da Igreja da Ordem Franciscana, em Mariana dois quadros no této, S. Francisco em agonia, e S. Francisco morto. Essas pinturas de Mariana são reconhecidas como de Manoel da Costa Athaide; e conferem perfeitamente com as de Ouro-Preto. O quadro que está no canto esquerdo e de quem entra ao lado do côro, S. Francisco agonisante, é cópia exatamente fiel do quadro de Mariana. Demais êsse pintor tomava o filho como modêlo vivo para os anjos em todas as posições; e tomava á si mesmo para S. Francisco. Aqui e em Mariana foi invariável nesse procedimento. Si o S. Francisco assunto pelos Anjos na Sacristia de Ouro-Preto diverge, é porque foi infelizmente retocado, e devemos tambem descontar no artista o pensamento de figurar o Santo rejuvenescido na gloria, e assim retratado num Athaide moço. Entretanto foi nisto infeliz por não dar a fisionomia do Santo os tons etéreos

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

da situação, a face vislumbrante de seu triunfo imortal.

Mas no que toca aos personagens vivos a execução é pela maior parte admirável. O S. Ivo é um retrato perfeito, lendo e refletindo sôbre o que lêu: feição característica de jurisconsulto, que foi. A Santa Izabel de Portugal, esposa de D. Diniz, rei de mesquinha memória, mostra á toda a luz nas feições calmas e humildes a surpreza, em foi apanhada pelo marido, á dar esmolas, deixando ver no avental, graciosamente estendido as rosas, em que se converteram as moédas destinadas aos pobres. O S. Roque, ainda vestido de gentil homem entregando sua fortuna; enfim todos os personagens se figuram em situações próprias, como são representadas mas o pintor excéde no quadro da pregação de S. Francisco pela multiplicidade das figuras de ambos os sexos e todas as idades, sendo uma téla de impressões, tregeitos e movimento no auditório rústico e plebeu, em que o Santo iniciou a sua missão evangelizadora, que tanto escándalo causou aos dirigentes e felizes. Sabe-se que, si não fossem a energia e alta compreensão do grande Papa Inocencio III, o glorioso Patriárca teria sído considerado um socialista perigoso em seu tempo.

Estudar e descrever esta Igreja, repito portanto, em todas as suas minuciosidades é obra para um artista, e para um volume, não para um ligeiro noticiário. Resta-me dizer que em uma cômoda pertencente á Ordem li a data 1756, e na frente da Sacristia temos 1777.

E' sabido que Antonio Fracisco Lisbôa só tarde ficou aleijado, datando dêste ano de 1777 as primeiras manifestações do mal de que lhe provieram a pêrda dos dêdos e o transtôrno de sua fisio-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

nomia. Esta Igreja e outras foram portanto feitas por êle em pleno vigôr de suas fôrças e talentos, si bem que seu espírito não sofresse nem se olumbrasse ainda mesmo no perído mais adiantado da doença, razão pela qual continuou a trabalhar até os últimos dias. O apelido com que ficou até hoje nomeado, creio, que lhe foi suscitado, depois de sua doença, por ter havido em Portugal um grande escultor, que era conhecido por *Aleijadinho,* quasi contemporâneo.

VI

Os colônos reinóis, devotos de Santa Quiteria, sua compatriota, erigiram-lhe uma capéla no alto do morro, que separava os arraiais de Ouro-Preto e Antonio-Dias, á beira mesmo do caminho, por onde, por onde se comunicavam. Ainda em 1720 a capéla estava tão afastada e êrma, que os revoltosos dêsse ano faziam nela as suas conferências, iludindo a polícia do Conde de Assumar.

Posteriormente os Irmãos Terceiros do Carmo, conseguindo fazer número, congregaram-se na Capéla de Santa Quiteria, e como houvessem de edificar um templo adeqüado aos ofícios da Ordem, preferiram o mesmo local, onde se achavam, compensando a Santa em honrá-la, por patrona da nova Igreja, e por isso lá ficou a sua imagem no meio do trôno.

O sítio está visto não poderia ser melhor nem mais apropriado ao culto da Santíssima Virgem, sôbre tudo na invocação do Carmo, que com tanto direito se associa á poética recordação do berço da Ordem do Monte-Carmelo.

Até meiados do Século XVIII (1.º de Minas). todos os elementos concorriam a favôr do baraço, jesuítico por ser mais econômico e menos exigente.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Egreja de N. S. do Carmo
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

O mesmo porém não foi, assim que a Vila cresceu em população e riqueza, dispondo de artistas e materiais melhores; pelo que vimos quanto ás modificações foram-se daí aprimorando-até o máximo da beleza, a que puderam atingir. O gôsto artístico, afinal procurando o seu fundamento espontâneo, compreendeu, como estava o segredo na harmonia das proporções e na forma expressiva das idéias. Ora, neste assunto, em se tratando do culto divino traduzido em monumentos, reconheceu-se para êstes que a estrutura exige linhas arrogantes mas equilibradas, como se forem reflexos grandiosos do infinito. Entretanto o referente ao culto pela Virgem toda essa magestade ao demais reclama que se lhe junte o ar luminoso de uma aurora perpétua.

O Carmo ficou assim.

Grande e suntuoso edifício, no alto da cidade, extenso de 56,50.m., abre de cada lado seis janélas e quatro grandes clarabóias retangulares, que, com as janélas e a clarabóia da fachada, deixam penetrar sem medida em torrente a luz para o centro. A brancura pois das paredes, o fulgôr das talhas douradas, o ceruleo da abóbada pespontada de estrêlas argênteas, o matiz das pinturas, e mtons alegres do sol, exaltam a vista e arrebatam o espírito.

A esplanada verdejante do templo para a qual se sóbe, por um larga escadaria gigantêsca de 7,31m., com 49 degráus deixa vêr de perto, o que já de longe se admirava, o frontespício magestoso, de 30,70m. inferior certamente em profusão de ornatos ao da Igreja de Assis, mas sem rival imponência.

As pilastras amplas, que reforçam o paramento a todas as paredes, são envasadas em silha-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

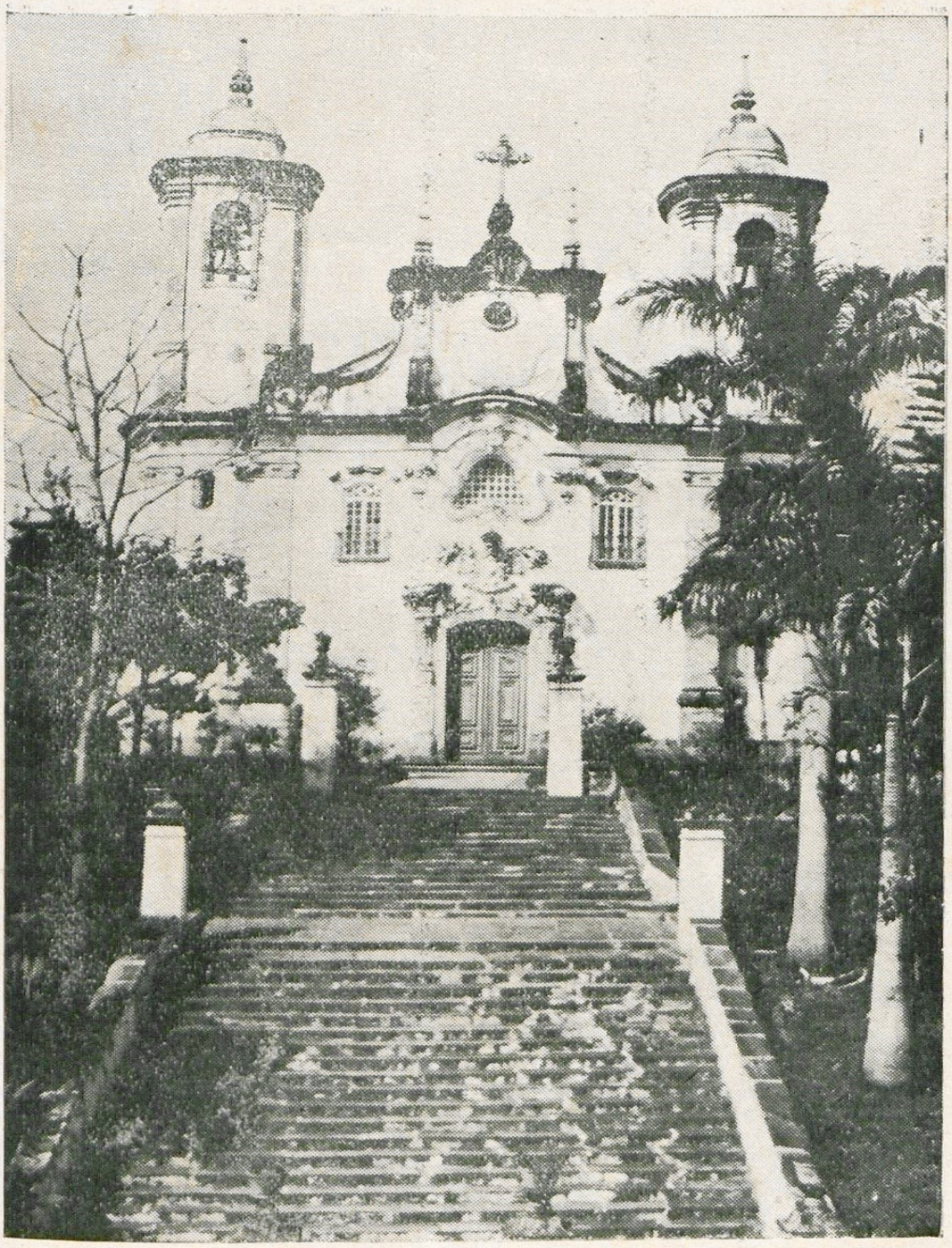
res da mesma cantaria, com seus capitéis jonicos, sustentando as cimálhas, e algumas das quais em número de quatro aparecem na fachada. As duas do centro dão espaço ao pórtigo maravilhoso. A padieira dêste, descansando em umbrais geminados, e como ela ornados de listéis e meias canas tem por cima o coroamento arqueado, mutular, que ainda mais ricamente o decóra.

Finalmente, como remate digno do pórtigo, uma arja esculpida em pedra azul revéla a divisa da Ordem, com dous anjas inteirissos aos lados em ato de segurarem-na voando além de uma corôa de rainha, superposta. Dessa facha brotam ramalhêtes que deixam cair a faixa dos umbrais festões de rosas e folhagens tentando a ornamentação "rocaile". O frontão, conquanto do mesmo tipo já descrito em outras fachadas é todavia aqui mais léve, acabando em liha horizontal sôbre dous terços das empenas, afim de dar espaço ao acroterio, onde a cruz está no meio de duas agulhas coroadas de estrêlas.

Esta grande porta larga de 2,50m. fechada, reproduz em ponto maior as folhas molduradas das outras, quer exteriores, quer de dentro, em gandes almofadas.

Aberto, porém, o pórtico, além do para-vênto entre robustas colunas de madeira, resplandecentes de ornatos dourados, a surpresa não se póde conter diante de quatro novas colunas indianas, vigorosos monolítos açafroados, com o formato, e o galbo das colunas de Ellora. Assentadas sôbre pedestais cúbicos, o fuste delas inculca na aparência de perfíl, a semelhança de escudos polácos, e os capitéis a de coxins. Sôbre essas colunas únicas no gênero descansam os três arcos mixtos, que sustentam o vigamento do côro, do qual, embuti-

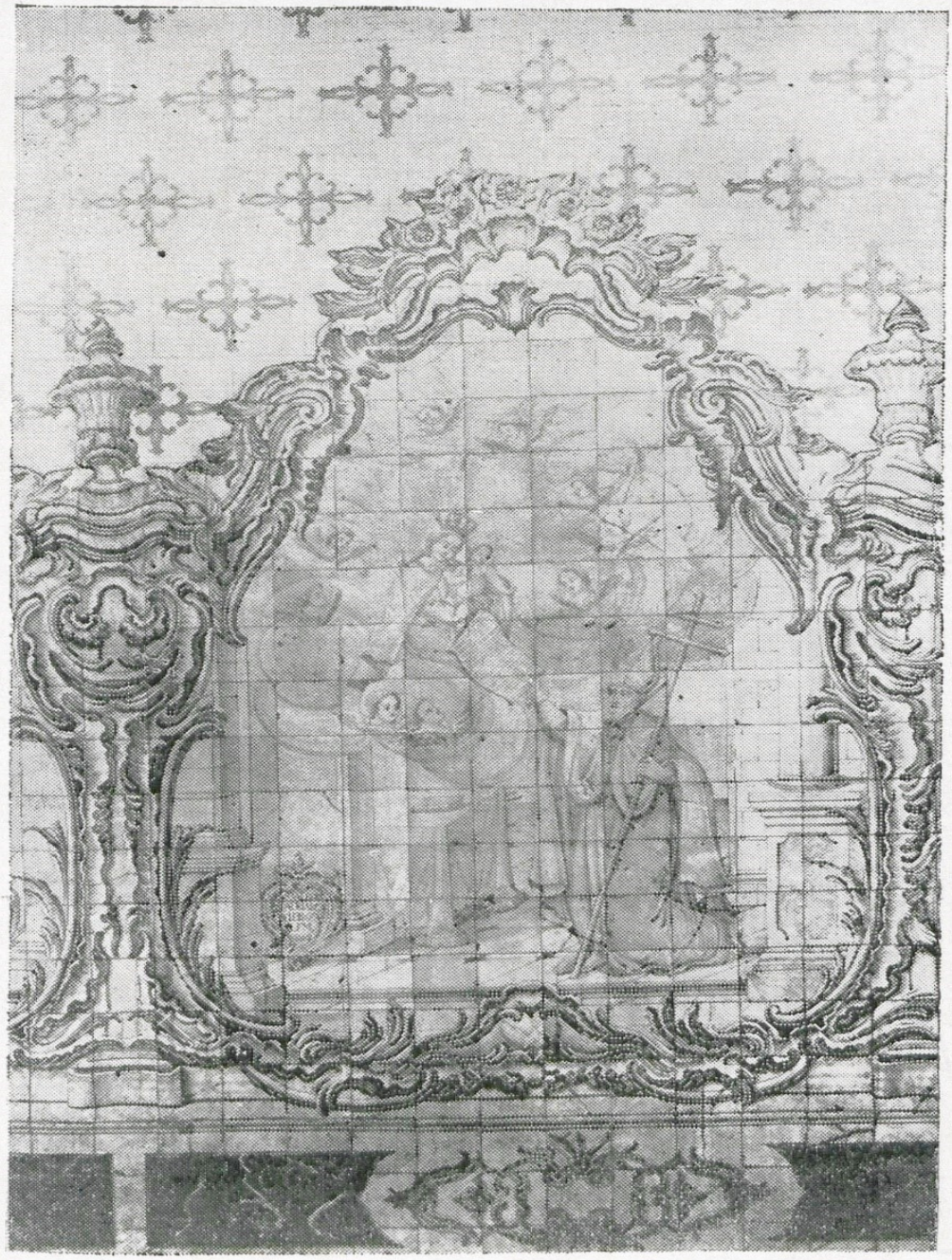
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS



Egreja de N. S. do Carmo
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS



Paineis do altar-mór da Egreja do Carmo
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

das nas paredes nascem por sua vez duas pilastras de meia altura sôbre as quais assenta-se um outro arco igualmente mixto, que cóbre por inteiro a frente do mesmo côro.

De lado a lado seis pilares, esbéltos, e proporcionados sóbem a dous terços da altura da paredes, que são rematadas, por uma facha horizontal denticulada da ordem corintia. Esta mesma facha, passa, como entablamento sôbre o arco cruzeiro, que é uma peça tambem de cantaria clara, imposta em pilares geminadas, e esculpidas nos capitéis cúbicos com os acantos do estilo.

A Capéla-Mór, além dos quadros, mostra embutidos no primeiro terço das paredes explêndidos painéis de azulêjo de legítima faiança pombalina, trazendo pinturas alusivas aos episódios sácros da Ordem.

As quatro faces da cimalha desta secção servem de linhas de nascença as duas abóbadas de aréstas, que cóbrem a Capéla-Mór, abóbadas de em cujos planos se destacam pinturas do artista Angelo Clerici.

Esta Capéla brilha sobretudo ante a fachada do altar-mór, que é uma peça de talha moderna, com quatro colunas direitas de ordem composita, e o tímpano ornamentado de volutas, mostrando no fecho a medalha da Ordem sustentada por Anjos.

Em toda a Igreja, quanto as obras de talha, parece-me que se respira o ar do Carmo de Mariana, que sabemos, foi desenho de José Ferreira dos Santos, a cujo risco deve aquela cidade os seus maiores monumentos. Não deparo, é certo na talha a *maneira* do pincel do Aleijadinho; mas não se póde apartar de sua memória genial a escultura na pedra de sabão assim nos relêvos gra-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

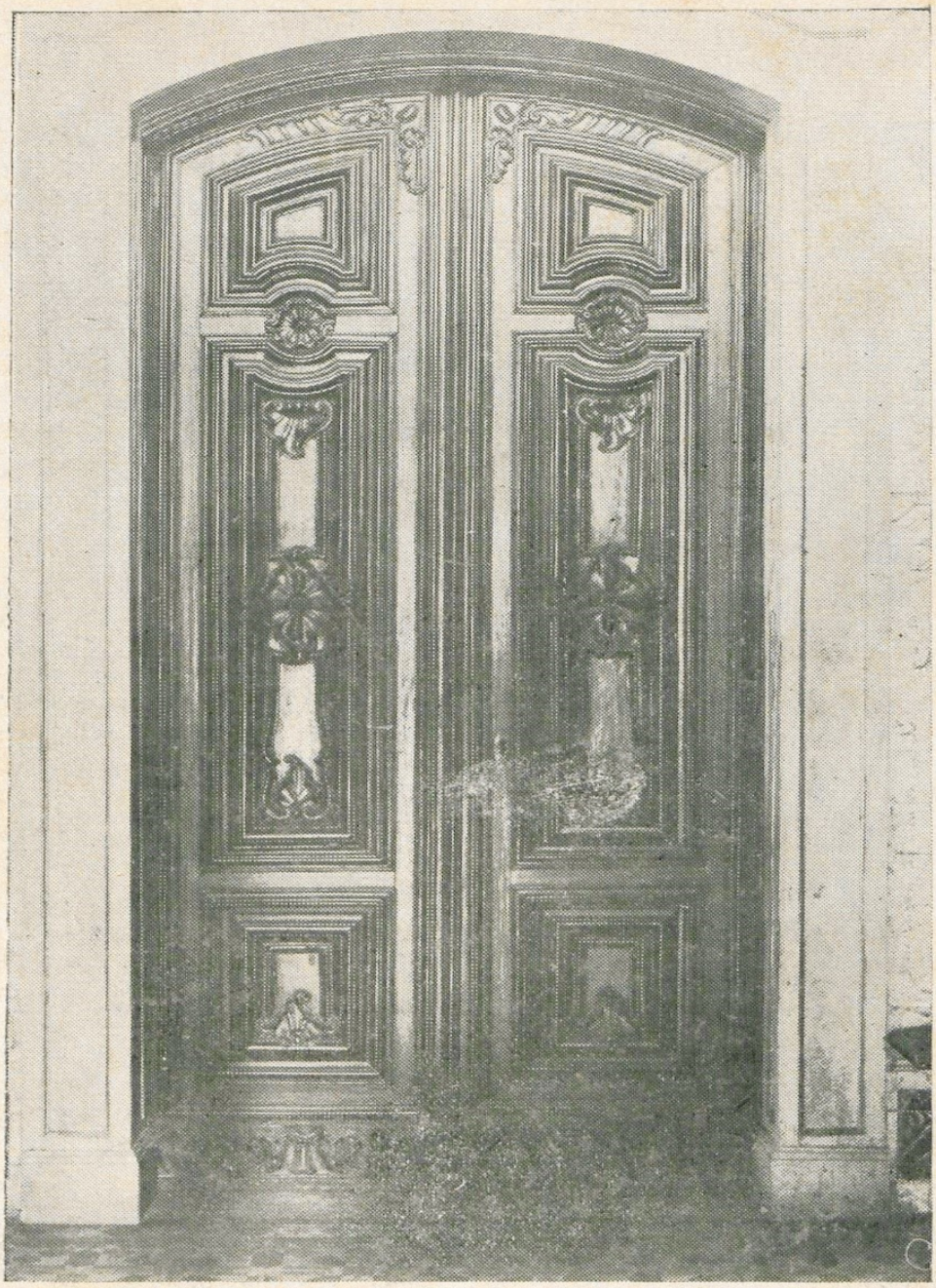
ciosos da fachada, tambem na fonte da sacristia. Na feição e contornos da Virgem e do Menino patentea-se o artista, que se reconhece sôbre tudo nessa matéria prima que como cêra obedecia á sua vontade. Essa fonte inscreveu-se de 1776, e traz o dístico: "*Fons eris, oh Virgo nobis et origo salutis*" sabe-se que o Aleijadinho vivia estudando a Bíblia, e dela tirava toda sua inspiração. Alem dessa fonte, a sacristia da Ordem é uma segunda Capéla, quarnecida de moveis suntuosos tendo nas paredles quadros insignes e dous espêlhos antigos á Luiz XV. Cinco quadros de pintura finalmente embelezam o této: A virgem dando o espulário á S. Simão Stoque, no centro e dos lados a incomparável Santa Thereza; e S. João da Cruz reformadores da Ordem. Nos outros lados o Proféta Elias; e um episódio da mesma Virgem em colóquio com aquela santa.

Corredores largos, pavimentos ladrilhados, tudo enfim nesta Igreja é um brinco de assêio e de gôsto. Una-se o que tenho dito com a escola do catecismo para as crianças, com as festas, em que brilham as alfáias e os damascos, e a bem se poderá gozar, ao menos em parte, a visão do Carmelo, quando a Virgem entre núvens, cercada de anjos, fundou a gloriosa Ordem.

VII

E' fóra de dúvida, que as bélas artes nasceram do sentimento religioso. Os próprios palácios reais, cujas ruinas gigantêscas deixam-se admirar no Egíto e na Assíria, tiveram razão de ser num regímen teocrático, em que os soberanos se impunham como personagens celéstes. Deve-

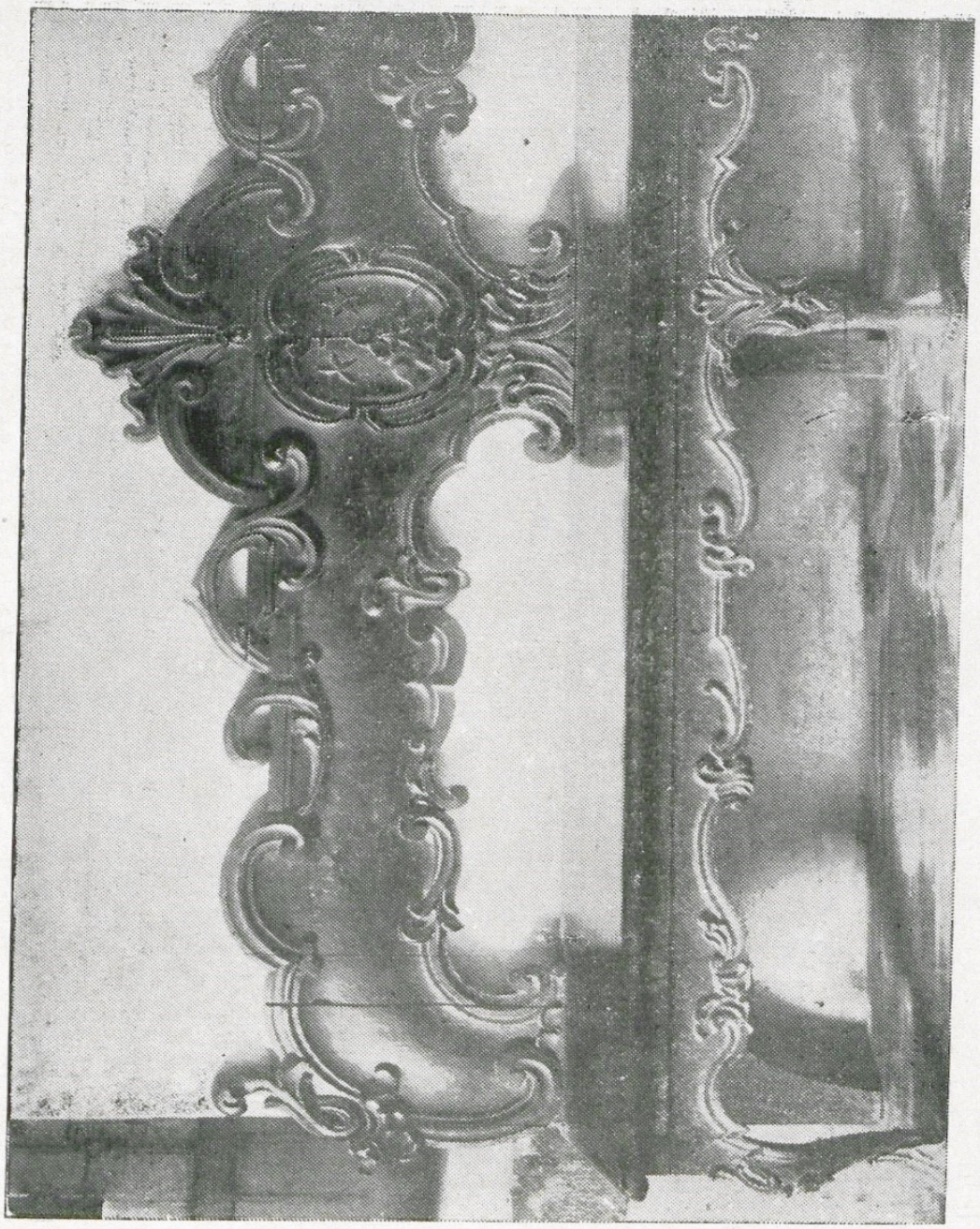
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS



Porta interna do Carmo
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS



Banco da Sacristia da Egreja do Carmo
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

mos ao despotismo naquelas condições o nascimento e a expansão da arquitetura principalmente, inspirada no conceito formidável da onipotência humana revestida pelas formas, que a idéia de Deus terrível e absoluto aquecia, escravizando as massas á seus representantes.

A mitologia dêsse tempo representa em esculturas enigmáticas ou monstruosas a impressão deduzida dos fenómenos violentos ou benignos da natureza.

A Grecia, porém, não nos deixou notícia, que não de templos consagrados aos Deuses, nunca de palácios pertencentes aos homens por mais poderosos, que foram. A mente helenica formada ao ar livre das ágoras, sob a impressão de paisagens ridentes propostas ao culto naturalista, e mediante pensamentos embebidos na hipótese ignalitária do panteismo, concebeu divindades com as paixões e formas humanas assim dignificadas. A democracia forçosamente deduzida desta filosofia não permitiu aos reis o mesmo poder e magnificiência para se instalarem em paços iguais aos templos. Só depois que os Cesares divinisaram-se é que ressurgiu o ideal assírio.

A arquitetura como se vê nascida primeiro foi criada pelo despotismo, ao passo que a escultura só na Grecia conseguiu de costumes liberais o seu desenvolvimento.

A pintura entrementes e apenas esboçada, a não ser o cristianismo teria ficado em lugar inferior, como acessória de suas irmãs, em caráter puramente decorativo, plano e uniforme, e privada dos relêvos, como ainda se observa no Extremo Oriente.

A figura dominante de Jesus Christo com as duas naturezas, a divina refletindo-se na humana

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

foi o sinal de partida para a redenção tambem da pintura. Vem dessa união o esfôrço da inteligência para achar pela arte a expressão da alma em figuras sensíveis; e assim generalizado, o fenómeno os afétos, as paixões, os pensamentos, o espírito enfim, que ainda não tinha, procurou ter na sensibilidade estética dos artistas o modo, como se comunicasse aos olhos, e refluisse nos sentimentos.

Em Minas tambem como em toda a parte a Religião primeiro criou as belas-artes, e só ela soube iniciar artistas.

Assim sendo, não é para se admirar que as povoações antigas tenham se enchido de Igrejas cada qual mais béla. Ouro-Preto póde se dizer é a cidade das tôrres. Em todas as colinas surgiram as suas mais formosas imponentes cúpulas e não ha um bairro onde não se encontre um grande monumento de arte religiosa.

Sociedade, que então se dividia em classes, cada uma das quais vivia em separado, assim se compunha, que as Igrejas foram uma necessidade de ordem, para a todos satisfazer.

As Irmandades da Peninsula transportaram-se de fato para aqui embora a diversidade da terra, que afinal teve que modificá-las.

Por outro lado, não consentindo o regimen absoluto manifestações coletivas de espécie, que não religiosa, os impulsos de socialidade, o irresistivel espirito de iniciativa creadora, só por aí achava onde desalterasse a sêde. A cooperatividade expontanea, o poder das contribuições pequenas associadas, o concurso de esforços, tudo isso produziu nêsse único espaço deixado á liberdade os monumentos coloniais, que nunca mais foram separados, e nem imitados poderão ser em novas éras.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Porta lateral da Egreja do Carmo
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

Desenhos da Comoda da Sacristia do Carmo
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

A Igreja do Rosario é o exemplo. E' o monumento que nos deixaram os escravos, comovente memória dos humildes no inventário dos tempos. Não ha mesmo na cidade coisa mais digna de ser vista.

Salvo o quadrilátero da Sacristia de 7,80m sôbre 10,80, nenhuma outra face retilinea se encontra n'este edificio, cujos outros planos proporcionados ao atrio, á nave, e a Capela-Mór formam outros tantos arcos de circunferencias, tendo a da náve, que é a maiór 13,23 de diametro. Pôr sua vêz só o entravamento do telhado é de madeira, sendo o mais de pedra e cal, e da cantaria a mais escolhida do Itacolomi.

No recinto vê-se que a obra não foi acabada; mais ainda assim os sete altares de tabôas lisas, com pinturas decorativas, á têmpera, e a moda antiga, dão um aspécto simples, e á mêu gosto consoante a singelesa do templo. Formando uma eclipse graciosas as paredes são rematadas por uma facha moldurada, que fica abaixo da cimalha com os ornatos da ordem toscana, e firmada sôbre pilastras de igual formato. O arco cruzeiro emoldurado, sôbre bases de caixão de largura de 1,61m. e de altura proporcionada, o arco digo, é de uma beleza suprema. Além dos capiteis abertos em relevos de acanto, a partir das impostas, vai tomando a inclinação necessaria para coincidir na curva da parêde por maneira, que carece caír sôbre a cabeça do espectador. Fronteiro a êle, na extremidade oposta, um outro arco de igual feitio, mais batido, cóbre a varanda do côro. Asseiada, luminosa, e alta, esta Igreja por dentro, assoalhada de ladrilhos floretados, é digna do culto a que se dedica, um hino de arte

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

modulado á Virgem, que invocamos "Causa nostrae letitiae", cuja imagem é por si mesma de extraordinaria beleza.

Algumas coisas e objétos ainda recordam nesta a velha capéla extinta, na qual esteve o Sacrário Paroquial no periodo de 1731 a 1733, quando se demoliu a Capéla-Mór da primeira Matriz. Dessa velha Capéla saíu em maio dêsse ano de 33 a suntuosa procissão do Triunfo Eucaristico, uma quasi fábula da Vila-Rica de outróra.

Entre os remanescentes da velha Capéla do Rosario podemos encontrar o frontal do altar-mór, uma obra eximia de talha dourada, e as duas não menos ricas credenciais, que estão no supedaneo. São os únicos objétos que se enfeitam a ouro em toda a simplicidade do recinto, e por isso mesmo ostentando um grande realce. O frontal está visivelmente emendado para corresponder ás novas dimensões a que tinha de obedecer.

Além dêstes vemos na sacristia quadros tétricos, impressionantes, da morte, em pintura enérgica, mas grosseira.

Sôbre a vasta cômoda, o que mais atrai nêste compartimento é o Oratório, no qual se guardam as imagens do Rosario, de S. Benedito, e Santa Efigenia, todas de pequeno porte, indicando serem as que primeiro se veneraram na primitiva capéla. Duzentos anos tambem já passaram diante delas.

Esta Igreja foi delineada em 1785 por Antonio Ferreira de Souza Calheiros, que tambem deu a planta da de S. Pedro em Mariana. Ambas estão ainda esperando a última de mão, a de S.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Pedro, tão atrazada, que o tempo já lhe deu um aspéto de ruina monumental, a poesia melancólica do agro romano.

A nossa, porém, exteriormente se concluiu. O arquitéto em S. Pedro riscou o frontespicio em grandiosas retangulares, dando-lhe um ar sevéro e pesado, consoante a dedicação ao velho pescador pontifice, soberano incontrastavel do mundo; ao passo que nesta o culto pertencia á Rainha dos Anjos, a mais formosa e santa das mulheres, pelo que a feição artistica deveria tomar alguma coisa do organismo feminil, um reverbero de orbes celestes. Rasgado o frontespicio em arcadas romanas, em janelas flexuosas, e aréstas esféricas, êle mesmo formando um plano de curvelinias, só quem o contempla avalia o garbo com que se aprumam as seis pilastras, que o dividem, e sustentam a cimalha explendidamente moldurada. O frontão, que nasce da cimalha, fecha-se de lados flexuosos e ostenta além da claraboia em fórma de lira, duas filastrinhas de pontas enroladas, e que seguem, em linha subentendida, através das epenas, afim de sustentarem os dois formosos pilaretes, que rodeiam a cruz. A parte superior da fachada é maravilhosamente disposta para o céu. Uma cruz irradiosa eleva-se á altura dos lanternins das torres; e as cúpolas destas sôbre cimalhas simétricas, com pilaretes decorativos, são como grandes campanulas invertidas. Torres graciosas, redondas e equilibradas, tomam da cimalha ao cima da agulha dois quintos da fachada, á justa proporção em que se acham tambem os campanarios da Rotunda de Roma.

Efetivamente, como se vê, esta Igreja é um tipo de beleza geométrica sem accessórios, sem

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

atavios, que não lineares. Um mimo de arquitetura só. Não ha noticia que de igual formato haja outra no Brasil. Nem a de S. Pedro, de Mariana, ou a de S. Pedro, do Rio de Janeiro, lograram um plano tão singular e coerente. Entretanto, repito: é a memória comovente que os humildes deixaram no inventário do passado.

VIII

Segundo refere Antonil, a distancia que havia do arraial de Ouro-Preto ao de Antonio-Dias, era de meia légua; e a de Antonio-Dias ao Padre-Faria, outra meia. Não nos deve hoje causas estranheza uma tal diferença; pois de Ouro-Preto ao arraial do Ribeirão do Carmo, a jornada era de um dia.

Da formidavel floresta que vestia o morro de Santa-Quitéria, e outros adjacentes á Matriz de Ouro-Preto, restam vestigios no madeiramento enorme desta Igreja, e, na cômoda, que lá se vê na sacristia, peça única em seu gênero; pois mede 8,28m. de comprimento uma só tábua.

Esses três arraiais, situados no fundo dos vales, á beira do caminho, que de fóra seguia para Mato-Dentro, foram-se ampliando e formaram o corpo principal de Vila-Rica. Advinhando já êste sucesso, Antonio de Albuquerque, ao tempo que fundou a Vila, deu-lhe por divisa três montes pretos, unidos pela base em campo de ouro.

O povoamento, pois, foi subindo; e no morro de Santa-Quitéria, distinto por ficar entre os dois maiores povoados, afinal se estabeleceu a casa da Fundição e dos despachos. Ainda quando se cavaram os alicerces da coluna, que em

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Chafariz de Ouro Preto
Quadro a oleo do prof. Anibal Mattos

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

1865 erigiu-se na Praça por subscrição popular á Memória dos Inconfidentes, e que vandalicamente foi demolida em 1905, depararam-se tóros de braúna, que restavam dos pés-direitos daquêle edificio. Os governadores residiam no Palacio Velho, situado na Pia-Grande, ao pé do morro de Pascoal da Silva, em Antonio-Dias. Além disso, tinham na Vila do Carmo o Palácio, em que morou o conde d'Assumar, único edificio, que em Minas subsiste, tal qual era, e como de principio foi. Nêsse Palácio residiam êles parte do ano.

Em 1733 o conde das Galveias, para assistir as festas do Triunfo Eucaristico, veiu do Palácio Velho e tomou casa no largo da Matriz de Ouro-Preto. Enganam-se os que figuram a Vila assentada no quadro atual da cidade. No morro de Santa-Quitéria, que era êrmo até 1729, havia apenas o caminho para Antonio-Dias, rua hoje do Carmo, que na outra vertente descia pela rua hoje da Cadeia, e bifurcava-se nas do Gibú e atual Vasconcelos. Da Matriz de Ouro-Preto nascia a ladeira dos Caldereiros (Pilar), que se encontrava com a rua de Santa-Quitéria (Carmo). Não existindo a rua do Paraná, a ladeira que vinha da rua de Santa-Quitéria, seguia até saltar o córrego do Xavier (ponte dos Contos), e subia para o adro da capéla de S. José, não existindo ainda a rua de S. José. Do adro da Capéla descia-se até á rua da Glória, pela ladeira de Simão da Rocha. Um trilho apenas em meio morro ligava esta rua ao largo do Rosario, do qual seguia para o largo da Matriz a rua, que ainda se vê ao lado, debaixo do posterior aterro, que tem o nome de Ponte-Sêca. A rua que tem hoje o nome de Cônego-Santana, era a rua Direita da Vila. Como se sabe, chamando-se rua Direita em Damasco

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

a em que S. Paulo, foi instruido na fé era costume dar-se igual nome ás ruas, que conduziam á porta das Matrizes, como por onde os neofitos passavam a receberem o batismo. Essas ruas, por se tornarem geralmente as melhores do povoado, acabaram por confundir a significação, e nesta se deu a nova, que se construiu depois, e trás hoje o nome oficial de Bobadela.

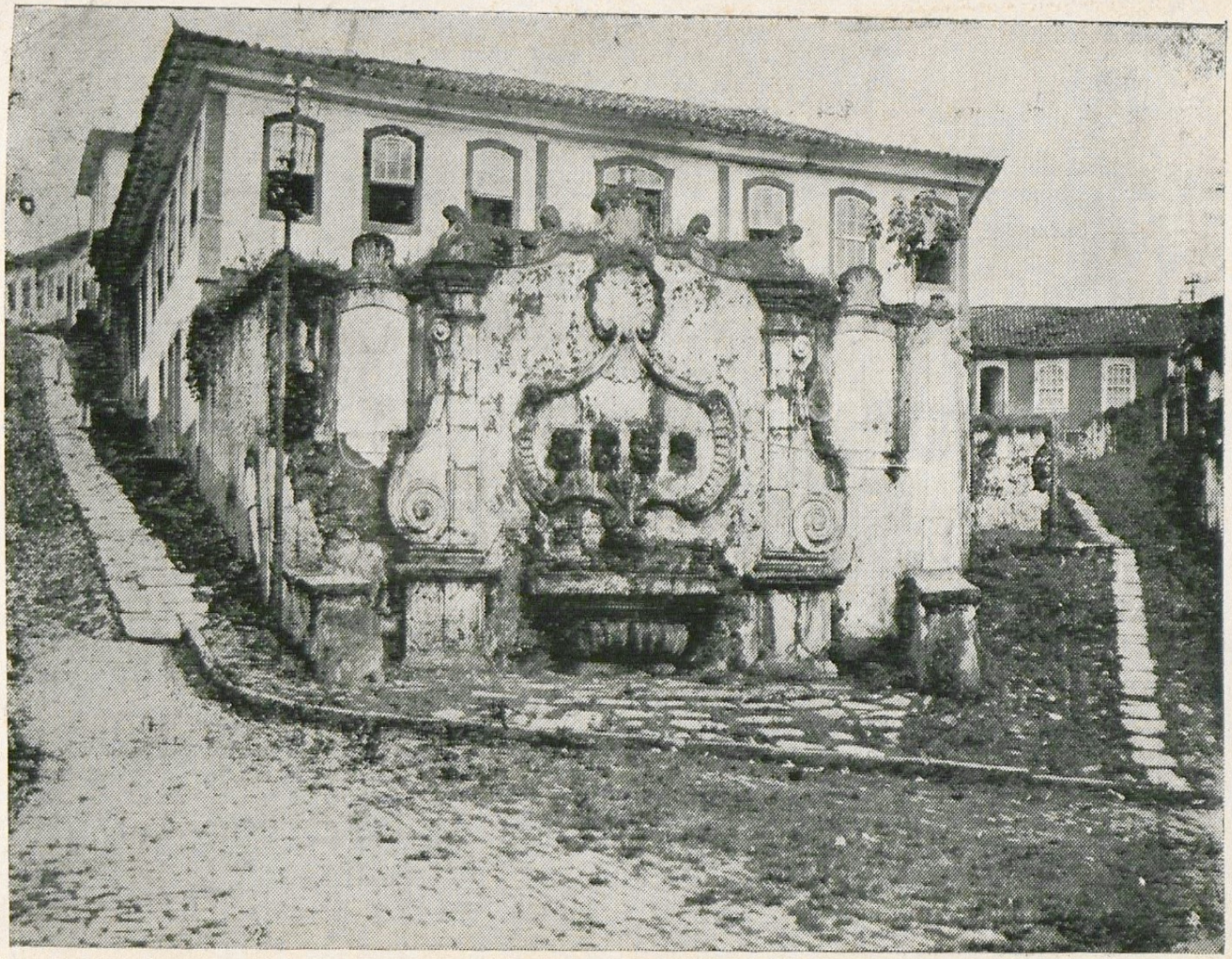
Do Rosario, saltando o córrego do Ramos, subia-se pelo caminho das Cabeças, onde, em tôrno da capela das Almas, ficava o pequeno arraial de Caquende de Ouro-Preto (*cá áquem* de Ouro-Preto).

Em certo ponto dêste caminho ficava eréta a fôrca, utensilio indispensavel, que se levantou com grande aparato, depois que Sua Magestade, por Ordem de 23 de fevereiro de 1731, á instancia dos povos, consentiu que se executasse em Minas a pena de morte sôbre bastardos, carijós e negros. A Casa da Camara e Cadeia, sendo pois ao lado da Matriz, o préstito saía e os penitentes vinham ouvir a sua Missa por alma na porta da capelinha do Bonfim, edificada a propósito.

Tenho descrito o circuito por onde passou o Triunfo Eucaristico em 1733, e antes passára Filipe dos Santos de arrastão á cauda de um cavalo espantado, tudo por ordem do Conde d'Assumar.

Os dois povoados de um lado e outro, tendo crescido a Vila, mudou por isso mesmo o seu centro oficial; e no alto de Santa-Quitéria se erigiu a dita casa da Fundição. A Camara, por sua vez, transferiu o paço municipal e cadeia para a esquina da rua Direita, casa que, só ha poucos anos, foi substituida, e em cujo pé direito esteve num braço e gancho de ferro exposta a cabeça de Ti-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS



Chafariz proximo á antiga casa de Marilia, que se divisa ao fundo, á direita
Ouro Preto

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

radentes. Pouco distante desta, em frente á Casa de Fundição, ficou tambem o pelourinho da Vila, transferido com o paço, e que era o símbolo terrivel da justiça e do poder municipal, que a exercia, sôbre todos em que cabiam açoites na frase da Ordenação. Dêsse pelourinho considerado tambem por centro do termo (ager sacrum) da Vila, partiu em 1729 a medição da sesmaría da Camara, passando a corda do norte pelo quintal daquela casa, local hoje do Palácio, até o marco assentado, e que existe, além de S. Sebastião, pouco adiante da fonte das Camarinas.

A rua de S. José, a Direita atual ,a ponte dos Contos, não existiam ainda em Vila-Rica. A rua do Ouvidor, tão pouco, nem todas essas vias hoje povoadas, que tomaram sucessivamente o nome de Caminho-Novo.

Essas ruas mais modernas só se casearam depois que os governadores fixaram sua residência no Palácio novo, e a Camara se transferiu para a esquina da rua Direita.

O Palácio novo foi construido por Gomes Freire de Andrade, sob desenho do engenheiro sargento-mór José Fernandes Pinto de Alpoim; e custou 46.000 cruzados. A Ordem Régia de 16 de março de 1743, autorizando a obra, veiu já depois que ela havia começado em 1738. A Gomes Freire pertence a idéa de dar ao edificio a fórma de fortaleza com redutos e peças de artilharia, tendo por motivo o espirito sedicioso e turbulento do povo, sempre incitado hipócritamente pelos inimigos do fisco.

Foi para êste Palácio que se trouxe a formosa cantaria do Itacolomí, da qual depois se aproveitaram as construções da cidade.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Primitivamente o Palácio constava de um pequeno quadrado, tendo nas quatro quinas terraços para artilharia com caminhos de vigias e guaritas, além de baluartes, calabouços, saguão, e outros complementos militares.

Com o tempo foi êste ideal de Bobadela modificando-se; e nos terreços se levantaram construções, deixando-se porém as guaritas como ornamento na frente do edificio.

Dos terraços resta uma nêsga do que olhava para o lado das Mercês. Sôbre parte dêste construiu-se a casa privativa dos governadores e sôbre o correspondente as cozinhas e dependências.

Do lado da frente um ficou para salas do porteiro e de espéra, outro para a capéla e sacristia, construções estas que ao demais embeleceram a fachada. O terraço da capéla foi mais feliz; porque além de se prestar a uma linda obra de arte, póde ufanar-se de ter dado ensejo a formosa escadaria, que se extende por sôbre um arco aviajado o mais belo, que póde ser.

Já foi no tempo do Conde da Palma em 1812, que se construiu o jardim do fundo, organizado á romana, com uma explendida fonte de pedra-sabão, ornada de esculturas. Canteiros de violetas, e massiços de lirios e rosas completavam a similhança dos congêneres horacionos de Tivoli.

A fachada acrescida, como se viu, ficou sôbre dois planos de alinhamento, e o do centro ocupado pelo portico dórico, uma peça digna realmente do Palatino. Entre os dois pavimentos corre por todo o edificio um cordão de cantaria rósea, que dá ás paredes um ornato simples, mas grandioso, principalmente considerando-se, que dessa linha, as quinas descem em ligeiro talude

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

até ás bases. Esta fachada tem 36m. de largura, sôbre 78 de comprimento.

Do portico entra-se para um jardim moderno, que foi outróra páteo calçado; e êste tinha á esquerda a escadaria para os compartimentos oficiais, e no fundo com dois chafarizes aos lados uma outra bifurcada no segundo lance, que dava para a vivenda dos Governadores.

Serviu êste Palácio de residência dos Presidentes até o dia memoravel de dezembro de 1898, em que o último saíu para ir se instalar com o govêrno do Estado na nova Capital. Desde José Antonio Freire de Andrade, em 1748, que ali foi residir, 105 efetivos ou substitutos exerceram nessa casa as funções do govêrno.

Considerando no conjunto dos tempos, é a casa histórica de maior valor, que ha em Minas.

Na manhã do dia 17 de dezembro celebrou-se na Capelinha uma Missa, afim de se fechar para sempre o Palácio. Foi a última que ali se disse. Fechado êle, não deixou de haver quem repetisse o versiculo do Corão: "As aranhas fizeram suas teias no Palácio do Principe". Foi um engano!

Mudada para ali a escola de Minas, a ciência ocupou o espaço da politica. Modificou-se todo o edificio, e 41 salões em ambos os pavimentos se destinam ás aulas, aos gabinetes, ás vitrinas, ás bibliotécas. Vastos apêndices se erigiram destinados aos laboratórios e máquinas. Vastissimos novos compartimentos se fizeram, enchendo-se de construções modernas os antigos páteos e o quintal, onde se colocam pilões e máquinas para o ensino prático da metalurgia. O terraplano da frente, hoje arborizado ainda felizmente está ornado com as guaritas e uma fieira de árvores de-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

corativas descem pela rampa, cujos muros brancos enviezados com os de cima, apresentam o aspéto magestoso consoante ao frontespicio da Escola. Esta, como acabo de dizer, assim desenvolvida, tem merecido os maiores elogios de pessôas competentes, e de cientistas, que de longe tem vindo visitá-la, comparando-a ás melhores que haja no Mundo; e pois é justo que nesta memória se recomende o homem a quem deve seu atual desenvolvimento, suas instalações, e mais ainda a sua mundial reputação, o dr. Joaquim Candido da Costa Sena, que bem se poderá dizer seu verdadeiro fundador.

IX

O que tenho dito e observado faz-me voltar ás obras de arte mais antigas da cidade, as que foram lavradas sob a inspiração expontanea do sentimento, e gôsto apaixonado. Deixamos de analisar muitos monumentos, que, embora diferentes em dimensões, pertencem á classe, com os mesmos tipos e lavores, de outros já mencionados.

O templo de S. Francisco de Paula, por exemplo, situado na sua encantadora colina, magestoso, e imponente, qual um guarda vigilante da cidade, foi o que mais recentemente se concluiu.

Custou um século de devoção e fadigas, pois, tendo começado em 1804, só ficou inteiramente pronto em 1904. E' um edificio vasto e luminoso de sól a sól, com 58,80m. de comprido e 14,57 de largo. Suas torres dominam o horizonte e fle-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

cham 28,50m. de altura. Igualmente, a exemplo de outras muitas Igrejas, esta foi levantada sôbre o local da primitiva capéla da Piedade, cuja imagem venerada está no alto do trôno. Em consequência, a Ordem ainda manda dizer nas sextas-feiras a missa votiva da antiga devoção.

Os altares elevados, de feição moderna, apresentam-se doirados ha pouco tempo; e assim se demonstra como a Vila-Rica de outróra nada perdeu de sua magnificência no que diz respeito ao catolicismo. Ao contrário, já foi no século XIX, quando já extinto se achava o poder das minas de ouro, que se completaram os mais bélos e soberbos monumentos.

A pequena, mas poética Igreja de S. José, igualmente recebeu o seu explendido frontespicio nêsse século, adornando-se com a torre e o terraço de balaustres de pedra azulada, que dão-lhe a padrasto da cidade o mais gracioso aspéto. No *Triunfo Eucaristico* menciona-se na procissão a Irmandade dos pardos de S. José; e em 1731, para a capéla desta Irmandade se recolheu a imagem do Senhor dos Passos; enquanto se demolia e se reedificava a capéla-mór da Matriz de Ouro-Preto. A antiguidade da atual capéla está provada tambem em seus altares, que são de táboas lisas, sem embargo de dois laterais transportados de outros santuários pequenos, mas verdadeiras joias de entalhamento, um mimo de escultura antiquissima, semelhante a um bordado de agulhas de tão delicada e pura que é. Esta capéla tem de comprimento 33,84m. sôbre 11m. de frente.

No mesmo sistêma de uma só torre da fachada as Mercês de Ouro-Preto, igualmente obe-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

decendo ao barroco jesuitico modificando, oferecenos sôbre o portico uma rica tarja de pedra-sabão representando a Virgem com os braços abertos e extendendo a capa de proteção aos pobres cativos da moirama, segundo o sonho do piedoso fundador da Ordem, que a instituiu em 1223, S. Pedro Nolasco. Em meiados do século passado, o acorrendo certa dicidência no seio desta Ordem, uma fação retirou-se para a velha capéla dos Perdões em Antonio-Dias; e lá continuaram os Irmãos em seus oficios, até que foram reconhecidos por Bula Pontificia. Reedificaram por isso a capéla dos Perdões, sendo hoje uma das Igrejas recentemente concluidas, com altares de talha dourada, duas torres elegantes, e dimensões modernas.

O medalhão das Mercês, de Ouro-Preto, pertence claramente ao estilo do Aleijadinho. Todos êsses relêvos sacros têm um ar de familiar indiscutivel. O frontão do portico da capéla das Almas, nas cabeças, reconhecidamente dêle, é um primor de concepção e de trabalho, como tudo quanto saíu para a pedra daquêle portentoso cinzél.

O portico desta fachada se fez da três monolitos, as duas humbreiras e a vêrga, todas ornadas de listeis. A vêrga em quarto de circulo flexuoso, tem por fecho três querubins, saindo de um grande florão canchoide; assim como de cada lado no alto das humbreiras, graciosas misulas de folhas envolvendo uma voluta, amparam as sacadas da vêrga. Aos cantos desta dois lindos tóros raiados de canelaras, e terminados por um friso de pontas reviradas dão nascimento a palmetas viçosas. Entre esta ornamentação surgem flamas extensas, num quadro oblongo superposto á

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Egreja das Mercês de Cima
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

cimeira do portico, e, no meio das chamas, quais a meio corpo, quais a corpo inteiro, todo em alvoroço, ardem com os braços erguidos em várias posições, pequenas figuras humanas; que num verdadeiro tumulto aflitivo, penam no purgatório. Sôbre êste quadro corre uma arquitrave moldurada, como base do retabulo, onde sôbre uma peanha de gola reversa surge o Arcanjo S. Miguel sem a balança e sem a espada, segundo apareceu no Monte-Gargano. O retabulo está entre duas pilastras molduradas, elegantemente pousando sôbre plintos lisos de dois planos e terminadas em fachas de meio circulo côncavo unido à outro convéxo. São duas soberbas volutas esguias de hastes flexuosas mais largas em cima que em baixo, e guarnecidas de listeis; as quais sustentam capiteis romanicos simples, que por sua vez sustentam, impostas de um arco perfeito, começado por duas volutas, que dão nascimento á ornamentação do cimasio. O arco de uma só peça de pedra em meio redondo côncavo com bordas reversas tem pór feixo uma grande conchoide estilizada, dentro da qual se passa uma cêna olimpica em alto relêvo, os três corações de Jesus, Maria e José, entre nuvens e adorados por dois querubins, inclinados aos lados, e por cima um docél, de cuja frente descem raios luminosos entre nuvens, e de cujos lados ao fundo cortinas apanhadas por trás se abrem, passando a cabeça dos anjos.

O fundo do retábulo é uma abóbada montante, canelada em raios, que enfeixam-se em um três quartos de circulo formados de botões, correspondendo ao alto do capacete do Arcanjo. A figura dêste é um portento, de arte, a mais formosa estátua, que o extraordinario escultor nos deixou.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

As azas de grande formato semiabertas cinzelaram-se de penas nitidamente gravadas. O corpo, airoso, esbelto, tem uma das pernas assentadas, outra como que assentando-se do vôo.

O tronco da figura mantém a inclinação flexivel de uma deslocação aérea. Está cingido de uma cota de malha feita de plumas miúdas, e o capacête simula um feixe de plumas de avestruz. O rosto do anjo exprime a beleza da fôrça divina.

Já descrevi a fonte da Sacristia em S. Francisco de Assis, cuja fotografia tem sido levada para a Europa. Mas o fato de estar a Capéla das Almas, em rua hoje mais retirada, tem privado os amadores de contemplarem com o mesmo entusiasmo esta outra nunca assás admirada obra prima.

Um estudo completo da maneira do Aleijadinho, de sua fantasia incomparavel, reconhecerá que apenas um inventor de ornatos, um modificador de estilos, haverá mais copioso em outra parte do mundo. Nasceu, viveu e morreu em Minas !

Mas todavia foi um gênio independente, que faria a hora e tambem a glória de um povo. Êle só deu a toda Vila-Rica a maior parte do seu explendor; êle só constituiu o meio artistico de onde surgiram os mais belos, impereciveis monumentos.

Ha na estatuária de santos algumas obras, que não menos o recomendam em madeira, como primoroso em pedra.

As de madeira, entretanto, revelam por outro lado seu espirito criador. As imagens são de um desenho incorréto, que não visa a formosura

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

fisica, sinão as paixões e sentimentos do personagem.

Nos passos de Congonhas, o da *Ceia,* por exemplo, cópia de Leonardo Vinci, sente-se refletir em cada figura a sua situação, mas em linhas dominantes e isoladas, sem preocupação alguma com a beleza do semblante.

O Christo ali é a doçura da tristeza, Pedro a interrogativa, João a candura, e assim os mais, até o Scariota com a hipocrisia. A dôr expressa em Jesus no Passo da crucificação parece até contar as marteladas nos cravos.

Na capéla das Almas ha um Senhor no Sepulcro, em cuja fisionomia extravagante estampa-se o poder da morte irresistivel, e despótica, no proprio Deus.

Era o Aleijadinho um homem irascivel, violento, si bem que, carinhoso com a sua gente de casa. Não perdoava facilmente injúrias, e sôbretudo, depois que o escorbuto o deformou, a sua desconfiança ultrapassou limites, prevenido contra todos.

O capitão-general Bernardo José de Lorena, desejando um S. Jorge, de tamanho natural para as procissões de *Corpus-Christi,* suntuosas naqueles tempos, mandou chamá-lo.

Depois que adoeceu, não vinha á rua sinão de madrugada, e não se recolhia sinão ao fechar da noite, trabalhando dentro de uma barraca, na Igreja que fosse. Saía de cadeirinha tirada por dois escravos, dos três que tinha: Agostinho, Januário e Mauricio, os quais eram todos entalhadores, e seus auxiliares.

Não se podendo furtar ao chamado, foi a Palacio, e trincou logo nos dentes uma injuriosa exclamação escarninha, que lhe atirou o Ajudante

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

de Ordens de José Romão, surpreendido de ligar tão grande nome a tão mesquinha figura.

Recebida e aceita a encomenda para a procissão, o artista escarnecido acertou de vingar-se generosamente, pondo a figura, fielmente esculturada, do Ajudante, na pessôa de S. Jorge.

Esta imagem primorosa, que é uma obra de arte efetivamente realista, existe hoje no Asilo de Santo-Antonio. Vale a pena vê-la de tão bela que é, no seu porte e semblante militar. O Ajudante José Romão, indignado, insistiu, que não saisse á lume êste S. Jorge, mas não foi atendido; e deu ao povo um assunto desdobrado de alegria numa festa que era sempre jubilosa.

Dos escravos do Aleijadinho, o Mauricio foi um mestre eximio, e era quem substituia o senhor nas faltas. Era o seu amigo, quem atavalhe nos braços sem mãos os instrumentos, o cinzél, e o macête. Dos jornais que vencia o senhor, dividia-os metade para o escravo; e os jornais eram de meia oitava por dia.

Nascido de uma africana, prevenido ainda mais por isso contra todos, baixo de estatura, cabeça volumosa, quasi sem pescoço, barbado, orelhas grandes, em suma, a naturêza num corpo mal figurado, soube e teve modos de vasar um gênio, que nunca se viu mais fecundo e feliz.

X

Vasta, muito alta, ornada de robustas torres proporcionadas a seu vulto imponente e sevéro, a Matriz da Conceição de Antonio-Dias é no exterior o maior templo da cidade. No recinto destinado ao culto expõe 36,18m. de comprimento, e 12,5m. de largura.

Assentada em alicerces gigantes, paredes de 1,15 de grossura, alvenaria ordinaria, e cantaria

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

do Itacolomí, abre de cada lado 10 janelas de sacada e 4 óculos no andar de cima, e 8 de peitoril no de baixo, além de duas portas. Nos fundos tem 4 janelas de sacada, e 4 de peitoril. As cimalhas molduradas percorrendo todo o edificio, formam na fachada o lado inferior do frontão, mas arqueado no centro para encaixilhar a claraboia envidraçada, que ilumina o côro. Os outros dois lados do frontão inclinam-se acompanhando o feitio das volutas seguintes; e fecham-se no acrotério, sôbre o qual a cruz se eleva do centro da meia-lua, emblema da Conceição.

Perpendiculares aos umbrais do largo portico, e começando da cimalha, duas pilastras listadas de triglifos dividem o triangulo do frontão; e por cima das molduras do portico vê-se em relêvo o escudo imperial. A fachada desta Matriz é o tipo comum empregado em todas as Igrejas concluidas em meiados do passado século XIX. Contudo, a perspectiva, tirada da ponte de Marilia para esta Igreja, bate em cheio nos olhos pela magnificência de sua frente nobre e austéra sôbre as escadarias do adro cingido de pilaretes e gradil. As duas ruas, que passam aos lados, formam com a fachada um triangulo ajardinado de grande efeito.

O histórico desta Igreja é semelhante ao de todas as Igrejas antigas de Minas. A principio pau a pique e folhas de palmito; em seguida telhas e pedra e barro; e finalmente, alvenaria ordinaria, isto é, pedra e betão, três construções sucessivas, portanto. Foi esta a evolução por que tambem passou a sua irmã gêmea de Pilar, de Ouro-Preto; que ainda mais semelhante se mostra em outros acidentes, mercê dos dois arquitétos e escultores notaveis, que as construiram.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Antonio Francisco Pombal construiu, com efeito, a do Pilar, começada em 1720, e seu irmão Manoel Francisco Lisbôa (pai do Aleijadinho), a da Conceição, começada em 1727. Sendo o engenheiro Pedro Gomes quem deu a planta e desenho daquela, não errarei muito atribuindo-lhe igual serviço para com esta, tanto mais que, salvo o plano eliptico da nave do Pilar, o mais que fica, se conforma. Com pequenas divergências em relação á obra de talha, e á ornamentação, ambas de fato, coincidem, visto originais, que foram de gênios irmãos e por ventura socios.

O costume antigo era, como já disse, para se aproveitar o chão sagrado, e não se perturbarem as sepulturas nêle incluidas, reedificarem-se as Igrejas no mesmo local das antecedentes, ficando estas dentro das novas; e sendo a última parte a se substituir a Capéla-Mór com o respectivo sacrário. Além disso, tambem, porque as novas, só depois de muitos anos, era provavel se completarem, as velhas não sómente se conservavam, mas até se melhoravam, tanto quanto a espectativa daquelas era larga.

A Matriz velha da Conceição foi muito maior que a sua coeva do Pilar. Tinha 13 altares e a do Pilar 5. Entretanto, me parece que de ambas foram conservadas as parêdes mestras do corpo ao lado das atuais. Na da Conceição a coisa parece-me clara.

Efetivamente, entre as duas paredes deixaram-se corredores, sendo a de fóra de alvenaria ordinaria, e a de dentro material primitivo.

No paramento das paredes, que dão face ao recinto, ha outros sinais tambem evidentes. A superficie delas porquanto divide-se em duas me-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

tades, a de baixo ocupada pelos altares de estilo primitivo, e entre êstes pelas pilastras caneladas com capiteis jônicos. Ora, sôbre a arquitrave destas, e dos altares, corre por todos os lados um cordão denticulado que deve ter sido o entablamento da mesma ordem jônica, e por isso entendo sem repugnancia, como seria a parte inferior, sobrevivente da cornija das pilastras, que de antes sustentavam a cimalha do této primitivo. A metade superior é ocupada por tribunas sôbre os altares, e grandes quadros de pintura sôbre as pilastras. Os capiteis do arco cruzeiro são corintios, e jônicos, como eu disse, os das pilastras. Significa isto que as pilastras, por não serem geminadas, como as de Ouro-Preto, não se puderam emendar até á cimalha do této novo; pois seria isto um desastre de estética, visto ficarem com o fuste estreitissimo em desproporção com a altura da parede. Por outra, não se lhes mudaram os capiteis, a efeito de uniformizá-las com os do arco; porque as pilastras, não tendo galbo suficiente para a ordem corintia, deixariam de ostentar a beleza jônica, que tanto as encomenda, e em verdade são explendidas, ao passo que a modulação do arco só podia corresponder á ordem corintia. Sôbre os corredores laterais, e a grossura das paredes antigas, extendeu-se o pavimento mais largo das tribunas; e nêste se notam os botaréus de reforço, que se levantaram de sôbre as mesmas paredes até o této, ao passo que nos intervalos, onde estão as tribunas, a parede adelgaça-se.

Ocorre enfim que o paramento das paredes do recinto são todas forradas de madeira, do chão até o sobredito cordão denticulado.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Os altares laterais de Antonio-Dias sete são perfeitamente semelhantes aos de Ouro-Preto, profusamente ornados de flôres estilizadas, folhagens, arabescos, e sem colunas, com poucos anjos, e alguns sem aves.

A diferença maior é que são mais elegantes, que seus congêneres, pois, tendo a mesma altura, 4,50m., são menos largos, 2,38m., e tambem mais rasos, e portanto mais á flôr da vista.

Uma outra analogia concorre é que em ambas as Igrejas, entre os laterais, ha um altar, que diverge dos outros, em Antonio-Dias: o da Assunção, em Ouro-Preto, o de Santo-Antonio; nos quais, em um e outro, se notam os símbolos peculiares só de todo alta-mór, assim no alto do timpano, como no sacrário, ali a Trindade, aqui a custodia, partes, que me levam a crêr, foram os altar-móres das primeiras capélas, que serviram de Matrizes. Além disso, os sacrários nesses altares têm a cavidade para se guardar a ambula com as hostias, e nas outras sómente a porta ficticia. Como quer que fosse, o certo é que o estilo igual, até na fisionomia dos anjos e das aves, indicando a mesma época, deixam presumir a mesma genealogia, como filhos da mesma familia. Na capéla-mór de Antonio-Dias ressalta maior diferença; porque, embora as paredes com o mesmo tipo de ornamentação, o altar-mór é mais moderno, e já tocando o estilo, que se atribúe ao Aleijadinho. A capéla-mór, com efeito, foi totalmente reconstruida em plena época da cantaria do Itacolomí, que brilha no arco do cruzeiro, o mais amplo da cidade; e no explendido supedaneo do altar. As paredes desta parte da Igreja, seguindo o modêlo da de Ouro-Preto, estão

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

recamadas de flôres e arabescos, e têm nos intervalos quatro tribunas explendidas e quadros com efigies de santos em tamanho natural.

O altar-mór, como era de esperar, desenhado em linhas francamente desenvolvidas, separa-se dos outros pela simplicidade relativa. Suas colunas ainda torcidas, provando não estar a gosto ainda de todo livre do baroco jesuitico, são contudo de maior diametro, mais altivas, e da ordem composita; e apresentam por único ornato nos caracóis do fuste vergonteas, e rosas em relêvo mais saliente. Cada uma em vez de pedestal, funda-se em tóros, e êstes em sócos de gola inversa.

Nos intervalos, que vão de cada coluna até ás pilastras ornamentadas, que rematam os angulos com as paredes, sobressái um nicho de cada lado que com o companheiro fórma duas peças simétricas de grande beleza; e os nichos firmados em volutas abertas como leques, terminam em doceis, sôbre os quais anjos graciosamente inclinados extendem os braços e abrem as cortinas.

No alto do timpano, encimando o retabulo, uma alegoria apocaliptica deixa-se vêr, ornato original decorativo que só vi nesta Igreja; e é uma fortaleza da qual surde uma aguia e por cima a corôa de rainha, significando o Christo nascido da Virgem, pelo que se veja nesta a soberana do Universo. O Apocalipse, com efeito, celebra o Christo, como aguia, separando com as garras o principio do bem do principio do mal; e não raro, se encontra esta alusão em pinturas medievais. E' êste o mesmo sentido que se deve dar á aguia, arrebatando nas garras o crescente invertido, como se vê no centro das ornamentações de

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

cada parede lateral. A aguia é Christo, o crescente voltado em minguante o mundo infiél.

No alto do trôno, finalmente, se vê a mais béla imagem da Conceição, que se possa desejar, mimo que em 1893, o coronel Cicero Pontes fez modelada pela Conceição de Murillo, e, como não á paróquia de Antonio-Dias. Essa imagem foi conheço sinão cópias desta, posso dizer sem receio que me objétem, ser fidelissima pelo menos as que tenho visto. Sendo de tamanho natural o vulto desta estátua da Virgem, maior é o seu encanto; pois nela se reunem todas as insinuosas fórmas adolescentes, mas em tão sutis lineamentos, que as tornam de configuração superterrena, como de um sonho elisio, ou de um delirio mistico. Creio mesmo que na pintura de Murillo a Virgem não é tão religiosa, como esta, que talvez por ser escultura, impondo-se mais á emoção, mais aviva a crença do inefavel mistério.

A Conceição, como se sabe, representa a Virgem antes de ser.

Ela ainda não era, sinão uma entidade paratipica do pensamento de Deus. A Conceição é, portanto, no mundo sensivel, o refléxo de um ideal Divino; e por isso a figura religiosa mais bela da poesia e da graça.

Ninguem deixará de pensar comigo contemplando a Conceição na Matriz de Antonio-Dias, templo digno de tão formosa imagem.

XI

O despotismo foi incontestavelmente o regimen da arquitetura. Não foi só nas margens do Nilo e do Eufrates, que os despotas, escravizando

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

povos, inventaram monumentos formidaveis em que êstes foram empregados.

Ainda agora se descobrem ruinas das grandes cidades romanas abandonadas no fundo da Numidia e da Mauritania. A China deixa todo êsse despotismo a perder de vista na sua colossal muralha.

Em Minas, porém, o despotismo, que bem podia no seu tanto ter deixado grandes coisas, não ha sinão o Palácio do Govêrno, que assinala a sua passagem, obra feita exclusivamente por conta do Rei. O ouro e os diamantes passavam o mar, e iam se transformar nas suntuosas fábricas do Patriarcal e do Mafra, realizando os sonhos megalomaniacos de D. João V. Posteriormente, em falta dêsse perdulário de mão cheia, o terremoto que destruiu Lisbôa em 1.° de novembro de 1755, foi causa que para ser ela reedificada chegassem os galeões pejados da América, e a América dêsse tempo eram as Minas. O que, pois, temos, deve-se á Camara de Vila-Rica, e esta dos tempos coloniais, á custa de seus rendimentos, não obstante o método fosse o mesmo, que se empregou na Assiria ou no Egito, embora aqui, em ponto pequeno, a respeito de obras públicas. Pela manhã saíam da cadeia atrelados centenas de galés e escravos fugidos, êstes, enquanto não eram reclamados, e até á tarde cumpriam suas penas de trabalhos forçados. Em todo caso, porém, as obras feitas pela Camara denunciam os grandes mestres feitores que as dirigiam. Ouro-Preto é a cidade do mundo mais farta de agua potável, sendo rara a casa que não a tivesse própria; mas ainda assim, nenhum quarteirão houve que não se dotasse de uma fonte pública, algumas das quais dignas de entrarem nêste inventário. O

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

chafariz do Largo de Marilia, o da rua dos Contos, o da rua da Glória, e outros, ao todo 14, mostram o espirito da Camara, em realizar sómente o melhor na espécie do que mandava fazer. O primeiro, além de seu frontespicio ornamentado, tem uma pia raiada de conchoides, sôbre a qual quatro carrancas deitam agua pela bôca, provocando o riso. A' direita dêsse chafariz, é que por uma pequena subida vamos dar na esplanada, onde está ainda, como era, a casa de Marilia; de cujas janelas se descortina o panorama encantador de Antonio-Dias, apinhado de torres, e de casas, não sendo de menor aspéto, a do dr. Claudio Manoel, e a da Ouvidoria. Nesta morou o desembargador Tomás Antonio Gonzaga, cuja figura surge em nossa imaginação, como se estivesse ainda na última sacada de onde avistava a noiva, que por sua vez o avistava da terceira janela da sua. O chafariz fica em frente á ponte de Antonio-Dias, que hoje se chama a ponte de Marilia.

A cidade não tem menos de sete pontes monumentais, verdadeiramente romanas. Mas a de Marilia, não é só porque suscite nalma a tradição daquêle romance, a em todo o caso envolvê-la num ar de saudade perêne; mas tambem porque é realmente uma grande obra, que se faz digna de menção. Ela do peitoril ao lume dagua tem 9,68m. de altura, e os dois arcos 7,40, sôbre 4,99 de diametro. No encontro o pilar executa um semicirculo de ambos os lados, de modo que o taboleiro, passando a rua pelo meio, alarga-se em dois planos redondos com bancos de pedra sacados do peitoril.

Este accessorio os antigos tinham o cuidado de não esquecê-lo em pontes, principalmente na-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

quelas de bairros populosos, como foi tambem a do Rosario.

Esta outra grandiosa ponte, de uma só abóbada, cujos saimeis pégam da margem, com 8,84 de diametro e 6,43 de altura, constitúe uma beleza do bairro. E' a primeira ponte, que o mesmo Gonzaga, enviando o passarinho á Vila-Rica para saudar a sua Marilia, recomendou que passasse:

Entra nessa grande terra
Passa a primeira ponte
Passa a segunda e terceira
Tem um palácio defronte.

Era então pelas Cabeças que se entrava do Rio onde o poéta estava preso na Ilha das Cobras. Posteriormente se mudou o caminho, que em vez de passar pelo Rodeio, vinha pela Itatiaia; e assim a entrada na cidade se fazia ou pela ponte da Barra, ou pela do Funil.

A da Barra com o seu aterro, formando uma rua inteira, tem dous arcos elevadissimos, e as mesmas semicircunferencias, e bancos, como a de Marilia, em ponto menor. Dos parapeitos desta ponte se avista a extensão da praia banhada pelo antigo corrego chamado Tripuí; no qual o mulato cozinheiro do bando, que andava á busca de indios, descobriu os granitos côr de aço, que determinaram o descobrimento de Ouro-Preto. A ponte deve estar assentada no terreno das datas concedidas a Antonio Dias de Oliveira, em 1700, a titulo privilegiado de primeiro descobridor.

Os que entravam pelo Funil saltavam a ponte, que hoje alargada serve á Estação da Estrada de Ferro. E' uma vasta abobada, nascida das margens, e sôbre a queda dagua, que ninguem dirá ser o famoso Rio Dôce.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

A ponte chamada dos Contos, pela qual se entra na rua de S. José, é outra obra de arte consideravel, e tem de melhor ser por onde a bem dizer toda a população da cidade quotidianamente transita. Foram-lhe rebaixados os parapeitos para darem fundamento ao gradil de ferro, que lhe tirou a feição primitiva, mas embelezou-a. O largo seguinte, excetuando-se a praça, forma o agrupamento mais vistoso da cidade, com seus prédios de fachadas imponentes, sobretudo o da antiga Tesouraria Provincial, regularmente edificado palácio, em cujo portico canelado se distinguem capiteis de acantos. O Liceu de Artes e Ofícios é de estilo americano moderno ornado de pilastras, janelas da Renascença, e uma platibanda com estatuetas alegoricas. O melhor deste edificio é lembrar o esfôrço dos operarios coroado de feliz êxito, e o nome de Miguel Triguellas, um artista, a quem se deve a obra de talha de S. Francisco de Paula.

Em frente ao Liceu fica o chafariz mais belo da cidade, hoje infelizmente soterrado do meio para baixo em consequencia do nivelamento, que foi necessario á calçada de paralelepipedos.

E' uma peça monumental, ornado de duas enormes volutas, invertidas com cimalhas molduradas, e o frontão terminado em grandes pinhas de gomos. A canalização das aguas feita em 1887-1889, distribuindo-as pelas casas, deixou os chafarizes inutilisados, de modo que os vemos por aí como puros monumentos da grandeza histórica da cidade. Como este o da rua da Gloria contem disticos latinos. A fachada deste ultimo é retangular e imponente de estilo toscano puro.

O distico daquele em curiosa epalage latina quer dizer: "povo, que vais beber, louva de bôca

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Chafariz da Praça dos Contos
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

cheia o senado, por que tens sêde, e êle faz cessar a sêde".

Is, quoe potatum, cole, gens, pleno ore senatum, securi ut sitis, nam facit ille sitis.

Este chafariz foi feito em 1760, e o da Gloria em 1839, podendo aqui se notar a diferença de estilo, que o tempo já operou, dando ao da Gloria a feição puramente romana.

XII

Vila Rica, a perola preciosa do Brasil, como enfaticamente a chamavam os portugueses, querendo se colocar ao nivel das mais notaveis do Reino, acertou de ter um paço condigno á sua fama de opulencia. O municipio no velho regime era, como se sabe, uma republica local, organismo eletivo, e autonomo, que legislava, administrava e julgava, cujo conselho ou camara compunha-se de seis membros, dous juizes, três vereadores, e um procurador, êste sem voto, mas com o poder executivo em toda a extensão. O juiz mais moço substituia o mais velho, e os vereadores cada um por ordem de idade *vereava* no seu ano:

Verear queria dizer andar pelo termo da Vila ou cidade indagando e conhecendo as necessidades publicas. Os juizes não *vereavam*, mas administravam a justiça em toda a plenitude do poder civil ou criminal até que o Rei entendeu de criar os Juizes de Fóra, inovação que provocou tumultos das camaras nas côrtes do tempo de Affons V. Julgou-se um atentado a intervenção de sua Altesa no poder judicial exercido pelas Camaras nos seus termos ou pelos senhorios territoriais, ricos homens, barões, bispos, condes, e ou-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

tros titulares da nobreza. O Rei entretanto vinha sustentado pelo povo, que era vitima da justiça feita por êsses potentados, e data dêsse tempo a inovação do — "aqui del-Rei!" pela qual o vassalo oprimido gritava o socôrro de seu protetor mais poderoso, que o perseguidor. Debelada a resistencia, as alçadas se criaram, certas causas de pouco valor ficando para o juiz ordinario, ou da terra, e as mais para o Juiz de Fóra. As camaras entretanto continuaram na sua obrigação anterior correlata ao direito de punir, dando assistência aos indiciados, promovendo-lhes a defesa, quando miseraveis, pagando as custas, quando absolvidos, e sustentando-os na cadeia, quando condenados; sinão tambem fornecendo o material para a execução das penas. Além disso a Camara havia conservado intacta a sua jurisdição em delitos policiais ou administrativos e podia julgar e prender os incursos nessas especies de culpa. A cadeia por tanto era da Camara, e, si havia prisões do Estado, que pertenciam ao Rei, nelas não se metiam os presos comuns, e sim sómente os politicos.

Em geral o pavimento superior dos paços do Conselho reservavam-se para os serviços da camara, e o de baixo para as enxovias.

Outra insigne obrigação das camaras era a vigilancia contra inimigos externos, ou grandes calamidades. A efeito dessa obrigação nenhum paço municipal deixava de ter a sua torre de vigia (almenaras) para dar o sinal de alarme (ou rebate), logo que ao longe se avistava o perigo, fôsse de invasores estrangeiros, ou de senhorios vizinhos, incluindo-se mesmo os homens del-Rei, se vinham fazer violencia aos forais. A torre ficou portanto como distintivo e caracteristico das casas do conselho. As Igrejas na Idade Média to-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Porta principal da "Casa dos Contos"
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

maram torre para o mesmo efeito, onde não houvesse casa municipal; e em ambos os casos o uso dos sinos introduziu-se, e ficou para até hoje ser empregado a outros expedientes. E' a razão, por que a fachada do Paço municipal e cadeia de Ouro Preto exorna-se com a bela torre, que tanto a recomenda, como obra de arte.

Começada a sua construção em 1785, parece-me que o seu desenho se deve atribuir ao dr. Antonio Ferreira de Souza Calheiros, e não, como eu mesmo já pensei mal guiado, ao Sargento-Mór José Fernandes Pinto de Alpoim. Quem confronta o estilo da Casa dos Contos com a Cadeia reconhece a igualdade do lapis que ambos os edificios delineou.

Ora a casa dos Contos foi edificada por ordem e á custa de João Rodrigues de Macedo, contratador dos Quintos e mais impostos reais, sendo propriedade dele tanto, que foi confiscada pelo Erario em 1803 por alcances verificados.

A casa portanto, nem siquer podia ser sonhada em tempo de Alpoim, sinão no de Calheiros, quando figura em ordem do dia a pessoa tambem de Macedo.

O dr. Calheiros deu igualmente em Mariana o desenho da Igreja do Carmo, e da casa do Aljube da Sé ficando as torres do Carmo com semelhança ás do Rosario de Ouro-Preto, e a portalada do Aljube semelhante a dos Contos. E' certo que Alpoim deu um desenho para a Cadeia, que a Camara de Vila-Rica desejou construir em 1747; mas essa cadeia não chegou a termo de nascer.

A atual cadeia é de fato uma obra monumental, que exprime já um grande progresso arquitetonico. Nêsse edificio triunfa á toda luz a pedra açafroada do Italocomi com as suas veias e man-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

chas avermelhadas em fórma de arabescos e rosaceas.

O envasamento de um metro de altura, em paralelepipedos de aparelho regular e em fiadas horizontais correspondem aos cunhais de dados em taluade, que em pedras do mesmo talho enfiadas verticais sobem até a cimalha apresentando o remate jonico; e do mesmo feitio as pilastras.

Divide-se o frontespicio em três paramentos com janelas de sacadas no segundo andar, e de peitoril no primeiro.

Na facha do centro dividida pelas pilastras três robustas colunas jonicas sôbre bases aoticas, com os fustes interiços de 1,80m de circunferencia, e todo o galbo de 4,73 de altura, sustentam o entablamento, sôbre o qual se assentam as soleiras de 3 janelas.

Nos dous intercolunios duas portas romanas de arcos perfeitos dão ingresso ao átrio interior. A escadaria é uma peça gigantesca com corrimão moldurado e ornado de pinhas em torçais. Sôbre essa facha, e fazendo lado com a cimalha formase o frontão triangular, sôbre cujo plano canelado em conchoides irradiantes aparecem em relevo as armas imperiais.

O frontespicio, porém, começa a ser grandioso desde a escadaria externa, que sobe para o patamar do portico, ampla, suave, e guarnecida de balaustres de pedra azul.

Igual balaustrada percorrendo as quatro platibandas do edificio, deixam surgir em cada canto uma figura simbolica, representando a Justiça, a Lei, a Temperança e a Fôrça. A torre perfeitamente equilibrada no centro da fachada apresenta uma altura proporcional a dous terços da

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Escada da "Casa dos Contos"
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

face do edificio, que é por sua vez de 17,50m. sôbre 42,8 de comprimento em cada lado. E' um retangulo enorme dentro do qual se abre um pateo que areja e ilumina o edificio. Não ha um só portal, uma só coluna, quer no exterior, quer no interior, que não seja um monolito da mesma cantaria.

Em acôrdo com o regime estabelecido em 1825 a Justiça ficou toda pertencendo ao Estado, e portanto os presos. A Provincia, portanto, obrigada a mandar vir para Ouro-Preto os condenados de todos os Municipios, auxiliou os concertos e acomodações da cadeia, renegando todavia fazer certas despesas, que envolvessem obrigações de proprietario. Em 1860, como o numero de presos excedesse a lotação das enxovias, o govêrno Provincial acertou de adquirir o predio da Praça, onde está hoje a camara, dá-lo á esta em usufruto, e ficar de posse da cadeia, na qual converteu em prisões as salas, que a Camara ocupava.

O edificio da cadeia, portanto, é pertencente ao Municipio de Ouro-Preto, como se demonstra até pela forma, como foi desenhado e tambem por constantes nunca interrompidos costumes e documentos. E' certo que Ordens Regias umas sôbre outras vinham para se fazer uma cadeia; mas não para os governadores a fazerem e sim a camara. O interêsse do Rei para ter onde alojar os seus presos apertava com o Municipio a construir o alojamento dos seus.

Os governadores auxiliaram indiretamente a obra, mas a regular pelo Capitão General Luiz da Cunha e Menezes, êsses auxilios não foram de dinheiro, e sim de serviços, a que se coagiam os forçados, os vagabundos, e os negros fugidos, concorrendo a camara com os seus rendimentos, como se

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

lê nas *"Cartas chilenas"* que a respeito dêsse governador e da obra da cadeia, diziam:

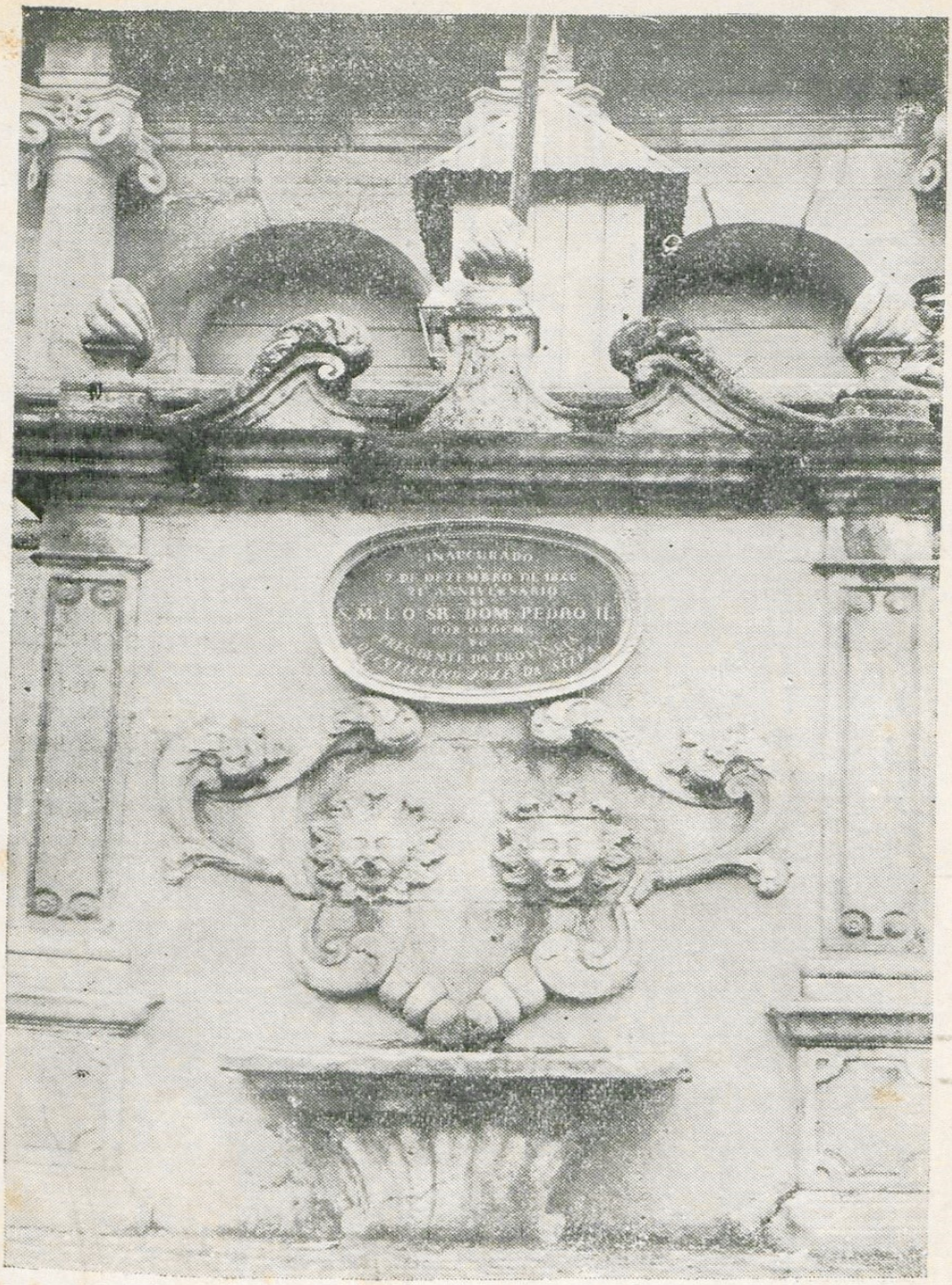
Para haver de suprir o nosso chefe
Das obras meditadas as despesas
Consome do Senado os rendimentos.

O Presidente do Estado dr. João Pinheiro da Silva mandou finalmente converter a Cadeia masmorra, em *Penitenciaria*. O edificio com algumas alterações ficou dividido em dormitorios, oficinas, escola, armazens, cozinha, refeitorio, banheiros, em fim em ordem ao novo destino. Como se sabe, os sistemas penitenciários, que se tem inventado, falharam na pratica para os fins, que se desejavam. O misto, que se combinou para atender as proporções do edificio, que não foi feito para o caso, tem satisfatoriamente resolvido o problema, devido isto á dous elementos: ao govêrno que sabiamente tem provido á todas as necessidades, e ao atual Diretor dr. Antonio Goulart, que mantem na casa a maxima disciplina e bôa ordem.

No ano de 1910 a receita das oficinas importou em 146:082$443 e a despesa total da Penitenciaria em 153:987$026. O *deficit* de 7:904$583, como se vê, é nada em vista do que custariam os presos sem trabalho, sem ensino, sem moralidade, quand oprevalecia o sistema de amontoá-los em enxovias para apodrecerem no ócio e na imundicie maltratados e nús. Vivem agora no trabalho habilitando-se em oficios, bem vestidos e bem alimentados, limpos e numa casa higienica. Meu proposito aqui era mencionar oficinas em que obras de arte já se fazem dignas de atenção.

Tendo eu falado na casa dos contos, devo incluí-la no inventario das obras de arte da cidade. E' um palácio todo de cantaria colorida, e de es-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS



Chafariz da "Penitenciaria"
Ouro Preto

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

tilo, como o da Cadeia, propositalmente feito para repartição publica, tal como era a do *Real contrato*.

Ele tem ainda nos fundos a gigantesca chaminé da fundição do ouro, e no alto do telhado um mirante, que servia para dissimular uma escadaria, que de lá desce para os subterraneos.

Os esplêndidos cunhais de feição dorica apresentam quinas sinuosas, que amenizam a sua austeridade, assim como em quarto de circulo as vergas das janelas e portas. As janelas da frente, sacadas no andar de cima, e peitoris nas de baixo, são todas coroadas de cimasio moldurado, e tanto a janela do centro, como o portico se distinguem por esses ornatos mais salientes. As umbreiras do portico sôbre dados sem base são ornadas com dois flroões de conchoides decrescente, em fórma de asa; mas unidas em cima por volutas ás impostas da verga, igual sendo o ornato decorativo da janela superposta, que fica tambem no centro da fachada, entre quatro outras de cada lado. A cornija do altico percorre todo o edificio, que é altissimo na parte que se funda ao nivel do corrego.

Sete janelas de peitoril em cada lado rasgam a claridade para o interior do edificio, onde vastos salões o repartem, e se comunicam por portas igualmente arqueadas de cantaria inteiriça. Ao lado exterior esquerdo, de quem sai do edificio, ha três aberturas irregulares naturalmente assim dispostas a razão de segurança.

Na claraboia do meio gradeada a luz desce para o compartimento terreo, onde esteve preso e deu-se o intitulado suicidio do dr. Claudio Manoel da Costa, na noite de 3 para 4 de julho de 1789.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Do portico e duas janelas corre nessa largura até a saída para o pateo um vasto saguão, que tem á direita a escada monumental, de dois lances, entre os quais se estende um pequeno patamar. Passando-se por baixo deste, dá-se com a porta daquele compartimento, no qual eu, sendo adolescente, vi ainda a prateleira de cedro, onde se diz que foi encontrado pendente de uma cinta o suicida. A versão extravagante de ser o vão da escada o lugar da prisão e morte do infeliz poéta Inconfidente, é uma interpretação da noticia concisa, que se dava do sitio, debaixo da escada, por ter a porta infra o dito patamar. O introdorso escuro dos degraus de pedra núa não dava para as atacaduras da cinta, nem para se ter o corpo em pé, quanto mais pendurado.

Havia no salão nobre deste palácio uma série de quadros ricamente encaixilhados com retratos, obras de arte bem recomendaveis, que desapareceram, assim como os magnificos moveis de talha, mesas, cadeiras estofadas de espaldar setecentistas, que foram para Belo-Horizonte.

XIII

Duas obras de arte possue a cidade, consagradas ambas á memoria de Tiradentes: a estatua na praça, e um quadro no salão do Paço Municipal.

Em 1865 o povo, como já disse, erigiu uma coluna comemorativa aos Inconfidentes, colocada em frente ao Paço da Assembléa Provincial. A titulo de formosearem a praça, tentaram em 1894 deitá-la abaixo; mas como Presidente da Camara, que fui, não consenti. O vandalismo, porém, se consumou, quando saí.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

A atual estatua foi decretada pela Constituinte Mineira em 1891, e inaugurada em 21 de abril de 1894. Aceita a proposta de Virgilio Cestari, este mandou executar as peças de granito no Rio de Janeiro e as de bronze no estrangeiro. Para o desenho tal, como foi concebido, retangular e de quinas vivas, nenhum material com efeito conseguiria a nitidez, de que o granito do Rio é capaz, e nem outra pedra poderia como êle conservar o monumento sempre novo, como convem.

De mais, a situação episodica do personagem, tal como foi escolhida, teve por consequencia uma estrutura, que ferisse impressões agudas sem alivio de ornatos, profundamente pateticas, quiçá irritantes.

Neste sentido o desenho tinha forçosamente que obedecer á fórma, que mais singela fosse, e recorreu á toscana com as suas dimensões, pelo carater severo e pesado, que a reveste. Examinado, pois, o delineamento das figuras integrantes do monumento, achamos corretissimas as proporções e o balanço perfeito.

Em virtude do declive do terreno a estatua ficou sôbre dois plintos engenhosamente superpostos, e o equilibrio das partes começa pela altura do monumento, que é duas vezes maior que a largura do inferior. Medindo-se em seguida a altura, que sóbe do sôco do primeiro plinto á cornija do entablamento, sem a estatua, acharemos justamente os 11 diametros e pouco ou os 22 modulos e 2 minutos da ordem toscana. Além destas medidas se nota que a largura do dado é igual á altura da base da coluna, e que salvo no fuste cada uma quantidade modular passa por um friso, sendo que no proprio fuste o primeiro terço assina-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

la-se por um colarete, sôbre o qual as quinas sobem abatidas até o capitel.

O monumento dividindo-se em duas metades, a primeira está preenchida das grandes peças estruturais até a cornija do pedestal, a superior só contem o fuste e a estátua. Esta distinção tira-lhe o ar de familia, que se encontra em congêres; mas não deixa de nos agradar, pois coloca a figura do heróico personagem em uma revelação condigna, desde que, não se tendo podido obter uma expressão realista, o simbolo adquire situação mais nobre. Entretanto, fôrça é confessar que o episodio escolhido não foi feliz. As estátuas representam em qualquer país uma sintese histórica personificada em certo e determinado protagonista; e este convem que seja esculturado num gesto culminante de sua intervenção decisiva no desenlace da situação. Ha estátuas simbolistas, como a da Republica Francêza em Paris para ensinarem históriaem virtude de seus grupos alegoricos, ou baixos relevos instrutivos do patriotismo.

Ha estátuas realistas, que só por objéto requerem a semelhança, verdadeiros retratos de bronze ou de marmore, como as que estão em uso no Rio de Janeiro, nas quais os maiores homens sem um gesto, mais que a *pose,* estão confundidos em ornatos decorativos de praças e jardins na classe das *hermas.* Ha estátuas tambem nas quais o personagem entra sómente como pretexto de uma gloria nacional, e como exemplo copioso da educação popular, seduzindo o instinto da imortalidade propria pela imortalidade da patria. A Joanna d'Arc ultima em Paris não está na fogueira, e sim a cavalo vestida de armadura, e empunhando a bandeira dos combates. E' uma esta-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

tua que concita o patriotismo em defesa da França.

Eu preferia um Tiradentes vestido com suas roupas ordinárias no momento, por exemplo, em que intemerato e nobre bateu no peito declarando aos juizes truculentos: "sou eu só o responsavel, e seja eu só condenado!"

O episodio funesto da estátua envolve um Tiradentes humilhado pietista, e sem atitude dramática.

Este parecer, que só por mim e para mim vem ao caso, creio estar ainda mais agravado pela condescendência, com que sem justificação foi o estatuário dispensado de encher os oitos cunhais do monumento com os prugos e simbolos constantes do desenho oferecido e contratado. Bem claro é que nesses ornatos se incluiam idéias e pensamentos, com os quais, preparado o espirito, subiria ao capitel a efeito de contemplar o sacrificio do mártir. Uma tal redução pôs em excesso a rigidez das massas angulosas e núas de granito; converteu-as em figuras áridas; e tornou o monumento uma espécie de ruina assiria, ruina todavia precoce, intempestiva. O patriotismo, porém, que admira o grande mineiro precursor da Republica, presumo, não deixará de completar o pagamento sagrado de uma divida.

Nos primeiros dias da instalação do novo regime, ao passo que surgiam muitos parentes e afins de Tiradentes, outros tantos poétas e pintores, servindo-se da liberdade concedida por Horacio, nem sempre refletiam no que estavam autorizados. Não ha revolução que não tenha sua veia de ingenuidade em crer, e outras vezes fecha os olhos só para ouvir. E' assim que anima tudo e

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

tudo aceita que fortifique o seu lado heróico, e apressa-se em ser mais dinasta, que as dinastias. Os artistas em sua bôa vontade sacrificam de sua parte o talento ao entusiasmo; e nesse caso me parece que devo sacrificar o quadro, que está no salão Municipal.

O episodio escolhido foi mais feliz, que o da estátua, revivendo a cena ultra-comovente da famosa madrugada de 21 de abril, quando os onze réus condenados á morte, tendo passado a noite em Oratorio para serem nesse dia executados, reunidos estavam na sala, afim de ouvirem a sua missa e fazerem a ultima comunhão, eis que se lhes abriu a porta, e surgiu dela o Desembargador Francisco Luiz Alvares da Rocha, Escrivão da Alcada, trazendo em mão um papel, que vinha lêr. Suspensos os animos, ouvida a leitura, estava a pena comutada em degredo a todos, menos ao Tiradentes.

Como se póde avaliar, foi um golpe de efeito teatral, premeditado até pela Rainha, para surpreender os infelizes em meio de tantas torturas; e nem conheco igual ao cenario da história.

Nestas condições o quadro apanhou a catastrofe no mais agudo de seu patético.

Se Leonardo da Vinci levou doze anos a pintar a *Ceia*, muitissimo dificil seria tratar em doze dias o assunto deste quadro. Para dar a cada personagem o seu caracteristico, o seu movimento, o seu colorido, só um estudo sereno e aturado das tradições, dos documentos, e da situação chegaria a bom êxito. Nos quadros históricos o elemento realista é quem fornece o desenho, que não pode deixar de ser classico. O romance não tem que entrar sinão ao de leve nos *detalhes* acessorios. E si os fatos são recentes, a dificuldade sobe de pon-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

to, exigindo que a fisionomia dos personagens concorra para a expressão dos sentimentos e paixões, ao passo que na representação dos fatos antigos é a pscologia de cada um estudada nas relações escritas, que imprime no fisico as feições do personagem. Messonier por certo gastou mais talento em nos dar o seu "1814" figurado em Napoleão 1.c, seus marechais, e os regimentos de infantaria através as planicies geladas da Russia, que *Gerome* os seus "*Gladiadores*" ou Laurens a sua "*Excomunhão do Rei Roberto, o Piedoso*". São tipos cujos traços reais se apagaram irrevogavelmente.

Sabemos que o Tiradentes foi um homem, loquaz e impaciente, alto, magro e nervoso, de rosto comprido, ângulos salientes; olhos azuis e inquiétos; cabêlos quasi louros e rarefeitos com a barba da mesma côr. Não é portanto o Tiradentes do quadro, figura mediocre, feição arbitrária, sem vislumbre ao menos de sua situação mental. E' certo que a seu confessor declarou, o que êle teria declarado no momento: considerar-se satisfeito por ser o único a morrer deixando seus amigos aos menos com vida; mas não deu a declaração os tregeitos de Sócrates a bebêr da cicuta.

O Gonzaga no quadro, não é tambem o poéta de Marilia transformado em mártir, e ainda menos o intelectual na miséria, do repente esperançado. Sabe-se que foi um homem de estatura mediana, de bom porte, cabêlos louros, olhos azuis Nada tinha pois do semelhante quasi apático, que se lhe atribue. O José Alves, moço, cientista, apresenta-se num tipo do rústico indiferente ao golpe dramático da ocasião; e o Rezende Costa filho, que já era adulto, e acadêmico, vem aí nos ademanes e traços de qualquer campônio. A fi-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

gura mais simpática do grupo, o generoso Nicoláu, fiel escravo de Domingos de Abrêu Vieira, merecia o tipo africano mais puro, com a fisionomia agora mais desatada, em tons de alegria, vendo a pessôa do senhor, que amava, livre da morte. Enfim a única figura que salva a situação, é de Domingos Vieira, velho e trêmulo, atirando-se com âncias de ouvir a leitura, como quem busca um ar que respire, e lhe faltava. Nesse grupo de presos estava a fina flôr de Vila-Rica, seus literátos distintos, poétas como Gonzaga e Alvarenga, e todavia em nenhum se nota a feição, que em geral se amaneira nos hábitos, nos meios de vida, nos trabalhos de cada um.

Esta falta de impressões e movimentos corre entretanto por conta dos acessórios românticos da cena. Os presos achavam-se em oratório, livres de ferros e grilhões, á hora do ofício divino. Todos daí a pouco iriam vestir a alva dos penitentes em marcha para o patíbulo. O artista carregou-os a todos de cadêias, pés e mãos, e vestiu antes do tempo o Tiradentes. Quís lucrar com o horror dos olhos, o que a verdade, primeira condição da arte, perdeu e descontou ao justo sentimentalismo do episódio. Ora somos mais propensos numa téla a procurar antes a alma, que o corpo dos personagens.

Os toques da emoção moral seriam vivamente revelados, si os homens estivessem, como estavam, na conjuntura desembaraçados de ferro.

O pessoal presente, os frades propositalmente nédios e robicundos, um deles agaichado, dando um sinal desnecessário depois da leitura, enfim o próprio Desembargador apontando com o dêdo a cousa que tinha lido, vê-se, constituiu um conjunpara um cenário puramente convencional, simbo-

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

lista, mais do que natural e histórico. Não discuto a indumentária que aliás está bem tratada. Em compensação, por visto, como a cena se passou pouco depois de amanhecer em Abril, a luz me parece tinha de invadir o interior pelas fréstas e janélas da sala convertida em Oratório; e nesse sentido, entrando em luta com o desmaio dos cirios e da lâmpada, convinha ser distribuida, e graduáda.

As mães se foram retratistas a iconologia das crianças não seria a chapa indistinta, que conhecemos. Cada menino teria no seu semblante, e no seu modo, o segredo, que o faz particularmente gracioso e o anima. Os artistas que trataram o Tiradentes, ou o seu assunto, si fossem mineiros, o amôr teria guiado o talento, que embora de primeira ordem não soube conhecer nem penetrar no íntimo os acontecimentos, como só nós podemos avaliar, visto sermos órgãos da tradição e das lendas, que nos foram transmitidas junto as fontes da história.

XIV

A Santa Casa de Misericórdia, conquanto não se possa incluir entre os grande monumentos estéticos, com direito deve entrar para êste inventário. E' um prédio vasto, e si não se diz um primôr de arte, satisfaz no seu conjunto, equilibrado e bem disposto, á divina missão á que se destinou.

Extensa e nobre a sua fachada, na qual se rasga o vão de 14 janélas de sacada, e outras tantas janélas e portas ao réz do chão, corresponde em proporções aos fundos, e as dependências. Si não prima em explendores de cantaria ou de mar

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

mores, é todavia um edifício sólido e rigorosamente adaptado aos fins, á que se propõe.

Seus grandes salões, corredores, e mais compartimentos são espaçosos arejados, batidos de sol, e higiênicos. Melhores elogíos porém, arrecadam aqui os médicos humanitários e as santas enfermeiras, que exercem nesse recinto sagrado o ministério da caridade.

A primeira Casa de Misericordia na Vila teve o seu hospital próprio em tempo de Gomes Freire, no local, onde está hoje o Forum. Era um edifício construido com ar jonico sob o desenho anterior de Manoel Francisco Lisbôa, pae do Aleijadinho.

Posteriormente o Govêrno passou o hospital para a rua nova instalado no velho Palácio que possuia para hospedar os Bispos de Mariana, quando vinham ás solenidades em Vila-Rica. Nesse Palácio faleceu a 15 de junho de 1793 o Bispo Frei Domingos da Encarnação Pontevel.

Acanhado, como se tornou êsse prédio, Santa Casa transferiu-se para a Chacara do Xavier, onde está depois de ser aumentada em mais da metade. Das 14 janélas de frente as 7 últimas pertencem á obra nova. Além disso construiu-se toda a ala da esquerda, e se fiseram os jardins e hortas, além das pequenas casas visinhas.

A entrada para a capéla e o pavimento superior se faz ao lado direito, onde está o pórtico, encimado por um emblêma Eucarístico, e debaixo do ângulo, que suspende o oitão em forma de timpano. O pórtico abre-se para uma esplanada, que serve ao portão, sôbre o qual erigiu-se uma tôrre para os sinos, que, dando ao conjunto um aspéto gracioso, presta-se tambem a ornato, com

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

os seus cunhais de alhêtas uniformes e a platibanda ericida de pequenos obeliscos.

A Escola de Farmácia, por sua vez, possue o seu edifício próprio, de construção moderna, amplo, de um só pavimento.

E' situado na rua do Jangadeiro, e tem a fachada olhando para o Nascente. De lado tem 8 janélas e de frente 12, todas largas e altas encimadas por vergas de volta inteira. No meio da fachada entre duas pilastras cunhadas de listéis, semelhantes as que serve mde pés direito, avança o frontespício do pórtico, sôbre uma béla escadaria de degráus curvelíneos.

Nesta parte e sôbre as pilastras assenta-se o frontão triangular, que irrompe o ático, sendo êste composto de platibandas com modilhões, e de fachas molduradas, que cercam todo o telhado: A Escola dispõe de vastos salões para aulas, gabinêtes, musêu, e laboratórios, com aparelhos os mais aperfeiçoados. Esta Escola foi instituida anteriormente ao Ato Adicional, e por isso logrou subsistir, sendo a mais antiga do Brasil depois da do Rio e da Baía. O ensino ministrado a milhares de moços, que sáem preparados com esméro, tem concorrido imensamente para o bem estar da população mineira.

Deixando de parte o escrúpulo de incluir neste inventário edifícios sem valôr artístico, justifico-me de mencionar o nosso pequeno, quasi grotêsco teatro Municipal; mas êle foi o primeiro que se construiu na America do Sul; e por isso importa conserve, como reliquia do amôr de Vila-Rica pelas Musas do palco. Devo, porém, dizer, que a primeira noite, que nele entrei, foi para ouvir a Diva Candiani em trechos da "Norma", isto em 1855 !

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Neste gênero de edifícios, que se encareçam pelo seu lado puramente histórico, a cidade poderia encher volumes; mas não é o meu ponto. Não ha com efeito rua, nem casa, que seja omissível numa revista literária tendente a relacionar as recordações ligadas ao movimento dramático da história nesta povoação, da qual fiseram parte os eminentes e mais notáveis vultos do passado. Aqui nasceram todas as artes inclusivé a imprensa; a música floresceu inspirada em compositores e mestres, a pintura em genios nativos; a poesia nos mais extraordinários vates.

Daquí sairam enfim os primeiros mártires. Não ha portanto casa ou rua em que não vibrem recordações as mais caras de um povo. Como nos cantos de Ossian refulgem nestas montanhas os luares da tradição e das lendas, e retocam-se de alegria as auroras do novo século. Cidade que foi o cérebro organizador da casa mineira, oficina das leis e da ordem, é o maior monumento de seus monumentos. Quando mesmo a fatalidade das circunstâncias fisesse um dia eclipsar a civilização bastaria o testemunho mudo de nossas ruinas para se reatar o passado ao futuro, e o povo mineiro achar o segredo perdido de suas energias.

Si as nossas estátuas são guardas mudas, mas vigilantes da liberdade, as nossas torres, os faróis luminosos que hão de entreter o culto do passado, na marcha animosa do porvir, afogentando o cepticismo e guiando as crenças de vossos destinos.

Agua-Limpa, julho — 1911.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Indice das materias contidas nos oito primeiros volumes desta "Revista"

Do 1.º volume:

	PAGS.
Duas palavras	1
Discurso proferido pelo academico presidente dr. Eduardo de Menezes, na sessão inaugural, em Juiz de Fóra .	3
Discurso proferido pelo academico José Eduardo da Fonseca, na sessão inaugural, em Belo-Horizonte, a 24 de janeiro de 1925	23
Discurso do academico Alvaro da Silveira, presidente da Academia, na sessão extraordinária de instalação em Belo-Horizonte	27
Elogio de Thomaz Gonzaga pelo academico Mendes de Oliveira, na sessão de 2 de janeiro de 1916	29
Elogio de Santa Rita Durão, pelo academico Carlos Góes	39
Discurso pronunciado na sessão inaugural da Academia, a 13 de maio de 1910, em Juiz de Fóra, pelo academico Nelson de Senna	49

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

PAGS.

O naturalista frei Conceição Velloso — memória lida pelo academico Alvaro da Silveira, a 7 de novembro de 1915 61
Traços biográficos do dr. Joaquim Felicio dos Santos, pelo academico D. Joaquim Silverio de Souza . . . 75
Traços biográficos de Aureliano Pimentel, pelo academico Lindolfo Gomes 103
Elogio de Barbara Heliodora pelo academico João Lucio, a 6 de fevereiro de 1916 135
O Marquez de Sapucaí — elogio pelo academico Mario de Lima, a 5 de setembro de 1915 162
Discurso de recepção do academico Noraldino Lima, a 3 de agôsto de 1919 183
Discurso do academico João Lucio recebendo oficialmente o academico Noraldino Lima 203
Relatório apresentado pelo Presidente Mario de Lima, a 31 de dezembro de 1921 215
Estatutos da Academia Mineira de Letras 219
Eleição da Diretoria — 1923-1924 . . 222
Expediente 225

Do 2.° volume:

Discurso de empossamento do academico Agrippa de Vasconcellos, na sessão de 11 de maio de 1923 5
Discurso do academico Carlos Góes, na sessão de 11 de maio, recebendo o academico Agrippa de Vasconcellos 35

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

PAGS.

Discurso de empossamento do academico Almeida Magalhães, a 11 de maio de 1923 51

Discurso do academico Alvaro da Silveira, recebendo o academico Almeida Magalhães 85

Discurso de empossamento do academico Anibal Mattos, na sessão de 15 de agôsto de 1923 96

Discurso do academico Navantino Santos, recebendo o academico Anibal Mattos 131

Discurso do academico Noraldino Lima, na sessão de 27 de setembro de 1924 141

Discurso do academico J. A. Nogueira, lido pelo academico Noraldino Lima, a 27 de setembro de 1924 145

Discurso do academico Paulo Brandão, recebendo o academico J. A. Nogueira 151

Do 3.º volume:

Expediente (Diretoria) biênio 1925-1926 I

Sócios correspondentes III

Relação das cadeiras, seus titulares e patronos VII

Biografia de José Eloy Ottoni, pelo academico Nelson de Senna 3

Biografia do Visconde de Araxá, pelo academico Albino Esteves 41

Biografia de Arthur França, pelo academico Aldo Delfino 61

Biografia de Xavier Veiga, pelo academico Carmo Gama 73

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

PAGS.

Perfil biográfico de Manoel Basilio Furtado, pelo academico Olympio de Araujo 153
Azevedo Junior, discurso do academico Noraldino Lima, ao inaugurar-se a herma do saudoso jornalista . . . 177
Elogio de Evaristo Ferreira da Veiga, pelo academico José Eduardo da Fonseca 183
Sinhá Flôr (cap. de romance) de João Lucio 197
Bernardo Guimarães — fragmento biográfico, pelo academico Dilermando Cruz 93
Biografia do Conde de Prados, pelo academico Eduardo de Menezes . . 99
16.º aniversário da Academia — Alocução, pelo presidente Carlos Góes . . 149
Aureliano Lessa — Conferência pelo academico Agrippa de Vasconcellos . 155
Silva Alvarenga — discurso de empossamento, pelo academico Abilio Barreto 181
Posse do academico Abilio Barreto — discurso do academico João Lucio . 215
Affonso Arinos — discurso pelo academico José Eduardo da Fonseca . . . 233
Suavidade da língua portuguêsa do Brasil, Carlos Góes 237
Mensagem lida em sessão extraordinária de 24 de agôsto de 1926, pelo representante da Academia Fluminense de Letras 243
Discurso pelo presidente Carlos Góes . 249
Estevam de Oliveira — biografia, pelo academico Abilio Barreto 257

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

PAGS.

Do 5.º volume:

Quadro social 6
Sócios correspondentes 7
Relação das cadeiras, seus patronos e atuais titulares, bem como respectivos endereços 8
Discurso do academico Mario Mattos, quando deputado, na Camara Estadual, sôbre premios literários . . 9
Mecenas — clinica do academico Carlos Góes, publicada na *poliantéia* em homenagem ao sr. presidente Antonio Carlos 15
Claudio Manoel da Costa — notas biográficas 20
Biografias de patronos 47
Notas para a biografia de D. Beatriz Francisca de Assis Brandão . . . 49
José Basilio da Gama — biografia . . 55
Conferência histórica do academico Abilio Barreto sôbre o fundador do Curral-de-El-Rei 67
Necrologia do sr. Diogo de Vasconcellos — discurso pelo academico deputado Nelson de Senna, na Camara Federal 95
Confederação das Academias de Letras, crônica do dr. Mario Mello . . . 111
Um quadro atual da mentalidade brasileira, entrevista do dr. Mario Mattos a "O País" 117
Discurso de empossamento do academico Mario Mattos 125
Discurso do academico Noraldino Lima, recebendo o academico Mario Mattos 157

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

PAGS.

Relação das cadeiras 5
Cerimônia de posse da nova Diretoria da Academia Mineira de Letras . . 9
Vida Nova, novela do academico Paulo Brandão 179
Adeus da turma — discurso de formatura do academico João Lucio 193
Bernardo de Vasconcellos — estudo pelo sr. Gustavo Penna 223
Notas para a biografia de José Maria Teixeira de Azevedo Junior, pelos srs. Sandoval Campos e Amynthas Lobo 235
Natal de um triste — dois sonetos do academico Abilio Barreto, páginas 240 e 242
Notas para a biografia do padre Mestre Corrêa de Almeida 243
Notas para a biografia de Arthur Lobo 245
Notas para a biografia de Lucindo Filho 251
Notas para a história da Academia Mineira de Letras 352
Conselheiro Francisco de Paula Candido — estudo biográfico, pelo academico Nelson de Senna 261
Relatório da administração Carlos Góes — 1925-1926, correspondência . . 286
Indice da matéria contida nos 4 primeiros volumes da Revista 287

Do 6.º volume:

Quadro social 3
Sócios correspondentes 4

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

PAGS.

A homenagem da Academia Mineira de Letras á memória de Graça Aranha 17
O centenário de Alvares de Azevedo . 37
Apresentando a poetisa Henriqueta Lisbôa, por Noraldino Lima 41
Segundas Nupcias 48
Ser poeta 48
Solteirões 49
Discurso de agradecimento do dr. Noraldino Lima, nas homenagens que lhe prestaram os professores e intelectuais de Belo-Horizonte 127
Saudação a Olavo Bilac 233
Olhos 141
Voz inefável 141
A fé 142
Alma branca 142
A ti 143
Epitalamio 143
Triunfal 144
Sonêto 144
Origem da Arte Brasileira 145
Belo-Horizonte 170
Pregando no deserto 170
Terra Mineira 171
Reliquias de Ouro-Preto — Poemas de Mario de Lima 173
Eu tinha um beijo para sua bôca . . 180
Canção tímida 180
Sessão solene da Academia em homenagem aos Rotarianos 181
Herma do dr. Diogo Vasconcellos . . 187
Harmonia dolorosa 189
Encantamento 190
A Lágrima 190

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Trovas 190
A' minha Mãe 191
O carro de bois 191
Coração de mãe 193
Correspondência 231
Indice das matérias 233
Biografia de patronos 241

Do 7.º volume:

Quadro social 3
Sócios correspondentes 4
Relação das cadeiras 5
Comemoração de Goethe 10
Conferência do dr. Lucio dos Santos . 14
Oficios ao presidente da Academia . . 37
Goethe e as mulheres, por Eduardo Frieiro 39
"Goethe", o novo livro de João Ribeiro, por Lindolfo Gomes 47
Goethe e Napoleão, por Guilhermino Cesar 53
Velhice e morte de Goethe 59
Quadras, de Machado Sobrinho . . . 63
Sonetos, de Machado Sobrinho 64
Discurso do presidente da Academia na sessão solene em homenagem a Garibaldi e Anita Garibaldi 65
Discurso do dr. Lourenço Nicolai, consul da Italia 93
Sonetos, de Machado Sobrinho 111
Sangue, peça em um ato, pelo dr. Carlos Góes 113
Sessão solene, em homenagem a Tristão de Athayde 129
Jesus na Bethamia, por Anibal Mattos . 157

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Indice do presente volume

	PAGS.
Quadro social	III
Sócios correspondentes	IV
Relação das cadeiras, etc.	V
Almas Solitárias — Anibal Mattos	3
No caminho da vida — José de Mesquita	99
Na morte de Alexandre Herculano — José de Mesquita	100
Boca — Mendes de Oliveira	101
Chave de ouro — Mendes de Oliveira	102
Romance de dona Celeste — Alfonsus de Guimaraens	103
Ponto de honra — José de Mesquita	107
Saudade da Lua — J. Guimarães Menegale	121
As obras de arte — Diogo de Vasconcellos	139
Indice das matérias contidas nos 8 primeiros volumes	225

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS

Compra
M. Casasanta

BIBLIOTECA
PÚBLICA ESTADUAL
DE MINAS GERAIS